



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

TUTORIA E DESAFIOS DA FORMAÇÃO.
ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DO V CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CONTINUADA E A DISTÂNCIA

BEATRIZ HELENA PINHO SILVA

BRASÍLIA – DF, dezembro de 2011

BEATRIZ HELENA PINHO SILVA

TUTORIA E DESAFIOS DA FORMAÇÃO.
ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DO V CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTINUADA
E A DISTÂNCIA

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dr^a Carmenísia Jacobina Aires.

BRASÍLIA – DF, dezembro de 2011

BEATRIZ HELENA PINHO SILVA

TUTORIA E DESAFIOS DA FORMAÇÃO.
ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DO V DE
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTINUADA
E A DISTÂNCIA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Carmenísia Jacobina Aires (Orientadora)
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Prof. Dr^a Elizabeth Danziato Rego
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Prof. Dr^a Hέλvia Leite Cruz
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

BRASÍLIA – DF, dezembro de 2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem a direção dele, sem fé, não chegaria até aqui. Aos meus pais, Rita e Sérgio, que me ensinaram princípios e valores necessários para a construção de um mundo justo e melhor e pela dedicação e esforço em sempre propiciar condições para que eu pudesse estudar e chegar até a Universidade Pública mesmo em meio a muitas dificuldades.

A minha avó e irmã, Elenice e Bárbara, pelo incentivo e apoio durante toda a minha trajetória acadêmica e pelos incansáveis diálogos com a minha avó, que sempre finalizavam em: “vai estudar Beatriz, perde tempo não”.

Ao meu namorado, André Salomão, pelas aprendizagens que construímos juntos e pela grandeza em compreender a minha ausência e intolerância no decorrer desta produção.

À minha orientadora, Carmenísia, que me ensinou a acreditar na educação à distância como uma modalidade de ensino altamente democratizadora, fica aqui meu respeito, admiração, carinho e amizade.

Agradeço também à professora Kátia Curado, pelas nossas “conversinhas informais”, inúmeras sugestões bibliográficas e muitas ideias sem as quais não chegaria até aqui.

Ao meu amigo, Fabrício dos Santos, que me apoiou durante toda a minha trajetória acadêmica e caminhou lado a lado durante esses quatro anos. Tenha certeza meu amigo que saio da academia com um irmão que vai comigo para sempre.

Aos meus companheiros e amados: Fernando, Ana Letícia, Jennifer, Jorge, Dayana, Laís, Karla Cristina, Kamila e Samara e se eu estiver esquecendo alguém me perdoe, fica aqui minha amizade e carinho a estes queridos e também minha gratidão por terem feito parte da minha história dentro da Universidade de Brasília.

A Lu, Rafa, Cabeça e Seu Manuel, que me atenderam gentilmente esses quatro anos, e se mostraram amigos em todos os momentos.

A todos os professores, em especial a professora Leila Chalub e a todos os queridos do Observatório da Juventude: Martita, Lavínia, Rayssa, Bruno, Cauan, Raul, Danielle, Clarissa e Taynara, pessoas maravilhosas com as quais eu compartilhei os melhores momentos da minha vida.

Ao V Curso de Educação Continuada e à Distância, em especial às cinco tutoras que gentilmente se disponibilizaram a participar desta pesquisa, cedendo espaço para a realização do meu grupo de discussão, mesmo em meio a tantos afazeres. À tutora Cecília do pólo UAB Ceilândia, que me despertou o desejo e vontade de pesquisar a respeito de formação para profissionais que atuam a distância.

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de discutir a formação continuada para profissionais que atuam à distância. Com isso a formação continuada é considerada um aspecto relevante a ser tratado, pois essa modalidade exige profissionais bem preparados, que dêem conta das particularidades que essa modalidade específica apresenta. Educar a distância requer conteúdos adequados, metodologias e didáticas apropriadas. Diante dessa realidade, a pesquisa tratará acerca da formação continuada oferecida para profissionais da Universidade Aberta do Brasil, partindo da percepção dos tutores que trabalham no âmbito da referida formação, que é o V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância. O referencial teórico discorre acerca das influências da formação para profissionais que atuam na educação à distância, destacando-se as contribuições do V Curso na formação dos profissionais que atuam na Universidade Aberta do Brasil, do Distrito Federal. A pesquisa foi qualitativa e para a coleta de dados foi usado o grupo de discussão. Os sujeitos do grupo foram profissionais que atuam no V Curso de Especialização em Educação continuada e a Distância, como tutores. Os resultados apontaram que esses profissionais necessitam de formação para poder atuar com eficiência. Esses mesmos dados apontam também que muitos profissionais não receberam formação apropriada quando ingressaram na Universidade Aberta do Brasil. Logo enfrentaram dificuldades em se situar no Ambiente Virtual de Aprendizagem, bem como de utilizar as ferramentas tecnológicas necessárias. Iniciativas como as da Faculdade de Educação, em oferecer um curso de formação continuada, colaboram positivamente para a prática desses profissionais.

Palavras-chave: Formação Continuada, Profissionais, Tutoria, Educação à Distância.

RESUMEN

Este trabajo tiene como finalidad discutir la formación continua para profesionales que actúan a distancia. Esta formación continua se considera un aspecto importante para ser discutido, ya que este método requiere buena formación, que tengan en cuenta todas las características especiales que esta educación tiene. Educar a distancia requiere contenidos adecuados, metodologías y didáctica apropiada. La investigación trata de la educación continua para los profesionales de la Universidad Abierta de Brasil, y también de la percepción de los tutores que trabajan formación en V Curso. Las bases teóricas acercan de la influencia de la formación de los profesionales que trabajan en la educación a distancia, destacando el impacto de la formación para profesionales que trabajan en la Universidad Abierta de Brasil, el Distrito Federal. La investigación fue cualitativa y la recogida de datos se utilizó el grupo de discusión. Los sujetos del grupo fueron los profesionales que trabajan en el V Especialización en Educación a Distancia y Permanente, en calidad de tutores. Los resultados mostraron que estos profesionales necesitan una formación para poder operar con eficacia. Estos mismos datos también indican que muchos profesionales no recibieron una formación adecuada cuando se incorporaran a la Universidad Abierta de Brasil. Pronto se enfrentaron a dificultades en la colocación del Ambiente Virtual de Aprendizaje, y el uso de herramientas tecnológicas. En que iniciativas como la Facultad de Educación, para ofrecer un curso de educación continua, cooperan positivamente a la práctica de estos.

Palabras- clave: Educación Continua, Profesionales, Tutoría, Educación a Distancia.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Quadro 1- Funções que o professor assume no papel de tutor.....	36
Quadro 2- Termos empregados para a formação.....	49
Quadro 3- Ferramentas colaborativas do ambiente virtual.....	61
Figura 1- Problematização e teorização da Prática.....	54

LISTA DE SIGLAS

EAD- Educação a Distância;

UAB- Universidade Aberta do Brasil;

MEC- Ministério da Educação;

TICs- Tecnologias de Informação e Comunicação;

CEAD- Centro de Educação Aberta Continuada e a Distância;

RNP- Rede Nacional de Pesquisa;

CNP- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico;

CONSED- Conselho Nacional de Educação;

PRO-INFNATIL- Programa de Formação Inicial para professores em Exercício na Educação Infantil;

PRO-INFO- Programa Nacional de Informática na Educação;

MOODLE- Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

MEC- Ministério da Educação

IES- Instituição de Ensino Superior

FE- Faculdade de Educação

DEX- Decanato de Extensão

SEE- DF- Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal.

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho Final diz respeito à conclusão do meu processo formativo no curso de graduação em Pedagogia. Ele está estruturado na seqüência a seguir.

Na parte I contém o Memorial Educativo, que se trata de uma autobiografia, onde é apresentado um resgate histórico educacional reflexivo. Há uma retomada da trajetória pessoal da autora, em que foram levantados diversos pontos que marcaram a vida da autora e também influenciaram as escolhas acadêmicas. Essa mesma parte também contém a Introdução deste trabalho.

A parte II traz a monografia, que consta do Referencial teórico a respeito de Formação na educação à distância. Foi trabalhado o histórico da EAD e também a parte da Formação na EAD, onde foi dado o histórico da formação, concepções, características e também influências dessa formação no ensino a distância, levando em conta as particularidades e especificidades que a modalidade apresenta. Nesta parte também é tratada a metodologia de pesquisa, problema, justificativa, e objetivos contemplados neste trabalho. A pesquisa procurou responder às indagações contidas nos objetivos. Em continuidade, é apresentada a discussão dos dados desta pesquisa coletados num curso de formação realizado no âmbito do Sistema UAB, em seguida são apresentadas as considerações finais.

Na parte III apresento as perspectivas futuras, anseios e sonhos.

SUMÁRIO

I- MEMORIAL EDUCATIVO

FORMAÇÃO BÁSICA.....	10
MUDANÇA PARA CAPITAL.....	11
INÍCIO DO NÍVEL SUPERIOR.....	12
TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	13
EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIOS.....	16
INTRODUÇÃO.....	17

II- REFERENCIAL TEÓRICO DO TRABALHO

CAPÍTULO 1- TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

1-1 Conceito do Ensino a distância.....	21
1-2 Histórico da Educação a Distância.....	22
1-3 A Universidade Aberta do Brasil: característica histórico- conceituais.....	25
1-4 A educação a distância na universidade de Brasília.....	26

CAPÍTULO 2: IMPLICAÇÕES DA FORMAÇÃO NO DESEMPENHO DO TUTOR.

2.1 Breve Histórico da Tutoria.....	34
2.2 Funções do Tutor no Ambiente On-Line.....	35
2.3 Desafios da Tutoria no Contexto da Formação Continuada.....	41
2.4 Competências e Habilidades do Tutor que investe na formação.....	47

CAPÍTULO 3- A FORMAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.

3.1 Concepções de Formação Continuada: um resgate histórico conceitual.....	50
3.2 A Legislação Brasileira da Educação à Distância: Limites e Possibilidades para a formação continuada.....	56

3.3 Modelos Metodológicos de Formação para Profissionais que atuam a distância.....	59
3.4 Implicações da Formação Continuada no ensino a distância.....	66

CAPÍTULO 4- A PESQUISA

Metodologia da pesquisa: A pesquisa Qualitativa.....	74
4-1 Metodologia do grupo focal.....	73
4-2 Organização e desenvolvimento do grupo focal.....	74
4-3 Papel do mediador e roteiro do grupo focal.....	75
4-4 Procedimento e análises das informações.....	76

CAPÍTULO 5- RESULTADO E DISCUSSÃO

DIALOGANDO COM OS DADOS DA PESQUISA

5-1 Concepções de formação continuada.....	77
5.2 A estrutura oferecida pelo v curso.....	83
5.3 O v curso em educação continuada e a distância propõe uma formação baseada na reflexão da prática pedagógica específica do ensino a distância.....	85
5.4 Se o v curso a partir do olhar das tutoras atingiu dois de seus principais objetivos. que é oferecer uma formação de qualidade e influenciar positivamente o sistema UAB.....	88

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
--------------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	93
-------------------------	-----------

III PERSPECTIVAS FUTURAS.....	98
--------------------------------------	-----------

APÊNDICE.....	102
----------------------	------------

I- MEMORIAL EDUCATIVO

O Memorial acadêmico trata-se de um resgate histórico das vivências educativas. Acredito ser muito importante a elaboração do memorial, pois ela enriquece e traz significado a todo o percurso realizado pelo aluno. Procurarei destacar os pontos principais de minha vida que influenciaram minhas escolhas acadêmicas, e o caminho que percorri até chegar à Universidade de Brasília.

FORMAÇÃO BÁSICA

O início: infância e primário no Rio

Comecei minha trajetória escolar, em um ambiente não informal de educação. Fui alfabetizada em um fundo de quintal no município de Nova Iguaçu - Rio de Janeiro, onde nasci e fui criada. Nesse ambiente, a tia “Nenem”, que era professora normalista aposentada do Município, me alfabetizou. Fiquei dos cinco aos sete anos de idade com ela, quando estava alfabetizada, fui para a escola pública do Estado do Rio de Janeiro.

A minha primeira escola era perfeita fisicamente aos meus olhos. Fui fazer a primeira série com uma professora bem nervosa, a tia Hélia. Lembro que eu era muito levada, hoje sei que era uma criança hiperativa. Para conseguir a minha atenção a professora puxava minhas orelhas e também me castigava de costas para o quadro negro. Sempre eu e “meu grupinho” ficávamos de castigo, sem recreio. Ela também fazia um ditado que me deixava apavorada. Tinha constantes dores de barriga antes de ir para a aula, pois ficava nervosa com a pressão do ditado. Comecei a não gostar mais da escola, meus pais resolveram então me matricular no ensino integral oferecido pelo Estado.

A fim de dar continuidade ao curso primário, meus pais me colocaram no Brizolão, uma escola integral de excelente qualidade. Como minha mãe trabalhava perto, passava lá para ver eu e minha irmã no horário do almoço. Meus pais trabalhavam como vendedores na época, por esse motivo eu sabia dar trocos e também mexia com dinheiro muito bem para uma criança de 8 anos. Os professores reconheciam isso e eu era elogiada na escola. Nessa mesma época meu pai abriu uma banca na feira de São Cristovão no Rio de Janeiro e lá vendíamos camisetas de escola de samba e adornos para o

Carnaval. Amava trabalhar na rua com os meus pais e dividia meu tempo entre o trabalho e os estudos.

O colégio contava com uma equipe de professores excelentes, aprender era prazeroso e guardo ótimas lembranças daquele local. Minha mãe me contou que para conseguir a vaga dormiu na porta da escola com o meu pai, com isso nos matriculou eu e minha irmã. As refeições eram sempre gostosas e a escola também contava com uma biblioteca que possuía vários livros infantis, passava horas lendo.

Como minha mãe trabalhava na praia, aprendi a nadar sem dificuldades. Lá tinha uma escolhinha de surf para crianças, onde aprendi a ter paixão pelos esportes. Entrei nessa escolhinha com 8 anos, e o tio Sandro, meu professor, me ensinou a nadar. Eu levava a sério e detestava faltar aulas. Ele não deixava criança que tirava nota baixa participar, minha mãe apresentava meu boletim todo o bimestre, logo minhas médias eram altas, por que eu tinha medo da minha mãe me tirar das aulas de natação. Também tenho ótimas lembranças do professor. Com 11 anos mudei de escola, pois essa escola integral não tinha sexta série, fui para uma escola do Estado que estava sempre em greve, lembro que fiquei mais em casa do que na escola. Aproveitei esse tempo e ajudava meus pais com as vendas. Naquele mesmo ano compramos nossa casa em Nova Iguaçu. Não havia nem três meses que estávamos nessa casa e surgiu uma oportunidade maravilhosa na vida do meu pai que mudaria nossas vidas. Ele ganharia uma promoção, que aumentaria o salário dele, na época era muito baixo, e também seria promovido. Meu pai aceitou a proposta e então nos mudamos.

MUDANÇA PARA A CAPITAL

Mudar para Brasília foi um grande “choque” para mim, tudo era estranho e bem diferente do Rio. O início não foi fácil, principalmente na escola. Detestava Brasília, não tinha amigos, achava que minha vida social estava destruída. Fiquei muito triste por um bom tempo, e não conseguia me adaptar. Tudo era diferente para mim; as pessoas, o ambiente, e o ensino também. Comecei a sétima série numa escola de ensino fundamental do Guará: Centro Interescolar do Guará, antigo CIE. Achava o ensino muito “diferente”,

pois no Rio mal tinha aula. No entanto como a minha mãe sempre deixou clara a importância dos estudos, me superei e consegui acompanhar. Na oitava série, já estava mais acostumada e sempre me destacava com boas notas, sendo aluna destaque de turma constantemente. No entanto tinha ainda alguma dificuldade em me relacionar, tinha poucos amigos, ainda estava muito ligado ao Rio e as pessoas queridas que deixei lá.

Contudo me esforçava para alcançar notas boas e ir de férias para lá todo ano. E assim passaram-se os anos e fui para o ensino médio, cursado no colégio “GG” do Guará, Centro educacional 02. Como sempre gostei de esporte, e me destacava jogando handebol, uma professora me chamou para jogar profissionalmente. Para mim foi muito bom. Enquanto fiz o ensino médio, joguei handebol e isso me estimulava constantemente.

INÍCIO DO NÍVEL SUPERIOR

Quando terminei o ensino médio, resolvi fazer Educação Física por meio de uma bolsa que o trabalho do meu pai oferecia na Unieuro. Fiquei cerca de um ano lá, gostava muito do curso por causa do handebol. No entanto a bolsa acabou, pois o trabalho do meu pai suspendeu o convênio, logo não tivemos dinheiro para pagar, pois a mensalidade era altíssima, nem se eu arrumasse um emprego conseguiria custear a faculdade. Então pensei em entrar em uma Universidade pública. Resolvi fazer um cursinho, como não tinha dinheiro, fiz a prova de bolsas do ALUB (cursinho pré-vestibular) e consegui um ótimo desconto. Não sabia bem o curso que iria fazer, acreditava que não passaria para a educação física, pensei em fazer Artes Cênicas, mas nunca levei jeito para artes. Então fiz um teste vocacional no cursinho com um psicólogo e a primeira opção de curso que ele concluiu que cabia no meu perfil era Pedagogia. Fiquei surpresa e resolvi então fazer o vestibular para esse curso. Estudava noite e dia, me tranquei praticamente dentro do cursinho. Consegui passar e minha família toda comemorou, pois ainda não tínhamos ninguém com nível superior. Minha irmã, meu primo e eu seremos os primeiros.

TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Acredito que minha trajetória de vida influenciou em minhas escolhas. Hoje amo a Pedagogia e quero contribuir positivamente para a melhoria da qualidade educacional do país. Conheço as mazelas do sistema, tenho vivência do Rio e de Brasília, sei que nesses dois entes federativos, e no restante do país, existem inúmeros problemas e falhas na educação.

A Universidade de Brasília é uma instituição que me marcou como pessoa e cidadã. Aqui tive a oportunidade de conhecer, aprender e pensar criticamente. Participei de vários projetos e pesquisas que trouxeram significado e foram impactantes na minha vida. Sou muita grata aos meus professores, em especial a professora Carmenísia, que sempre demonstrou amizade e paciência em me ensinar.

Atualmente sou bolsista da professora Leila Chalub Martins, onde desenvolvo um trabalho de extensão com os jovens de escolas públicas do entorno de Brasília. O projeto Novos Olhares conta com duas pesquisadoras e uma equipe de quatro alunos bolsistas (da qual faço parte). Trabalhamos várias temáticas com os alunos: mercado de trabalho, ingresso na vida profissional, acesso ao nível superior, pesquisas a respeito da cidade e por último elaboramos um documento que apresenta todo o levantamento realizado pelos alunos da cidade sobre vários setores: saúde, educação, segurança e mercado de trabalho. É realizado um fórum com os gestores públicos da cidade, do qual sou chefe de cerimônia e também ajudo os jovens a apresentarem a carta aos gestores. Por fim esses gestores se comprometem em ajudar, bem como dão encaminhamento ao trabalho que iniciamos na cidade. Já realizamos esse trabalho nas seguintes localidades: Pedregal, São Sebastião, Águas Lindas, Ceilândia, Planaltina, São Sebastião e Paranoá. É um trabalho de grande relevância social e quero assim que me estabilizar financeiramente, continuar atuando como voluntária pelo mesmo projeto.

Também trabalhei na Psicologia, com Surdez. Lá desenvolvi com a professora Daniele Nunes Henrique Silva e com o professor Ileno Costa, um trabalho de atendimento aos surdos com sofrimento psíquico, sendo a Universidade de Brasília pioneira nesse tipo de pesquisa. Com isso conheci

Libras, e me apaixonei por essa língua. O atendimento era Psicoeducativo, logo tinha um enfoque pedagógico. Foi muito rico, amo a educação especial e sei que ainda posso aprender e saber muito mais dessa área, sempre procuro me atualizar e por gostar da temática da surdez, frequentei por um tempo a equipe de discussão da professora Celeste Azulay, no entanto ela se transferiu para a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o grupo se desfez.

Atuei também no Formate sob orientação da professora Daniele Nunes, um projeto da Psicologia, que visava oferecer formação continuada para professores em exercício. Esse projeto se desenvolvia em uma escola próxima a UnB e lá pude aplicar muitos conhecimentos que aprendi na disciplina Administração das Organizações Educativa, pois a escola não contava com um Projeto Político Pedagógico, não se aplicavam os princípios da gestão democrática e os professores não refletiam também a respeito de sua formação. Aprendi muito com esse projeto e vi que educar requer responsabilidade e seriedade, quando isso não é levado a sério, todo o trabalho fica prejudicado.

Particpei também do projeto Rondon. Desenvolvi projetos que os meus colegas levaram para Minas, Goiás e Rondônia. Tive a oportunidade de dar aula para crianças carentes no Recanto das Emas, como voluntária pelo mesmo projeto.

Sempre gostei de estar na extensão. Acredito que é finalidade de Universidades Públicas é levar algo de significativo para população. Logo sou extensionista e procuro estar sempre envolvida em diversos projetos estejam eles dentro ou fora da Pedagogia.

Em minha graduação participei de diversos encontros, seminários, e fiz cursos fora da Universidade. Procurei conhecer e beber de várias fontes. Como a Universidade trabalha com projetos que trata da iniciação a pesquisa, realizei todos os meus projetos com a professora Carmenísia, que discute a respeito de Gestão, Tecnologias e Educação a Distância. Estou com ela desde o projeto 1 e sou orientanda de projeto 5. Fiz cursos da área de educação a distância, estagiei na Universidade Aberta do Brasil, participei de eventos e fui debatedora juntamente com ela e mais uma colega de curso de uma mesa redonda que tratava de tutoria num curso de Especialização.

Acredito que os projetos são extremamente relevantes para a formação do aluno dentro do curso de Pedagogia. Todas as fases ajudaram a construir meus

conhecimentos, sedimentando-os conforme eu ia amadurecendo academicamente. O projeto 1 foi marcante. Pois lá, conheci meus amigos e aprendi a me situar dentro da Universidade. Foi nessa disciplina também que a professora Carmenísia me despertou o desejo de atuar na extensão. Ela sempre falava para procurarmos outros departamentos a fim de aproveitarmos o máximo da Universidade.

O projeto 2, abriu meus olhos a respeito da Pedagogia. Tinha meu olhar totalmente voltado para a licenciatura, não sabia que o pedagogo podia atuar em diversos locais fora a escola. Confesso que isso me deixou bastante feliz.

O projeto 3, me deixou meio perdida e angustiada, pois foi um período de muitas dúvidas. Eu cursava o terceiro semestre e não sabia direito para onde ir. Acredito que podíamos ter um professor para nos mostrar a diversidade de projetos que a Faculdade de Educação oferece. No entanto, duas amigas (Alexandra e Jennifer) me contaram que a professora Carmenísia abriria projeto de Gestão, tecnologias e educação à distância. Como eu tinha curiosidade em aprender como se educava a distância, aceitei o convite e fui para a reunião da disciplina. Gostei da ementa e vi que valeria a pena me dedicar e esforçar em cima da temática do ensino a distância.

Desde o projeto 3 pesquiso sobre EAD, mais isso não me engessou, pois realizei também outras pesquisas e estudos dentro da educação especial e da temática do ser jovem na periferia e com isso cresci muito academicamente. No entanto, devido aos grandes incentivos e do companheirismo que encontrei nos amigos que juntamente comigo ingressaram nessa área, eu avancei na EAD chegando nessa linha de pesquisa até o projeto 5. Fiz todas as três fases do projeto 3 na educação à distância e me “nutri” teoricamente através de diversos autores que me foram apresentados. Fiz dois cursos que me aprofundaram mais ainda: Informática Educativa e Tutoria no Ensino a distância no Centro de Educação profissional. Participei de fóruns, encontros, seminários, e fui debatedora com a professora Carmenísia e mais duas colegas em uma mesa redonda que tratava de tutoria num curso de Especialização.

EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIOS

O projeto 4 trata-se do estágio. Esse projeto é composto por duas fases: 1 e 2. A fase 2 eu realizei em uma escola classe localizada no Guará. Fiz sobre gestão da sala de aula na educação infantil. Pude dar aulas sob orientação da professora que acompanhei, e isso foi muito gratificante. Eu quis ir para a sala de aula e acredito que o pedagogo precisa dessa experiência para poder atuar com competência. Com isso a experiência em sala de aula é fundamental na formação de qualquer licenciado. Acompanhei crianças carentes, moradoras da Estrutural que sofriam muitos problemas sociais. Pude perceber nesse projeto que ser professor, não é uma tarefa simples, e que as crianças necessitam de apoio para poder avançar. Percebi também que quando a família não auxilia a criança na escola, o trabalho do professor fica comprometido e a criança não avança academicamente.

A fase 1 do projeto 4 eu realizei na Universidade Aberta do Brasil no pólo da Ceilândia. Nesse local, aprendi muito sobre a EAD, e conheci a tutora Cecília, que atuava como tutora presencial do curso de biologia nesse mesmo pólo. Lá eu percebi que a EAD é uma modalidade de ensino tão problemática quanto o ensino presencial. Nesse mesmo período eu vi como funciona um curso de graduação à distância na prática, e como se desenvolve a atuação de uma equipe pedagógica dentro do ambiente virtual.

Tenho bagagem e me sinto preparada para dar continuidade e avançar nessa temática. Acredito na educação a distância, como uma boa modalidade de ensino, pois, ela é democratizadora. O acesso a ela é ilimitado, rompe com as barreiras geográficas e chega aos pontos mais remotos do país. Todos têm direito a educação e uma educação de qualidade.

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a educação a distância tem crescido muito e atendido boa parte da demanda educacional. A figura do tutor nessa modalidade é de grande valia para o desenvolvimento do aluno, pois, esse profissional realiza a mediação entre o aluno e o conhecimento, auxiliando-o em todos os momentos do curso.

Esses profissionais que também são docentes e exercem sua prática pedagógica nessa modalidade, precisam dominar os recursos que as tecnologias de informação e comunicação oferecem. É importante também, que esses profissionais desenvolvam um bom relacionamento com os alunos, utilizando metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem dos discentes. Diante de todas as particularidades que a docência a distância apresenta, o tutor, como profissional, deve refletir constantemente sobre sua prática, procurando rever suas ações em prol da melhoria de seu desempenho.

A Universidade Aberta do Brasil agrega em si diversos profissionais que lidam com os discentes e que também não receberam formação apropriada quando ingressaram para serem profissionais dessa referida instituição. Logo, pensar em uma formação continuada para o exercício desses profissionais é importante. Diante dessa realidade, a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, instituiu o Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância, que já está em sua quinta versão. Esse curso tem o intuito de atender a grande demanda de profissionais que necessitam de formação.

Para que o prosseguimento do curso que já teve V edições fosse positivo, de acordo com o documento de projeto básico do referido curso, foram feitas algumas alterações: a extensão do tempo destinado a cada Módulo; A integração do trabalho de tutores virtuais para desenvolvimento de todas as atividades dos Módulos, em apoio ao trabalho do professor, numa proporção de 1 tutor para cada grupo de 35 alunos; E a elaboração de material impresso de apoio, com os conteúdos dos Módulos. Segundo o projeto básico, o curso tem os mesmos princípios de EAD e são norteados pela Comunidade Trabalho e Aprendizagem em Rede – CTAR.

Em documento elaborado pelos gestores do curso, foi definida a rede CTAR como sendo:

“A CTAR, como espaço de formação de educadores, seja como “educare” (nutrir-se) seja como “e(x) ducere” (conduzir para fora), dirige-se ao desenvolvimento das potencialidades humanas nas

dimensões física, emocional e mental num processo contínuo, para além da potencialidade crítica e propositiva do repensar a universidade, a educação básica, os ambientes virtuais multimídia, os movimentos sociais em rede, podendo contribuir no repensar a própria pesquisa em educação, enfatizando a pesquisa – ação existencial”.

A rede CTAR, conforme o exposto acima tem como um de seus objetivos fomentar espaços de formação para profissionais que atuam a distância. De acordo com este mesmo projeto, o curso tem o objetivo: de formar, em nível de Especialização, 210 professores; de propiciar a vivência de novas formas de comunicação; a utilização das interações, em especial as mediadas pelas tecnologias da informação e da comunicação (TIC), implicando em uma nova ambiência pedagógica.

O público alvo do curso são professores que realizam tutoria no Sistema UAB, Coordenadores de pólos da UAB, professores de outras IES e funcionários da UnB e da CAPES envolvidos com atividades de Educação a Distância, e os remanescentes do IV Curso de Especialização. Outra informação que diz respeito ao público alvo, é que para se inscrever no referido curso, o sujeito deve ser portador de curso de Graduação que apresente pré-projeto de desenvolvimento de temas relacionados com a área de Educação a Distância – EAD.

Segundo o projeto básico, o curso é organizado em 10 módulos teórico-práticos, compostos de fóruns, oficinas virtuais, encontros presenciais, videoconferências e webconferências. A plataforma Moodle é utilizada como mídia integradora.

O curso dispõe de um sistema de tutoria que compreende o trabalho de acompanhamento pedagógico por tutores e professores autores que fazem, conjuntamente, a orientação para o projeto de criação e desenvolvimento das disciplinas.

A equipe do curso também conta com o apoio com um profissional de informática, que oferece apoio tecnológico, e de um tutor presencial, que atua na publicação dos conteúdos, atividades, tarefas e acompanhamento das atividades no ambiente on-line, Moodle.

O projeto básico traz que o curso é ministrado em 10 módulos, com 28 créditos, totalizando a carga horária de 420 horas. A avaliação é formativa, considerando a realização das atividades e tarefas previstas em cada módulo, participação nos fóruns de discussão e nos encontros presenciais e seu aproveitamento na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

Para que o aluno então se forme, adquirindo o título de especialista, são necessários: o cumprimento de 420 horas de estudo/trabalho, com aproveitamento nas atividades e tarefas especificadas em todos os Módulos (Módulos I a X), obtendo a aprovação mínima (menção MM); e a apresentação e aprovação do Trabalho de Conclusão do Curso – TCC (com a menção mínima MS).

Os materiais didáticos do curso são disponibilizados em um Caderno de Estudos, reproduzindo os conteúdos, orientações e atividades disponibilizadas no Moodle, para apoio ao aluno. Outros recursos didáticos também utilizados são o CD-ROM e a versão do Moodle *offline* para consulta ao conteúdo no computador sem necessidade da WEB. A pesquisa foi realizada no âmbito do V Curso. Tendo o seguinte problema: Qual a percepção que os tutores do V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância tem em relação à formação oferecida, bem como as influências desse curso para o sistema Universidade Aberta do Brasil?

O trabalho apresentou os seguintes objetivos: Identificar a concepção que o tutor possui de formação continuada; Analisar como os tutores compreendem a formação oferecida pelo V Curso; Compreender como os tutores analisam a relevância da formação, bem como a infra-estrutura tecnológica, processo de interação pedagógica, conteúdo e metodologia; Identificar, a partir da percepção do tutor, se o V Curso em Educação Continuada e a Distância propõe uma formação baseada na reflexão da prática pedagógica específica do ensino a distância; Verificar se o V Curso, a partir da visão dos tutores, conseguiu influenciar positivamente o sistema UAB.

O instrumento dessa pesquisa foi o grupo focal, realizado com os tutores do Curso. Feito o grupo focal, foram analisadas as falas desses profissionais.

Dado os dados da pesquisa, o instrumento de coleta e a técnica de investigação que foram empregados na realização, trataremos agora do corpo desse trabalho que foi estruturado em 6 capítulos assim sistematizados.

No capítulo 1 intitulado, **TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA** e feito um resgate histórico da educação à distância e também são expostas diversas definições a respeito do que é educar a distância a partir do olhar de vários autores.

No capítulo 2 nomeado **IMPLICAÇÕES DA FORMAÇÃO NO DESEMPENHO DO TUTOR** é feita uma reflexão do tutor que tem sua prática voltada para a formação continuada.

No capítulo 3, **A FORMAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA** apresentam-se os aspectos históricos e as características fundamentais dos modelos de formação.

No capítulo 4, intitulado **METODOLOGIA DA PESQUISA: A PESQUISA QUALITATIVA**, é identificadas os fundamentos metodológicos, a descrição de suas etapas os instrumentos e a técnica utilizados para a investigação desta pesquisa.

O capítulo 5, nomeado **DIALOGANDO COM OS DADOS DA PESQUISA**, é destinado à apresentação do locus da pesquisa e do grupo de discussão realizado com os sujeitos bem como é feita a análise dos dados suscitados no grupo.

No capítulo 6, **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, é feita uma reflexão, na qual procurou-se estabelecer uma articulação entre os objetivos da pesquisa e os resultados alcançados.

Este trabalho pretende contribuir para os estudos referentes à formação de profissionais que atuam a distância, com isso pretende-se dar continuidade desse estudo em uma pós graduação.

I- REFERENCIAL TEÓRICO DO TRABALHO

CAPÍTULO I- TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

*“Não há docência sem discência as duas
se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças
que os conotam, não se reduzem
a condição de objeto, um do outro.
Quem ensina aprende ao ensinar e
Quem aprende ensina ao aprender.*

Paulo Freire (2006 p.23)

1-1 Conceito do Ensino a distância

A educação a distância é definida basicamente como uma modalidade de ensino onde aluno e professor estão separados presencialmente. Para Belloni (2006) é uma modalidade alternativa de educação, capaz de superar limites de tempo e espaço, extremamente adequada e desejável para atender às recentes demandas educacionais desencadeadas pelas mudanças na ordem econômica e individual.

Peters (2004) expõe a ideia de que a EAD é uma modalidade de educação com objetivos, estudantes, mídias e estratégias diferentes. Ele afirma que a situação educacional, o clima de aprendizagem, os métodos de aquisição do conhecimento são diferentes, não há uma interação direta entre docentes e discentes, a interação é mediada por artefatos, o processo ensino aprendizagem ocorre, predominantemente, por meio do uso da linguagem escrita ao invés da linguagem oral.

Enfim o autor expõe algumas características que diferenciam o ensino à distância das outras modalidades de ensino. Um aspecto interessante colocado por Peters (2004) é que geralmente a EAD é voltada para os excluídos do sistema tradicional de ensino, principalmente do ensino superior, adultos com responsabilidades profissionais e familiares, que encontram na EAD uma possibilidade de aprendizagem permanente.

Isso é um fator interessante de ser analisado, pois ela tem um caráter de educação andragógica, ou seja, pessoas adultas utilizam ferramentas tecnológicas a fim de se educar. A praticidade, bem como a facilidade que o adulto tem em utilizar essas ferramentas torna

o ensino à distância à modalidade educacional que mais cresce atualmente. Para Belloni (2006), a EAD exige que o estudante assuma um papel mais autônomo no processo de ensino aprendizagem.

Tem-se o conceito de EAD comumente associada à educação permanente, também conhecida como educação continuada ou educação ao longo da vida. E isso faz com que a educação não fique restrita apenas a um período da vida, ela tem como principal objetivo fazer com que a educação se expanda ao ciclo da vida, permeando todas as fases desde a educação escolar, a educação profissional até a formação complementar (PETERS, 2006).

De acordo com Belloni (2006) a EAD deve ser vista como parte de um processo de inovação educacional grandiosa, que se desenvolve, principalmente pela integração das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTCICs) aos processos educacionais.

1-2 Histórico da Educação à Distância

No Brasil, a EAD tem os seus primeiros registros antes de 1900 com cursos profissionalizantes por correspondências, no Rio de Janeiro. Eram cursos de datilografia ministrados por professores particulares e ainda não se tinha uma institucionalização dessa modalidade educativa. O ensino à distância era propagado por meio de correspondências e os materiais didáticos eram transportados principalmente por ferrovias.

Existem inúmeras produções, de diversos autores, que tratam acerca do histórico da educação à distância. Neste trabalho utilizaremos a periodização de Dias e Leite (2010, p. 24 apud TAYLOR 2001, p. 12):

Segundo Taylor, historicamente as operações em Educação a distância evoluíram pelas quatro gerações que se seguem: 1- Modelo por Correspondência baseado na tecnologia de impressão; 2-Modelo Multimídia, baseado em tecnologias impressas e audiovisuais; 3-Modelo de teleaprendizagem, baseado em aplicações das tecnologias de telecomunicação que forneciam oportunidades para a comunicação sincrônica; 4- Modelo de Aprendizagem Flexível, baseado no envio on-line do material via internet. No entanto apesar de muitas universidades estarem iniciando a implementação das iniciativas de EAD da quarta geração a quinta já está emergindo. Está a última geração é essencialmente uma derivação da quarta, que visa tirar maior vantagem dos recursos da internet via web. Nesse sentido, esse autor, juntamente com os seus colaboradores, elaborou um quadro comparativo com as principais características dos vários modelos de EAD, visando colocar o “Modelo de aprendizagem Flexível Inteligente” em um enquadre conceitual.

Taylor (2001) chamou esse quinto período de: “Modelo de aprendizagem Flexível” inteligente, devido ao grande crescimento das TIC. A quinta geração, para esse mesmo autor, transformará a EAD e também a experiência dos estudantes, pois terá o potencial de dar um grande salto na economia de escala, porque serão desenvolvidos softwares educacionais automatizados onde o aluno poderá ter acesso com maior rapidez a multimídia utilizada pelo curso devido às facilidades que o próprio portal da Instituição apresentar. O aluno se tornará mais autônomo, já que a comunicação entre ele o curso será viabilizada não apenas pelo computador; ele usará sistemas de respostas automáticas, ficando cada vez mais independente dentro do “ciberespaço”, pois as tecnologias e recursos serão interativos, ou seja, dialogaram com ele. Dias e Leite (apud TAYLOR 2001) fala que ainda precisamos evoluir muito, principalmente as instituições que atuam com EAD para se integrarem a quinta geração. No entanto, estamos avançados, mas as dificuldades são inúmeras. Apesar do crescimento tecnológico estar sendo grande, muitas pessoas ainda não tem acesso à internet. Ele fala também da urgência em capacitar profissionais técnica e pedagogicamente nessa área. O quinto modelo visa explorar todos os recursos que atualmente as tecnologias poderão oferecer.

Para que a quinta geração avance com qualidade, é preciso que haja investimento e organização do governo no tocante às estruturas educacionais. De acordo com dados da Secretária de Educação a Distância (2011), o Brasil atualmente conta com 158 instituições credenciadas pelo governo federal para ministrar cursos de graduação e pós graduação lato sensu. O site da Universidade Aberta o Brasil traz também que, aproximadamente, no primeiro semestre de 2012, a Universidade de Brasília oferecerá mestrado à distância na área de Educação Infantil e Educação Matemática, o que significará um avanço para a EAD no Brasil.

A EAD tende a expansão, claro que isso deverá vir acompanhado de qualidade. Alves (2007) traz que os custos dos cursos à distância tendem a ser reduzidos, e com o decorrer do tempo, a burocracia para os credenciamentos deve ser diminuída à medida que as instituições alcançarem a maturidade desejável pelos órgãos credenciadores. O cenário atual da educação à distância brasileira é promissor, pois existem profissionais qualificados e instituições sérias que querem contribuir com uma educação a distância de qualidade; mesmo assim, merece atenção, cuidado e constantes reflexões, porque essa modalidade carece de melhorias, no que diz respeito a sua estrutura legal e tecnológica.

Cabem as instituições de ensino trabalhar em prol de uma educação à distância de qualidade, respaldada em princípios éticos que possibilitem sempre avanços, nunca retrocessos.

1-3 A Universidade Aberta do Brasil: Características Histórico-Conceituais

O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) foi criado em 2005 e oficializado pelo decreto nº 5.800 de 8 junho de 2006. Fruto da luta dos educadores comprometidos com o ensino e também de constantes articulações de instituições de ensino superior municípios e estados, visando à democratização, a expansão e a interiorização da oferta de ensino superior público e gratuito do país.

Trata-se de uma articulação entre as instituições de Ensino Superior e o pólo ¹de apoio presencial. Segundo Dias e Leite (2007), o MEC não cria uma nova instituição de ensino, mas articula as já existentes por meio de consórcios firmados com a UAB e a instituição de ensino superior. A ênfase da UAB está em programas voltados para a expansão da educação superior com qualidade e promoção de inclusão social. Devido à inserção das TICs, sustentáculo da UAB, os materiais e recursos são inúmeros possibilitando a formação de uma grande demanda de alunos. Segundo Mota (2009, p.300) a criação da UAB trata-se:

... “de um marco histórico para a educação brasileira e que será amalgamado na produção coletiva de iniciativas compatíveis com a necessidade de revigoramento do modelo de formação superior no Brasil- tradicionalmente baseada em formação acadêmica inicial, não continuada- e no repensar a educação ao longo da vida, considerando-se as progressivas e profundas reestruturações das relações profissionais bem como a emergência de novas competências para o trabalho provocados pelos avanços constantes tecnológicos em nossos dias.

A EAD por ser uma modalidade baseada no contexto de educação tecnológica já traz em si um caráter altamente formador, pois instiga uma educação “ao longo da vida”, seja por meio de cursos de graduação, lato sensu ou sequenciais. Ela possibilita uma

¹ Pólo de educação a distância, ou pólo de apoio presencial, é o local devidamente credenciado pelo MEC, no País ou no exterior, próprio para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância. É no pólo que o estudante terá as atividades de tutoria presencial, biblioteca, laboratórios, teleaulas, avaliação (provas, exames, etc.) e poderá utilizar toda a infraestrutura tecnológica para contatos com a instituição ofertante e ou participantes do respectivo processo de formação.

continuidade, instiga e provoca isso, tanto por seu meio facilitador, quanto o compromisso que o aluno assume quando estuda a distância, já que esse se torna autônomo em seu processo de aprendizagem, essa autonomia requer responsabilidade, seriedade e compromisso. A Universidade Aberta do Brasil, nesse contexto vem com o intuito de fomentar o incentivo a pesquisa no Brasil. Para Mota (2009) a UAB propiciará o atendimento às demandas reprimidas por educação superior no país.

A Universidade Aberta do Brasil nasce com o intuito de propagar uma educação de qualidade que consiga trazer inclusão educacional. O governo viu a necessidade de investir na educação à distância, pois muitas pessoas não estudavam por diversos motivos e isso as excluía do mercado de trabalho, corroborando para uma baixa qualificação acadêmica da população.

Aíres (2004) fala a respeito dessa necessidade na qual, segundo a autora, a lógica excludente ainda é hegemônica e a EAD trata-se de uma modalidade educativa, que além da equidade, objetiva a socialização e a democratização do conhecimento. Sendo este um dos pilares da UAB, democratizar o ensino, derrubando as barreiras geográficas, por meio de um ensino sem fronteiras.

Mota (2008) aponta como pano de fundo da criação da UAB, a convergência de esforços das instituições participantes do Fórum das Estatais pela Educação, para a criação de bases da primeira Universidade Aberta do País. Essa iniciativa se consolidou a partir de amplos e democráticos debates, particularmente de inclusão entre Governo Federal, empresas públicas, estatais e a Andife.

Diante disso percebemos que essas iniciativas partiram de esforços de todas as camadas sociais. Surgiu também da discussão de educadores que pensavam e queriam mudanças no cenário educacional brasileiro. Desde sua gestação, nos fóruns, percebia-se a preocupação em democratizar o ensino por meio das tecnologias.

Com o tempo, inúmeras Instituições Federais de ensino superior, abarcaram o projeto educacional da Universidade Aberta do Brasil, cedendo à estrutura acadêmica do curso. Ficando a cargo de o governo conceder a estrutura e prover os pólos de atendimentos aos alunos. Isso é apenas um exemplo para ilustrar o quanto a UAB é necessária e se faz presente em várias partes do Brasil. Além de oferecer graduação, fomenta a formação continuada, corroborando para uma melhor profissionalização do docente. Mota (2009, p.301) explica como tem sido esse cenário e qual é um dos principais objetivos da UAB:

A falta de oportunidade de realizar cursos de educação continuada e a dificuldade de acesso ao ensino superior são na maioria dos casos, os motivos da baixa qualificação e das poucas expectativas da melhoria do trabalho docente por parte dos professores em exercício quando se defrontam com alunos ávidos pelo saber. A EAD se apresenta, então, como uma alternativa de formação desses profissionais como educadores mais críticos e mais reflexivos, visando à criação de ambientes e de possibilidades de efetiva inclusão e exercício da cidadania. É importante destacar que, especialmente, no caso de professores em efetivo exercício que ainda não tem formação inicial (graduação no caso) adequada (estamos nos referindo a centena de milhares), a metodologia a ser adotada é crucial).

No caso do Brasil, temos inúmeros profissionais que atuam na docência sem formação superior e a UAB, solucionaria esses impasses. Ela já se faz presente em todo o território nacional. No entanto, esta EAD não está madura. Para Dias e Leite (2007), faz-se necessário uma ampla discussão sobre os rumos da EAD nos diversos setores da sociedade. Ou seja, há, ainda, a necessidade de conhecimento técnico e pedagógico sobre a EAD, a formação inicial e continuada dos profissionais dessa modalidade e, sobretudo, a emergência de uma discussão no sentido de se criticar o ensino a distância oferecida pela UAB. Só assim teremos o crescimento e a mudança contínua. Criticar e procurar soluções para a melhoria do sistema deve ser a prioridade dos profissionais que acreditam na UAB.

1.4 A Educação a Distância na Universidade de Brasília

A Universidade de Brasília foi fundada em 15 de dezembro de 1961, um ano depois da fundação de Brasília. Teve como primeiro gestor Darcy Ribeiro, antropólogo que tinha ideias revolucionárias. No entanto, devido a fortes pressões do regime militar da época, foi exilado em 1964 tendo seus direitos políticos cassados não podendo mais atuar como reitor da Universidade, ficando essa tarefa a cargo dos militares. Nos três anos de atuação do reitor Darcy Ribeiro inúmeras reformas educacionais aconteceram.

Como a Universidade ainda era nova, a gestão de Darcy ficou responsável por estruturar bem como organizar os cursos e a própria infra-estrutura da Universidade. A Faculdade de Educação naquela época funcionava como reitoria, o que lhe atribui caráter histórico de patrimônio cultural para a UnB.

Devido os inúmeros acontecimentos históricos que influenciavam a Universidade como um todo e também a perda que significou os anos em que os militares estiveram à frente da gestão da Universidade, muitas medidas boas que deveriam ter sido tomadas na

época foram postergadas, ficando a Universidade amarrada ao regime militar. Não se tinha uma política de valorização para a educação. Houve sim uma reforma do ensino superior em 1968, no entanto, ela não propôs a utilização dos sistemas de comunicação de massa como recurso de ampliação para o ensino a distância. Porém na época da ditadura militar, os sistemas de comunicação de massa eram pouco utilizados para fins educacionais.

Projetos de lei para a criação de uma Universidade Aberta já tinham sido apresentados desde 1974 e a UnB foi à primeira Universidade pioneira na execução de cursos de extensão oferecidos no período de 1979 a 1985 sendo realizados com a aprovação da reitoria (que na época funcionava onde hoje é atualmente a faculdade de educação) e financiados pela editora UnB. De acordo com Martins (2006) não foi uma tarefa fácil implementar uma educação à distancia no Brasil, devido ao momento complexo que vivíamos.

Na década de 70, 80 não tínhamos um número suficiente de educadores que sabiam lidar com o ensino a distância. Logo, devido a essa carência, importamos uma educação à distância Inglesa: “Open University”, fundada desde 1965 pelo partido Trabalhista da Inglaterra. Martins (2006, p.62), explica como era esse sistema de ensino: “O sistema de ensino na Inglaterra utilizava os meios de comunicação de massa para se propagar”.

No caso da Universidade de Brasília, foi importada a metodologia bem como a tecnologia inglesa, por meio dos materiais impressos. A editora da UnB tinha como função principal traduzir o material vindo da Open University para os cursos que ela oferecia a distância. Com isso a editora atingiu visibilidade, ficando a cargo dela, traduzir esse material para o restante do país que utilizava o material impresso da Open University. Isso tornou a UnB reconhecida nacionalmente. Azevedo (1979, p. 91 apud, Martins 2006, p. 89) explica como isso aconteceu:

A editora UnB passou a ser detentora dos direitos de tradução para o português e de distribuição no Brasil de todo o material da Open University inglesa. Para empreendimento de tal vulto a UnB buscou o apoio da iniciativa privada e de outras instituições. Foram estimulantes os entendimentos mantidos com órgãos do governo Federal, com a fundação João Pinheiro, a Fundação Padre Anchieta, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a Secretária de Educação do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, a Siderbrás, a Petrobrás e as cadeias de televisão.

E com o passar do tempo esses índices foram aumentando; a Universidade começou a oferecer cursos utilizando o material dos ingleses e também de professores brasileiros da Universidade de Brasília. Esses cursos eram de extensão e também a UnB oferecia seminários e conferências.

Em 1982, cursos eram oferecidos também utilizando o programa da TV nacional, com o título de Universidade Aberta. Tinha o intuito de debater e analisar temas culturais e políticos de importância no momento. Na gestão do professor Azevedo, do mesmo ano, surgiu uma possibilidade da UnB firmar uma parceria com a fundação Roberto Marinho, utilizando material impresso e recursos audiovisuais, no caso, o jornal e televisão. No entanto Martins (2006, p.67) fala que a associação entre a UnB e a fundação Roberto Marinho nunca chegou a se concretizar devido aos altos investimentos que demandaria:

(...) “o investimento necessário para a implantação do projeto de ensino a distância com o uso da televisão na UnB, chegava nas primeiras estimativas, a U\$ 10 milhões de dólares e seria financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). As negociações com o banco foram realizadas pela reitoria, porém sua implementação enfrentou oposição do Ministério da Educação que demorou a dar seu parecer favorável. Com isso o recurso somente chegou na UnB na gestão que sucedeu a do prof. Azevedo, sendo que o montante original ficou reduzido a somente U\$ 3 milhões de dólares. A solução encontrada foi repassar metade dos recursos para a UnB e a outra metade para a fundação.

A Universidade de Brasília utilizou essa verba para investir em material tecnológico para a criação do Centro de Produção Cultural e Educativa- CPCE. No entanto, esse projeto nunca foi aplicado na prática. Devido ao fato da Universidade de Brasília traduzir, bem como adaptar os materiais da Open University para o restante do país, ela ficou conhecida, nacionalmente, como uma instituição que oferecia ensino à distância. Isso fez que a demanda dessa modalidade aumentasse no Distrito Federal. Os cursos eram em diversas áreas. Martins (2006) cita como exemplo desses cursos: O Curso de História do Cálculo e Bases Biológicas do Comportamento. Mais outros cursos eram oferecidos também e utilizavam principalmente o material impresso para se propagar.

A Open University disponibilizava, além do material impresso, um acervo de filmes. Martins (2006) expõe que muitas vezes esse material oferecido não era de qualidade e a inadequação cultural era um dos piores defeitos. Devido a essas diferenças culturais, o material da Open University era por vezes inadequado, levando o descrédito de vários membros da academia no que dizia respeito a EAD naquela época.

Na década de 80 o modelo de educação a distância oferecida pela UnB baseava-se ainda no material impresso, mas já desvinculado da Open University. No entanto ela ainda tinha dificuldade de se desenvolver devido ao pouco apoio dos acadêmicos da época. Com a chegada da internet, visto na época ainda como um recurso complementar para a educação à distância, ela expandiu e diversificou a oferta de cursos à distância. No entanto,

como ainda a internet estava no começo e não tínhamos tecnologia eficiente não dando para atender uma grande demanda, ela começava a “engatinhar” rumo ao ápice que aconteceria com a explosão da Universidade aberta do Brasil em 2004 que veremos mais a frente.

Com o declínio do regime militar, havia fortes pressões de docentes que queriam eleger seu reitor de maneira democrática. No entanto, o governo não se sentiu satisfeito com esse movimento. Porém, devido a fortes pressões e lutas sociais em março de 1985 assume o professor Luiz Octacílio Carmo como reitor interino. E no mesmo ano por meio de eleições dentro da Universidade de Brasília, assume Cristovam Buarque. Isso significou um avanço e foi motivo de euforia para comunidade acadêmica. Martins (2006, p.71) relata um pouco como isso se sucedeu:

Pela primeira vez em sua história, o movimento de professores e alunos conseguiu eleger um Reitor para a Universidade. Até aquele momento, todos os reitores que passaram pela Instituição, tinham sido impostos à comunidade acadêmica. No período até 1964 os Reitores tinham sido nomeados para organizar a Universidade e colocá-la em funcionamento; de 1964 até 1985 foram impostos pela ditadura militar para controlar a universidade politicamente. As mudanças democráticas na política do país iniciadas a partir de 1985, refletiram-se em outros setores da vida nacional. No ensino superior a redemocratização possibilitou a revisão das políticas de ensino-pesquisa extensão das universidades.

Martins (2006) fala também que a participação de professores da UnB nos cursos de EAD começou depois da abertura política da universidade. Os cursos oferecidos até 85 eram orientados pelos militares. Depois da queda do regime, a educação a distância, na UnB, tornou-se democrática e isso fez com que ela expandisse e ganhasse força na academia. Nessa mesma época diversas mudanças ocorreram sob o clima de euforia democrática e a UnB viu na EAD uma ótima maneira de fazer extensão. Um exemplo disso foi o curso “Constituição e Constituinte” que tinha como objetivo articular a retomada da participação cidadã e facilitar a compreensão do significado de uma assembleia constituinte. Mas, a EAD ainda sofria com diversas falhas na gestão. Martins (2006) aponta que havia certa “desorganização”, pois não tinha um controle exato dos alunos, deixando os cursos soltos. Independente desse fator, os cursos deixaram contribuições riquíssimas, pois, neles foram discutidos a importância da educação a distância na democratização do ensino. Martins (2006) coloca também que professores principalmente os ligados a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília nutriam o desejo de ver a UnB como uma instituição verdadeiramente pública que abrisse espaço para comunidade,

utilizando também a EAD para que isso de fato acontecesse. No entanto a gestão de Cristovam foi mais preocupada com as questões sociais. Martins (2006) fala que ele utilizava mais a EAD oferecendo cursos de extensão se preocupando pouco em expandi-la.

A fim de organizar a EAD na UnB e também de fomentar uma educação a distância mais democrática, a UnB cria, em 1989, o CEAD- Centro de Educação Aberta e Continuada a Distância. O intuito do CEAD era oferecer formação em nível de especialização para profissionais que iriam trabalhar com o ensino a distância. Segundo Martins (2006), havia uma proposta para a criação de um Curso de Treinamento de Especialistas em Educação a Distância em toda a América Latina. Era uma proposta interessante, pois a UnB, por meio de tecnologias, iria sair dos limites da instituição oferecendo formação não apenas para o Brasil, o intuito era atingir outros países democratizando o ensino. No entanto infelizmente isso não avançou devido à carência que detínhamos de tecnologia e também de profissionais aptos para lidar com a EAD. Martins (2006, p.78) coloca que:

Como podemos ver a criação do Centro necessitava formar especialistas em EAD. Embora a UnB já tivesse tido experiências com cursos de EAD, esse tipo de conhecimento estava limitado a um número muito pequeno de professores. Os que foram especializar-se fora do Brasil relatam o espanto causado pelos europeus pelo fato do Brasil possuir empresas de telecomunicações avançadas e as universidades públicas brasileiras não terem acesso a esses sistemas para viabilizar seus cursos de EAD.

Como as Universidades Brasileiras não tinham acesso a essa tecnologia, a EAD não avançava. Para propagar essa modalidade contávamos ainda na época com o material impresso e não tínhamos profissionais em número suficiente para trabalhar na área. Martins (2006) coloca que na década de 80 planejar a EAD na UnB ficava a cargo de um pequeno número de professores interessados no assunto. No entanto esse quadro muda com a chegada da internet na década de 90, que trouxe consigo a grande revolução no uso de novas tecnologias de informação e comunicação. Logo articulações em volto a expansão da internet aumentaram e em 1994 foi criada a Rede Nacional de Pesquisa RNP do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) implantou-se no Brasil, no âmbito da Universidade, o acesso à internet. Nesse momento, segundo Martins (2006), a UnB como instituição ainda não havia despertado para a importância

desse meio de comunicação que provocaria mudanças estruturais nas relações sociais, econômicas, políticas e cognitivas não só no âmbito acadêmico, mas, também, na sociedade como um todo.

Com o acesso facilitado à internet, ampliaram-se as oportunidades de se propagar um ensino a distância de qualidade. Pensava-se agora com mais firmeza em utilizar a EAD para formação de profissionais. A internet trazia consigo a esperança da democratização do ensino e isso incentivou diversas instituições da época a investirem nessa modalidade devido ao grande número de docentes que atuavam na educação básica e não possuíam nível superior.

A primeira iniciativa de consórcios feitos para nível superior no Brasil foi o BRASILEAD, que iniciaria seus trabalhos em 1993. O BRASILEAD ofereceria cursos à distância em nível de especialização. Esse consórcio era uma parceria da Faculdade de Educação da UnB com Faculdades de outros estados do Brasil, como UFRJ, no Rio de Janeiro. Infelizmente ele fracassou. Martins (2006, p.91) explica como isso aconteceu:

Apesar dos interesses dos professores da FE, o BRASILEAD não se desenvolveu como era esperado. A falta de experiência com EAD por parte das instituições parceiras da UnB, as dificuldades de tomada de decisão e as divergências conceituais entre os parceiros fizeram com que o projeto não avançasse. O laboratório de redes telemáticas chegou a ser instalado na UnB, porém logo foi desativado e a rede de teleconferência nunca chegou a entrar em funcionamento. Alguns computadores foram distribuídos para as demais universidades (um para cada universidade), porém a rede que seria para a cooperação interinstitucional não chegou a funcionar.

O projeto não vingou devido principalmente à falta de experiência e conhecimento sobre a EAD, por parte dos gestores envolvidos. No ano seguinte a esse acontecimento, em 1994, criou-se a cátedra da UNESCO, que tinha como principal alvo difundir a EAD, transformando a faculdade de educação em um espaço de referência dessa modalidade. O primeiro curso oferecido foi: “Especialização em avaliação à Distância”, atingindo sucesso na Universidade de Brasília. Nessa mesma época, o CEAD lutava por mais autonomia dentro da UnB. Ele ainda era muito vinculado a Reitoria e Martins (2006) coloca que a Universidade de Brasília não via a EAD com a relevância que merecia. Isso ficava a cargo de alguns educadores, principalmente os ligados a FE. Martins (2006, p.93) expõe isso por meio do Relatório de Prestação de Contas do CEAD, datado de 1995.

O Centro de Educação, Aberta, Continuada a Distância- CEAD é ainda um centro relativamente desconhecido na Universidade de Brasília- UnB e ainda busca uma identidade própria. Desde sua criação em 1989, não tem

conseguido se impor, como deveria, através de sua prática de ensino a distância. Fatores históricos têm contribuído para isto, destacando-se dentre eles: a não percepção por parte das UnB da importância do ensino a distância para o país; o pouco investimento que tem sido feito no crescimento e desenvolvimento institucional do CEAD- com reflexos diretos no seu quadro pessoal; e a inexistência, na UnB como um todo, de uma política ou programa de ensino a distância que defina rumos, prioridades e papéis.

Apesar de todas as dificuldades que o CEAD enfrentava, ele se articulava com o DEX, MEC, SEE-DF, para poder atender um grande número de pessoas que queriam se especializar e isso independiam da relevância que a Universidade de Brasília dava a ele. Em 1999 foi criada a escola de extensão pelo DEX (Decanato de Extensão). Martins (2006) coloca que essa escola oferecia 311 cursos a distância de extensão para 2.807 alunos. O CEAD na mesma época ofereceu três cursos de especialização recebendo 1604 inscrições. É importante ressaltar que o CEAD passou anos sob responsabilidade da Reitoria, depois de lutas travadas sob a reorganização da EAD na UnB, a gestão de Centro ficou a cargo da FE.

Martins (2006) aponta que nessa época, como a EAD estava se firmando e havia ainda uma desorganização, existiam muitas divisões. Independente da desorganização, os cursos oferecidos eram bons. Martins (2006) fala que isso fazia com que a UnB fosse conhecida nacionalmente, pela qualidade dos cursos de EAD oferecidos. Não tínhamos tecnologia boa na época, no entanto, contávamos com uma excelente equipe de docentes que elevavam a qualidade da EAD oferecida.

A plataforma Moodle ²chega a UnB em 2001, e em 2006 ela ganha espaço dentro da Universidade, pois alguns cursos utilizavam a EAD para difundir as suas disciplinas. Martins (2006, p. 114) explica como essa plataforma ganha espaço e respeito não só no DF, mas também em outras locais: “A confiabilidade na plataforma Moodle, a possibilidade de alteração, o suporte técnico e a facilidade de uso levaram não só a UnB mais outras instituições a adotarem essa plataforma como suporte para seus Ambientes de Aprendizagem”. A utilização desses recursos facilitou inclusive a oferta de serviços do CEAD que tem utilizado a plataforma nos seus cursos on-line. Atualmente os cursos oferecidos pela UnB em consórcio com a UAB utilizam essa plataforma para se propagar.

Atualmente a Universidade de Brasília, oferece cursos de graduação, e também de especialização, como é o caso do V Curso em Educação Continuada e a Distância. A

² É um sistema de administração de atividades educacionais destinado à criação de comunidades on-line, em ambientes virtuais voltados para a aprendizagem.

Universidade firmou um consórcio com a Universidade Aberta do Brasil e tem propagado o ensino a distância. Segundo dados do site da Universidade Aberta o Brasil a UnB, oferece mais de 20 cursos de graduação à distância. A Universidade também promove formação continuada para professores em serviços: CFORM. Este centro é organizado, e mantido pela UnB. Ele fomenta a formação em serviço para professores em exercício, que atuam na modalidade presencial, em vários pontos do país, sendo reconhecido nacionalmente. Hoje vemos que a EAD se faz necessária e extremamente útil dentro do ensino.

O caminho que essa modalidade percorreu não foi fácil. A EAD sempre enfrentou e enfrentará resistências. No entanto, isso não a impediu de expandir na Universidade de Brasília. É uma modalidade de ensino antiga, no entanto, vemos que muitos educadores e também a própria Universidade confiou e apostou, o próprio governo Federal estimulou devido às grandes demandas educacionais. Exposto isso, o ensino a distância hoje é visto como mais uma porta que se abre para o cidadão que deseja estudar e aprimorar seus conhecimentos.

CAPÍTULO II- IMPLICAÇÕES DA FORMAÇÃO NO DESEMPENHO DO TUTOR

2.1 Breve Histórico da Tutoria

Para compreender a tutoria de modo geral, que acontece no ensino a distância, é preciso entender como ela se configurou no passado. Para Sá (1998), a tutoria como método nasceu no século XV na universidade, onde foi usada como orientação de caráter religioso aos estudantes, como o objetivo de difundir a fé e a conduta moral. Posteriormente, no século XX, o tutor assumiu o papel de orientador dos trabalhos acadêmicos, e é com este mesmo sentido que incorporou aos atuais programas de educação à distância.

Com o decorrer dos anos, essa tutoria precisou adaptar-se e também amadurecer, para dar conta da grande demanda que se configurou com a modernidade e os avanços da tecnologia. O tutor é um profissional da educação, e a tutoria ocorre pela mediação que o tutor faz entre o saber e o aprendiz. Essa mediação tem como consequência o exercício da prática pedagógica desse tutor. O desafio dele e também de todos os atores envolvidos com a educação à distância é promover uma educação de qualidade, que consiga cumprir e garantir a aprendizagem do aluno.

Tendo em vista a crescente necessidade de tutoria, até por que, para que se estabeleça aprendizagem, é necessário o contato humano seja este presencial ou não, não existirá um modelo único de atendimento ao aluno, ela irá variar, a partir de demasiadas abordagens utilizadas pelo tutor e a metodologia do sistema de ensino.

Nas primeiras experiências em EAD, quando os cursos eram oferecidos por correspondência, o ensino se inspirava no modelo fordista de divisão de tarefas, baseadas na transmissão de informação e calcadas no cumprimento de objetivos. O aluno estudava por módulos instrucionais, que tinham a função de ensinar. Nesse modelo, a figura do tutor era praticamente inexistente e sem muito valor, já que ele desempenhava apenas o papel de ‘acompanhante’ do processo de aprendizagem do aluno. (BARBOSA e RESENDE, 2006).

A partir da década de 1980, século XX, a ênfase que era dada à transmissão de informação e ao cumprimento de objetivos, que foi substituída pelo apoio e à construção do conhecimento aos processos reflexivos, aparecendo à ideia de tutor como aquele que dá apoio à construção do conhecimento.

Atualmente, a tutoria passa a ser considerada como um dos fatores fundamentais para o bom desempenho do aluno. Assim, o tutor tem sido objeto de estudo de diversos autores e, de acordo com as concepções pedagógicas do curso no qual ele está envolvido, recebe variadas denominações, tais como: orientador, professor, facilitador da aprendizagem, tutor-orientador, tutor-professor e até mesmo animador de rede. (BARBOSA e RESENDE, 2006).

2.2 Funções do Tutor no Ambiente On-Line

No ambiente on-line é sabido que o tutor deverá acompanhar os alunos, mediando o aprendizado colaborativo, tão requerido hoje no ensino a distância. Belloni (1999) lista algumas das funções que o professor está assumindo para desempenhar o papel de tutor na EAD:

Quadro 1. Funções que o professor assume no papel de tutor:

Professor no papel de tutor	Função
. Professor formador	. Orientar o estudo e a aprendizagem do aluno.
. Conceptor e realizador de cursos e materiais	. Preparar os planos de estudos, currículos e programas.
. Professor pesquisador	. Pesquisar e se atualizar em sua disciplina.
. Professor tutor	. Orientar o aluno em seus estudos.
. Tecnólogo educacional	. Organizar pedagogicamente os conteúdos adequados a cada suporte técnico.
. Professor “recurso”	. Providenciar respostas às dúvidas do aluno.

.Monitor	. Coordenar grupos de estudo nas ações presenciais de EaD.
----------	------------------------------------------------------------

Fonte: Belloni (1999,p.32)

O tutor no ambiente on-line³ deve viabilizar o “aprender a aprender”; assumindo uma postura de facilitador, pois ele poderá enfrentar todos os tipos de problemas que se configuram nesse tipo de ambiente. A tutoria será o exercer dessas atitudes e ações que ele adotará nos ambientes educacionais, sejam eles a distância ou não.

Para o bom desenvolvimento dessa tutoria é necessário que o tutor estabeleça um bom relacionamento com os alunos, utilizando metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem dos discentes. Para isso é necessário: organização, dinamismo, pro – atividade, perseverança, incentivando esse aluno em todos os momentos do curso.

Dominar a metodologia do curso e também as tecnologias dos sistemas presentes no ensino a distância é fundamental. Aíres (2004, p. 5) acrescenta:

A mediação do sistema EAD realizadas pelas *TICs¹, exige uma revisão paradigmática do processo educativo, implicando dois aspectos essenciais: domínio da utilização dos aparatos tecnológicos e, essencialmente, da utilização didático pedagógica dos mesmos. Assim, torna-se imprescindível a apropriada utilização das TICs (tecnologias de informação e comunicação) na constituição e desenvolvimento dos sistemas de EAD, especialmente no tocante aos principais atores- professores e alunos. Estes devem adquirir competência para interagir, superar os obstáculos inerentes ao uso e explorar o potencial que trazem consigo para a construção da aprendizagem colaborativa.

O tutor deve ter compreendido que gerir cursos a distância requer planejamento prévio, preparo e o constante acompanhamento e avaliação. O trabalho do tutor dentro de um curso, seja esse de graduação ou não, deve ser previamente planejado e avaliado, o tutor deve gerir e manejar tudo o que diz respeito ao pólo e também ao atendimento com o aluno.

Garcia Aretio (2001) apresenta três funções para o tutor: a função orientadora, mais centrada na área afetiva, a função acadêmica, mais relacionada ao aspecto cognitivo e a função institucional, que diz respeito à própria formação acadêmica do tutor, ao relacionamento entre aluno e instituição e ao caráter burocrático desse processo.

A função orientadora se apoia nos processos de integralidade – orientação dirigida a todas as dimensões da pessoa; universalidade – orientação dirigida a todos os orientandos;

³ *On-line* ou "estar em linha" significa "estar disponível ao vivo"

continuidade – orientação durante todo o processo de ensino-aprendizagem; oportunidade – orientação nos momentos críticos da aprendizagem; e participação – todos os tutores devem participar do processo de aprendizagem do aluno matriculado em mais de uma disciplina na mesma instituição.

Na EAD, a tutoria pode ser desempenhada de forma presencial, semipresencial ou à distância. A modalidade presencial, que se realiza por contatos presenciais com os alunos, individualmente ou em grupos, visa a elucidar questões referentes às dificuldades de conteúdo e dúvidas quanto à metodologia ou aos aspectos estruturais do curso, tais como provas, trabalhos acadêmicos etc. (BELLONI, 1999). A tutoria semipresencial ainda é o tipo mais utilizado pelos centros que oferecem ensino a distância, por ser considerado o método mais eficaz para a tutoria. O tutor semipresencial mantém contatos com os alunos tanto presencialmente, como a distância pelo ambiente.

A configuração do curso em que o tutor irá atuar trará significados para suas ações. Tendo em vista este enfoque, no caso do tutor à distância, que trabalha em ambientes virtuais, utilizando ferramentas assíncronas ou síncronas, a abordagem será diferente. Para cada mensagem postada pelo aluno, seja ela em tempo real ou não, o tutor dará respostas diferenciadas. No que diz respeito ao trabalho de acompanhamento desse aluno, o tutor terá abordagens diferenciadas. Ele acompanhará o trabalho desse aluno e postará mensagens que o orientarão e acompanharão o aluno em sua trajetória acadêmica, colaborando para o aprendizado colaborativo. Aíres (2004, p. 3) divide a abordagem do tutor em duas grandes funções: Orientadora e Acadêmica.

No tocante as funções orientadoras, o tutor deverá enviar as mensagens que traduzam ações de:

Integralidade: De acordo com Aíres (2004, p.4): “É dirigida a todas as dimensões das pessoas; Que instiga o aluno a refletir levando em consideração sua postura frente às ideias e ideais expostos por ele. Analisando a postura do discente como um todo”.

Universalidade: Dirigida a todos os estudantes. Que leva em conta a diversidade dos alunos e o contexto a qual ele está inserido. Para explicitar a melhor essa ideia, Moore e Kearsley (2007) colocam que esse tipo de mensagem deverá ser apresentado com um resumo, que se traduzirá em: “Mensagens de todo os membros do grupo para incluir aspectos importantes, similaridades e diferenças na compreensão do grupo”.

Continuidade: O tutor deve ter atuação ao longo do processo, permanecendo atendo se há desânimo ou queda de qualidade, dessa atuação dentro do curso. O trabalho que ele realiza deve acontecer seguindo um prévio planejamento e reconhecimento da seriedade quanto à continuidade do curso. Segundo, Moore e Kearsley, (2007, p.56): “Participar efetivamente é visto como um elo essencial”. É essencial para os alunos a criação de um vínculo com o tutor, para que ele simplifique e proporcione um caminhar tranquilo, para que aluno se sinta acompanhado. Além disso, o tutor precisa desenvolver uma escuta sensível, voltada para as dificuldades e necessidades que emergirão no trilhar do curso.

Oportunidade: O tutor nessa categoria deve estar atento quanto aos momentos críticos, trazendo sempre a realidade do fórum, chamando a atenção para a finalidade da atividade, eliminando a dispersão, oportunizando e aperfeiçoando o tempo, a qualidade das mensagens e o desempenho do aluno.

Quando a abordagem trata das funções acadêmicas o tutor deverá guiar suas mensagens dando enfoque ao bom desempenho acadêmico do aluno. De acordo com Aíres (2004): “Está relacionada com o aspecto cognoscitivo”.

A abordagem utilizada deverá ser:

Instrucional: Dentro da condução de discussões assíncronas, será necessária uma explicação a respeito do fórum de discussão.

Orientação Metodológica: O desenrolar do fórum pede um acompanhamento mais ligado aos questionamentos, onde orientar trará significado e sentido para esse aluno. Responder esse aluno é fundamental e se traduzirá de maneira orientadora para o mesmo. As ideias concatenadas fluirão naturalmente. E necessário uma prévia explicação sempre quando emergirem dúvidas e a orientação se traduzirá nessas explicações. No que tange a inserção de novas bibliografias, é fundamental que o tutor traga à luz do fórum a importância do aprofundamento teórico para a excelência do processo de ensino e aprendizagem, no que cerne a autonomia acadêmica do mesmo.

Motivacional: Motivar esse aluno é um dos pontos principais, a gentileza e a cordialidade entre os membros do curso só trará benefícios para o processo de ensino e aprendizagem.

Educar a distância demanda conhecimentos e esforço por parte de quem aprende ou ensina. Logo a formação desse profissional deve levar em conta todas as peculiaridades

desse ensino, tornando-o o simples, possibilitando sempre as trocas de maneira colaborativa, para que a aprendizagem se desenvolva da melhor maneira possível. Orientar, acompanhar, mediar e principalmente facilitar o “estar junto virtual”⁴, desse modo amparando o aluno em todos os momentos, colaborando positivamente na caminhada que o mesmo percorrerá pela aprendizagem.

O tutor não educa a distância sozinho. A aprendizagem é uma troca entre todos os atores envolvidos com os alunos. O conhecimento é um processo que deve ser mediado pelo tutor, mas, todos na EAD têm sua responsabilidade perante a aprendizagem do aluno. Se esse aluno se sentir acompanhado, a chance de evasão é bem menor. Segundo Gonzalez (2005), o tutor é o profissional que mais tem contato com os alunos e sua principal função é prevenir a evasão. Gonzalez (2005, p. 46) aponta alguns motivos para essa evasão:

Existem várias razões pelas quais um aluno abandona um curso a distância iniciado com uma visível empolgação e entusiasmo. Os especialistas são unânimes em dizer que as causas da evasão do ensino a distância são muitos diferentes daquelas ocorridas no ensino a presencial. Isso reforça a percepção de que os fatores motivacionais ou desmotivacionais estão presentes em toda e qualquer interatividade⁵ humana.

Não existe educação sem contato humano, sem troca e sem o devido acompanhamento. Gonzalez (2005) é enfático nisso e aponta a tutoria como peça fundamental para aprendizagem do aluno que aprende a distância. Ele fala que as mensagens que o tutor posta, as trocas que ele estabelecer com os alunos, devem motivá-los a terem um nível de participação alto que favoreça as trocas e a interatividade⁶ tão requerida na educação a distância. O mesmo autor aponta também que o tutor deve descobrir o que motiva os alunos a aprenderem comunicando-se de todas as maneiras possíveis com ele. Para Gonzalez (2005, p. 46) esse tutor deverá adotar uma postura de:

8 Estar junto virtual: Acompanhar a caminhada do aluno em todos os momentos do curso. (VALENTE e BUSTAMANTE, 2009).

⁶ Vygotsky é o grande expoente da importância atribuída ao aspecto social a interação, desenvolvendo a interatividade com o outro, com o diferente. Para o pensador, a aprendizagem ocorre por meio da mediação simbólica, entendida como “[...] o processo de interação realizado pelo próprio sujeito com ajuda de outras pessoas”.

Animador, apresentando o curso de uma maneira lúdica e criativa e propiciando a interação contínua entre todos os envolvidos. É necessário, portanto, que o professor empregue todos os recursos possíveis de interação, sejam eles síncronos, assíncronos, como: correspondência, email, fórum de discussão, bate-papos (chats), listas de discussão, murais virtuais, teleconferência e videoconferência, para que os alunos troquem ideias, estabeleçam relações afetivas e motivem-se reciprocamente.

O tutor, quando utiliza todas essas ferramentas, se aproxima dos alunos, estabelecendo uma relação mútua de troca e cumplicidade. O conhecimento é um processo, e o tutor deve propiciar isso de maneira aprazível. Gonzalez (2005) fala também a respeito da arte de seduzir os alunos. Ele utiliza o termo seduzir, como uma maneira de mantê-los envolvidos de fato com sua aprendizagem, motivados e inspirados em aprender. Essa motivação deve suscitar a paixão pelo conhecimento. Gonzalez (2005) traz que o tutor sedutor impressiona pela capacidade de demonstrar atalhos e o manejo eficaz das ferramentas que estão à sua disposição para o exercício da tutoria. O autor coloca que é imprescindível que o tutor goste do que faz e faça com amor, pois se ele toma uma atitude de indiferença para com os alunos, o processo de aprendizagem fica todo comprometido. A indiferença, para Gonzalez (2005), afasta e machuca o aluno. Ele fala também da empatia, cujo tutor deve saber se colocar no lugar do outro para poder compreender o aluno em todos os momentos, desse modo suscitando a afetividade. Compreender também quem é esse aluno, escutando-o respeitosamente é vital no processo de ensino e aprendizagem do discente. Gonzalez (2005, p. 85) aponta que essas habilidades deverão vir acompanhadas de ética profissional tendo o tutor:

[...] “um bom exemplo de moral e ética. De esse modo o tutor evita impor os próprios valores e expectativas e favorecer a ampliação do espaço de cada um dos membros do grupo, escutando e valorizando diferentes ideias e opiniões, mantendo o sigilo daquilo, que lhe foi confidenciado, apontando alternativas de solução para as questões apresentadas, indicando os recursos disponíveis na instituição e estimulando o próprio grupo a se mobilizar para as necessidades detectadas”.

E necessário que o tutor tenha caráter e postura dignos de um educador que tenha antes de tudo um compromisso social e ético com uma educação de qualidade, respeitando sempre o ritmo de seus alunos, zelando pelo conhecimento que o aluno irá construir em sua caminhada acadêmica. Entendendo como esse conhecimento se processará individualmente, respeitando o ritmo de cada um. No tocante ao desenvolvimento do

conhecimento do aluno vale destacar as valiosas contribuições de Teixeira (1957, apud GONZALEZ, 2005, p.22)

[...] “o mais perfeito método de aquisição, de uma habilidade, não poderá ser aplicado rigidamente. O educador terá de levar em conta que o aluno aprende nunca uma habilidade isolada; que, simultaneamente estará aprendendo outras coisas no gênero de gostos, aversões, desejos, inibições, inabilidades, enfim que toda a situação é um complexo de radiações, expansões e contrações”.

O aluno é complexo e apresenta características únicas, individuais. Com isso Gonzalez (2005) expõe que não se deve permitir um comportamento uniforme ou rígido. Dada essa realidade, é importante ousar na arte de educar, rompendo velhos paradigmas, se lançando sem medo e receio de se aproximar demais, estreitando laços de afetos. Com isso Gonzalez (2005, p. 86) conclui que: “O tutor deverá torna-se imperativo, buscando todos os conhecimentos, métodos e recursos já experimentados e provados”. [...] “sem o excessivo pudor de exercer por amor a súpil arte de seduzir pedagogicamente os que esperam com avidez pelo saber libertador”.

2.3 Desafios da Tutoria no Contexto da Formação Continuada

“É que não existe *ensinar sem aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos”. (FREIRE, 1997, p.19)

Quando falamos em educação a distância, logo surge a dúvida: a quem compete o papel de ensinar os alunos? Ao professor que elabora os conteúdos? Ao material didático que por meio das tecnologias por si só se torna interativo? A um mediador? A um tutor?

Enfim, a quem está atribuída à tarefa de mediar o processo aprendizagem desses alunos. O tutor não é o único responsável por ensinar e mediar às trocas entre os alunos e o conteúdo. Belloni (1999) coloca a necessidade de mais profissionais capacitados que possam integrar a equipe de profissionais para a produção de programas de educação a distância de qualidade. É preciso reunir conteudistas, planejadores gráficos, editores,

especialistas em planejamento instrucional, tutores monitores, enfim uma equipe multidisciplinar preparada para lidar com o ensino a distância.

Gonzalez (2009, p. 49) explica que: “Cabe ao tutor mediar todo o desenvolvimento do curso. Respondendo as dúvidas dos alunos, mediando a participação dos estudantes nos chats, estimulando-os a participar e a cumprir as tarefas e avaliar a participação de cada um”. No entanto seu papel não se resume apenas nisso, já que com os avanços da tecnologia e as mudanças sociais e culturais que influenciam a educação à distância, esse profissional deverá adquirir diversas habilidades para desenvolver seu trabalho. Magio (2001) expõe que um bom programa de EAD não deve priorizar o autodidatismo dos alunos, logo profissionais bem preparados é prioridade dentro do ensino a distância, pois esse tutor deve oferecer aos alunos boas estratégias de ensino.

Preparar esses tutores para lidar com essa realidade é tarefa primordial dos cursos de formação. O tutor quando está atento a isso procura formação adequada para poder atuar cada vez melhor em seu trabalho. Desenvolve potencialidades para lidar com os alunos, ajudando-os a obterem crescimento intelectual. Propagar a importância da aprendizagem colaborativa no ambiente on-line é relevante. A boa tutoria garante a comunicação com todos os profissionais envolvidos no curso e o aluno desse modo, deixando claro, os diferentes papéis e também esclarecendo qualquer dúvida que surgir no processo de ensino e aprendizagem do discente. O tutor deve ter claro que ser um motivador trará diferencial para os alunos. Para isso ele precisa de técnicas, conhecimentos teóricos, domínio de conteúdos e metodologias didáticas que o possibilite a desenvolver um trabalho sério e comprometido com a qualidade no ensino a distância.

Gonzalez (2009, p.49) expõe algumas atitudes que o tutor deverá tomar no que diz respeito à orientação dos alunos:

Incentivar os alunos para distribuírem o tempo disponível de suas atividades, reservando tempo para o estudo (...) Orientando os alunos a usar técnicas de resumo e fichamento; Reforçando que os alunos busquem informações extras em livros, apostilas(...); Estimulando-os para que cumpram nos prazos estimulados as tarefas; Incentivar os alunos a buscar o apoio da tutoria no momento em que pairarem dúvidas sobre o conteúdo ou os procedimentos regulamentares do curso realizado; Comunicando-se habitualmente com os alunos, de todas as maneiras possíveis, previstas ou não no desenho instrucional do curso. Sobretudo com que aqueles que apresentam maior dificuldade para prosseguir nos estudos. Telefone, e-mail, fax, correspondências e telegramas são meio eficazes para restabelecer o contato com os alunos desestimulados.

Gonzalez (2009) expõe que essas atitudes são um pouco das principais atribuições que o tutor possui. No entanto pensar numa formação que o ajude a lidar com todas as implicações que o ensino a distância apresenta não é um tarefa simples. O tutor não é um simples monitor, logo o preparo e o cuidado na formação desses profissionais é algo que deve ser discutido. Um curso de formação tem que prepará-lo não só academicamente, mas também trabalhar sua sensibilidade no trato com o ensino a distância.

A formação ensina o profissional a desenvolver além de meios e técnicas eficazes, diversas habilidades que os ajudem a pensar criticamente sobre suas práticas. Uma boa formação vem imbuída de compromisso social e responsabilidade. O tutor-professor deverá torna-se capaz de desconstruir o paradigma tradicional do qual ele foi constantemente ensinado a seguir, desconstruindo preconceitos e ou atitudes que o impossibilite de enxergar o ensino a distância como ele verdadeiramente se apresenta.

A formação deve levar esse profissional a diversificar na educação. A educação a distância é dinâmica e utiliza as tecnologias para se propagar. O hipertexto dentro da educação a distância traz dinamicidade para o ensino e o profissional que trabalha em ambientes virtuais deve saber concatenar ideias conforme traz Siqueira (2006, p. 25) acerca do conceito de hipertexto na educação à distância:

Hipertexto são conjuntos de elementos ligados por conexões em Internet. Estes elementos conectados formam uma grande rede de informação e podem ser palavras, imagens, vídeos, áudio, documentos. São conectados como se fosse um texto de um livro, um assunto é ligado ao outro em sequencia. A conexão feita em um hipertexto é algo imprevisto. O hipertexto permite a comunicação de dados, organizando conhecimentos e guardando informações relacionadas. O hipertexto dá acesso rápido e abundante a informações diretamente ligadas a assuntos e elementos localizados em diversos pontos do texto.

O conteúdo trabalhado de maneira hipertextual permite o diálogo entre as ideias que surgirão na aprendizagem. O ensino é uma troca, e essa troca possibilita constantes reflexões por parte de quem aprende e ensina. Segundo Levy (2004, p. 73), o hipertexto representará:

A metáfora do hipertexto dá conta da estrutura indefinidamente recursiva do sentido, pois já que ele conecta palavras e frases cujos significados remetem-se uns aos outros, dialogam e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso, um texto já é sempre um hipertexto, uma rede de associações. O vocábulo “texto”, etimologicamente, contém a antiga técnica feminina de tecer. E talvez o fato deste tricô de verbos e nomes, através do qual tentamos reter o sentido, ser designado por um termo quase têxtil não seja uma coincidência.

O hipertexto é uma das possibilidades que o tutor poderá utilizar em sua prática, não só ele, mas também toda a equipe envolvida com o processo de ensino e aprendizagem do discente devem estar preparados para lidar com esses recursos. O hipertexto tem o poder de fazer esse constante movimento de construção e reconstrução dos saberes. Concatenar as ideias tornando-as claras, interligadas, instigando os alunos a construírem e reconstruírem seu conhecimento é uma maneira hipertextual de se trabalhar no ensino a distância. Esse movimento traz a interdisciplinaridade, tão difundida e requerida nos dias de hoje, pois são pedidas pessoas cada vez mais dialógicas que consigam responder às rápidas mudanças que o mundo requer, devido aos constantes avanços que as tecnologias de informação e comunicação passam.

Educar de maneira hipertextual exige uma intensa busca por parte dos tutores em tornar a educação e a maneira de se ensinar mais aberta, ampliando-as em conceitos e ideias. Essa amplitude se expande e ramifica, fazendo com que o conhecimento, antes estático, se torne interativo e flexível.

O conceito da cibercultura na formação para profissionais que atuam a distância também deve ser discutido. A formação para profissionais que atuam a distância deve entender a cibercultura como uma nova maneira de compreender as relações tecnológicas que se estabelecem na sociedade. Para Basso (2007, p. 1) a cibercultura tem desenvolvido:

A cibercultura tem criado o que está sendo chamado de “mídia do cidadão”, onde todos são estimulados a produzir, distribuir e reciclar conteúdos. As expansões da cibercultura potencializam o compartilhamento, a distribuição, a cooperação e a apropriação dos bens simbólicos. A área acadêmica também tem se esforçado neste contexto, no que se refere a sinergia das causas tecnológicas e efeitos sociais e vive-versa.

A educação a distância se propaga principalmente pelo uso das tecnologias, por meio da internet, e ela oferece inúmeras possibilidades para o aluno que aprende, pois nela se encontram diversas informações e conteúdos, com isso o tutor tem como desafio instigar o aluno a procurar sempre conteúdos acadêmicos de qualidade diante da infinitude de possibilidades que a cibercultura apresenta atualmente.

Trazer esses aspectos a tona é relevante para definirmos quem seria esse tutor dentro de suas particularidades. Até onde a formação do tutor ajuda-o no lidar com as tecnologias e no trato com os alunos? Qual seria esse tipo de formação? Leal (2001, p.4) coloca alguns aspectos interessantes:

Mas a todo o custo devemos evitar a formação de um tutor que reproduza a fragmentação do saber, a cultura de lotes de conhecimentos. É fundamental garantirmos uma formação que sustente a compreensão da prática educativa em que seus elementos fundantes se inspirem numa concepção do belo, da unicidade, da estética, das possibilidades circunscritas na relação educador-educando baseada no diálogo, no encontro com o outro. Por ser diferente o ensino a distância exige habilidades diferenciadas, principalmente com a introdução de novas tecnologias. É um sistema peculiar de educação, daí a necessidade de uma sólida formação acadêmica.

O trato com os alunos também é outro aspecto desejável na formação. A boa formação requer isso, pois o tutor acompanha e media todo o processo de ensino e aprendizagem do discente. Tutor e aluno devem construir juntos a aprendizagem e isso viabiliza a colaboração. Esse profissional tem que se despir de qualquer conceito e/ou prática que o leve adotar uma abordagem tradicional de ensino.

Segundo Azevedo (2002), poucos educadores tem contato frequente com a tecnologia de comunicação e informação. Portanto é necessário oferecer formação para esses profissionais que utilizam constantemente às tecnologias, visando promover a aprendizagem. Belloni (1999) ressalta a importância de preparar estes novos profissionais para a inovação tecnológica.

As autoras Sacavazza e Sprenger (2007) colocam que ter formação específica em educação a distância é a característica principal do profissional que deseja atuar nesta modalidade educativa. A realidade é complicada, pois muitas instituições de ensino superior não oferecem formação para o profissional que cursa licenciatura, os próprios currículos dos cursos acusam esse quadro, pois são poucas as disciplinas ligadas à tecnologia na educação ou o do ensino a distância.

Scavazza e Sprenger (2007) sugerem as seguintes etapas para planejar a capacitação inicial dos tutores: O tutor deve tornar-se aluno de curso a distância; observar outros docentes atuando, ter formação específica em cursos à distância e iniciar atuação com apoio ao suporte pedagógico.

No entanto é importante que haja uma reflexão sobre a qualidade desses cursos, se ele tem atingido seus fins e cumprido com o papel a qual se destina que oferecer formação de qualidade, pois muitos profissionais que atuam na educação a distância não receberam formação antes de atuarem, só possuindo experiência apenas no ensino presencial. É importante que esse profissional aprenda a trabalhar com competência no ambiente on-line. Destacamos então o que diz o parecer nº 16 de 1999 elaborado pelo Conselho Nacional de Educação:

A competência não se limita ao conhecer, mais vai além por que envolve o agir numa situação determinada. O agir competente inclui decidir e agir em situações imprevistas, mobilizar conhecimentos, informações e hábitos, para aplicá-los, com capacidade de julgamento, em situações reais e concretas, individualmente e com sua equipe de trabalho.

Um curso de formação de qualidade leva o tutor a se munir de competência necessária para lidar com as diversas situações que surgirem no ambiente on-line. Perrenoud (2000, p.15) afirma que: “Competência é a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar situações”. O tutor competente faz uso de saberes quando desempenha seu papel. Esses saberes são oriundos da formação, pois é nela que se reflete sobre a prática, e nessa reflexão acontece à mudança na ação desse tutor.

Não oferecer uma formação prévia, para o profissional que atua no ensino a distância compromete o trabalho desse profissional e traz inúmeras dificuldades para ele. Pois é na formação que ele terá a oportunidade de obter novas aprendizagens. E essas aprendizagens servirão de base para o desenvolvimento de sua função, dado aos constantes avanços que a tecnologias de informação e comunicação passam. Com isso, sabemos que a formação do tutor não se esgota em cursos e especializações, por ser um processo que demanda esforço e tempo.

Da mesma maneira não podemos reforçar a ideia de que a prática deva vir primeiro e depois a teoria, para que a prática possa ser melhorada, enfim, não podemos cair nesses equívocos que segundo Candau (2003), “ênfatar a formação teórica (obscuro ativismo), ou ênfatar a formação prática (educação como arte a ser conquistada no fazer pedagógico)”. Com isso fica claro que teoria e prática devem caminhar juntas. Esse caminhar deve colaborar positivamente, de maneira que a teoria complemente a prática, em outras palavras, que a formação auxilie essa prática.

Diante dessa realidade, a formação do tutor está intimamente ligada com todas essas questões apontadas e, embora não seja este profissional o único responsável pela formação do aluno que estuda a distância, e não obstante em alguns casos, este mesmo profissional não tenha recebido formação inicial adequada para lidar com essa modalidade, ele pode encontrar na formação continuada uma maneira de contribuir para a mudança qualitativa de seu processo laboral. Com isso fica claro que essa formação não é algo acabado. Para o tutor são necessárias constantes e múltiplas aprendizagens que o auxiliem no exercício da tutoria.

2.4 Competências e Habilidades do Tutor que investe na formação

A educação a distância, utiliza as tecnologias para se propagar. Isso implica dizer que esse profissional deve demandar conhecimentos mais sofisticados a respeito das TIC. Diante dessa necessidade e de outras que surgem nas trocas estabelecidas no ambiente virtual e da complexidade que essa aprendizagem apresenta, educar a distância não é uma tarefa simples.

Inúmeros são os desafios que o tutor irá enfrentar no ambiente on-line. Estar preparado é dever desse profissional. Conforme fora apontado nesse trabalho, o profissional que atua a distância, nesse caso específico, o tutor, tem antes de tudo um compromisso ético em investir na formação continuada e ou permanente a fim de aprimorar seu desempenho.

Um ponto delicado que se levanta nesse trabalho, é o fato de os cursos de licenciatura não prepararem o docente para atuar especificamente no ensino a distância. O tutor é um docente, essa é uma das premissas relevantes do trabalho docente on-line. Não se educa a distância sozinho, educar a distância requer uma equipe preparada e bem planejada, com profissionais competentes que dêem conta de atender às demandas educacionais com maestria.

O tutor é um elo entre o aprendiz e o conhecimento. Se esse elo for fraco, insuficiente e ineficiente, desencadeará uma série de complicações levando a equívocos, gerando desinteresse nos alunos contribuindo para a evasão, que segundo Gonzalez (2005) tem sido comum nos ambientes on-line.

Sabemos que o profissional que atua a distância muitas vezes é o mesmo que atua no ensino presencial. Imbernóm (2010) fala a respeito da precarização do trabalho docente. O professor por ganhar mal na docência se vê obrigado a ter mais de um emprego. Isso contribui para um baixo desempenho laboral, pois o mesmo tem uma demanda de trabalho grande, levando-o à exaustão e contribuindo para um mau desempenho.

Diante de todas essas dificuldades, geralmente quando vai atuar na modalidade a distância, o tutor já vem com uma bagagem do ensino presencial, trazendo consigo algumas mazelas adquiridas no decorrer de sua profissão.

Partindo do pressuposto de que a didática utilizada por quem atua a distância é diferenciada da didática do profissional que atua no presencial, problematizar quais as

habilidades e competências necessárias para o profissional que atua a distância é um dos maiores desafios dos cursos de formação continuada e ou permanente.

Cursos de formação para profissionais que atuam a distância não devem oferecer apenas um bom reporte teórico, devem oferecer também subsídios necessários que desencadeiem um processo de reflexão, gerando nesses profissionais uma grande sede pelo saber e o zelo para com o seu trabalho.

O zelo corroborará para o bom desempenho. Dominar os meios e técnicas do ambiente virtual e se lançar sem medo é um dos desafios dos profissionais que atuam a distância. No entanto, como temos profissionais que vão atuar no ensino a distância, que apenas tem experiências no ensino presencial, há uma série de contrapontos que devem ser indagados nesse trabalho.

A habilidade do docente que atua a distância é diferente do profissional que atua no ensino presencial, no entanto, apresenta algumas similaridades. Educar é uma troca. Educa-se a distância, pois é um espaço físico como uma sala de aula qualquer. Segundo Medeiros (2011) apud Mil e Belloni (2005):

A maioria das funções existentes na Educação a Distância, desempenhadas por docentes, faz parte do trabalho cotidiano do professor presencial, entretanto, não há a sistematização da modalidade a distância, tendo em vista que o trabalho no ensino presencial é feito de forma mais intuitiva e artesanal.

A educação a distância demanda conhecimentos apropriados. Blandim (1990, p. 89) discorre acerca de algumas competências bem como de habilidades que o profissional que atua a distância deve obter:

Cultura técnica, que significa um domínio mínimo de técnicas ligadas ao audio-visual e à informática, indispensáveis em situações educativas cada vez mais mediatizadas; Competências de comunicação, mediatizadas ou não, necessárias não apenas porque a difusão dos suportes mediatizados habitua os estudantes a uma certa qualidade comunicacional, ou a "bons comunicadores" mas também porque o professor terá que sair de sua solidão acadêmica e aprender a trabalhar em equipes, onde a comunicação interpessoal é importante; Capacidade de trabalhar com método, ou seja, capacidade de sistematizar e formalizar procedimentos e métodos, necessária tanto para o trabalho em equipe como para alcançar os objetivos de qualidade e de produtividade; Capacidade de "capitalizar", isto é, de "traduzir" e apresentar seus saberes e experiências de modo que outros possam aproveitá-los e, em retorno, saber aproveitar e adequar a suas necessidades o saber dos outros formadores, competência importantíssima para evitar a tendência, muito comum no campo educacional, de "reinventar constantemente a roda" .

O lidar com a tecnologia pressupõe profissionais bem capacitados, que consigam atuar com eficiência em diversas situações. Logo, a formação continuada deve organizar-se de forma a suprir o profissional em três dimensões específicas. Belloni (1999, p.67) elenca essas três dimensões, a saber:

A dimensão pedagógica se refere às atividades de orientação, aconselhamento e tutoria, e inclui o domínio de conhecimentos relativos ao campo específico da pedagogia, isto é, aos processos de aprendizagem, oriundos principalmente dos campos da psicologia, ciências cognitivas e ciências humanas, tendo como enfoque as teorias construtivistas e as metodologias ativas e como finalidade desenvolver capacidades relacionadas com a pesquisa e a aprendizagem autônoma, que o professor precisa experimentar em sua própria formação para desenvolver com seus alunos; A segunda dimensão, tecnológica, abrange as relações entre tecnologia e educação em todos os seus aspectos: a utilização dos meios técnicos disponíveis, que inclui a avaliação, seleção e elaboração de estratégias de uso, bem como a produção de materiais pedagógicos utilizando estes meios, isto é, o conhecimento das suposições metodológicas que a utilização destes meios implica e a capacidade de tomar decisões sobre o uso e a produção de tais materiais; A dimensão didática, enfim, diz respeito à formação específica do professor em determinado campo científico, e à necessidade constante de atualização quanto à evolução da disciplina, atualização esta que deve estar relacionada com a dimensão tecnológica, pois deve referir-se também ao uso de materiais didáticos em suportes técnicos (Martins Rodriguez, 1994:14; Schneider, 1995:19).

A formação de profissionais que atuam a distância com certeza não se esgota em oferecer um conteúdo antes desconhecido ou propor uma reflexão nova, enfim, demandam conhecimentos, atitudes e o principal, a tomada de consciência por parte desses profissionais que devem ter clara a relevância de se obter conhecimentos apropriados para um melhor desempenho docente.

Capítulo III- A FORMAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

3.1 Concepções de Formação Continuada: Um Resgate Histórico Conceitual

A concepção que se tem a respeito de formação continuada, hoje, vem impregnada das terminologias usadas nos cursos de formação para definir o que significa o ato de formar-se ou reforma-se no âmbito do trabalho docente.

Costa (2004, p.1 apud Prada 1997, p. 88-89) elenca alguns termos que são utilizados em programas de formação continuada de professores. Segundo Costa, esses termos estão impregnados de compreensões filosóficas, regionais, e das instituições que oferecem a formação.

Quadro 2- Termos empregados para a formação:

Capacitação	Proporcionar determinada capacidade a ser adquirida pelos professores, mediante um curso; concepção mecanicista que considera os docentes incapacitados.
Qualificação	Não implica a ausência de capacidade, mas continua sendo mecanicista, pois visa melhorar apenas algumas qualidades já existentes.
Aperfeiçoamento	Implica tornar os professores perfeitos. Está associado à maioria dos outros termos.
Reciclagem	Termo próprio de processos industriais e, usualmente, referente à recuperação do lixo.
Atualização	Ação similar à do jornalismo; informar aos professores para os manterem atualizados, quanto aos acontecimentos. Recebe críticas semelhantes à educação bancária.
Formação Continuada	Alcançar níveis mais elevados na educação formal ou aprofundar como continuidade dos conhecimentos que os professores já possuem.

Formação Permanente	Realizada constantemente, visa à formação geral da pessoa sem se preocupar apenas com os níveis da educação formal.
Especialização	É a realização de um curso superior sobre um tema específico.
Aprofundamento	Tornar mais profundo alguns dos conhecimentos que os professores já têm.
Treinamento	Adquirir habilidades por repetição, utilizado para manipulação de máquinas em processos industriais, no caso dos professores, estes interagem com pessoas.
Re-treinamento	Voltar a treinar o que já havia sido treinado.
Aprimoramento	Melhorar a qualidade do conhecimento dos professores.
Superação	Subir a outros patamares ou níveis, por exemplo, de titulação universitária ou pós-graduação.
Desenvolvimento Profissional	Cursos de curta duração que procuram a “eficiência” do professor.
Profissionalização	Tornar profissional. Conseguir, para quem não tem, um título ou diploma.
Compensação	Suprir algo que falta. Atividades que pretendem subsidiar conhecimentos que faltaram na formação anterior.

Fonte: Prada (1997, p.88-9).

Estes são os principais termos empregados na formação continuada de docentes. Essas terminologias irão variar de acordo com as especificações do curso e também de fatores conforme apontou Costa (2004, p. 4): “Regionais, filosóficos ou institucionais.

O histórico da formação no Brasil aponta que dependendo da época os modelos ou tendências da formação irão variar. O primeiro modelo foi influenciado por uma abordagem clássica de formação. Candau (1997, p. 22) coloca que esse modelo consiste em: “Projetos cuja ênfase é posta na reciclagem dos professores”. Esse modelo entende a universidade como espaço privilegiado da produção do conhecimento e a escola da educação básica como espaço de aplicação dessas teorias. Candau (1997) fala que esse modelo não reconhece e nem valoriza o saber docente que é construído na experiência profissional. Santos (2006, p. 83) explica a ênfase desse modelo:

“A ênfase do modelo clássico está nos aspectos cognitivos individuais e contribui para reforçar a existência de práticas formativas que “desconsideram

os professores como seres essencialmente sociais, imersos em relações grupais das quais derivam valores, atitudes que dão sentido às suas opções pessoais e profissionais e servem de referência a suas opções” .

Cursos de formação influenciados pelo modelo clássico apresentam conteúdos distantes da realidade do docente, pois ele vê o professor como uma tábula rasa, desprovido de conhecimentos acerca de formação e o curso tem o intuito de “doutriná-los”.

Diversos autores destacam modelos de formação. Santos (2010) coloca que as contribuições de Zeichner (1993), Demailly (1992) e Nóvoa (1992) foram amplamente divulgadas no Brasil, por meio da publicação coletânea intitulada “Os professores e sua formação”. A referida obra teve como centralidade as discussões em torno das novas tendências teóricas propugnada para a formação docente e continuada. Essa obra é muito utilizada nas discussões de formação docente e embasaram filosoficamente diversos cursos de formação no Brasil.

Zeichner (1993) identificou quatro paradigmas da formação: tradicional ou acadêmico, comportamentalista, personalista e investigativo. Para essa classificação, ele levou em conta o currículo (aberto ou fechado) ou o grau de aceitação dos contextos sociais ou institucionais (problemático ou integrado). O paradigma tradicional toma questão básica do conhecimento como fonte suprema do saber que subsidiará toda e qualquer prática. O comportamentalista liga-se a questões que emergem no cotidiano do trabalho docente e o desenvolvimento das habilidades desse profissional é o centro dessa formação. No paradigma personalista, o objetivo central da formação docente é promover maturidade psicológica nos professores enfatizando as mudanças no docente. Para Santos (2010), esses três paradigmas estão relacionados com os meios e não com os fins da educação. Já no paradigma investigativo, prioriza-se a formação assentada num processo de reflexão sobre a prática a qual ela está inserida. Ela suscita a ideia de emancipação humana.

Há respeito dos modelos de formação, Demailly (1992), os dividem em quatro categorias, a saber:

- 1) Sob a forma universitária, que tem como finalidade a transmissão dos saberes teóricos, a formação é vista como um bem a ser adquirido, e os mestres são produtores do saber e o aluno apenas meros receptores do conhecimento.

- 2) A forma Contratual: Possui características de contrato e negociações. Tem seus pressupostos ligados a negociação entre os diferentes parceiros. Há um compromisso firmado entre o formador e o formado, com isso o formador deve viabilizar todos os materiais bem como propiciar as ações pedagógicas da aprendizagem.
- 3) A forma interativa- reflexiva: É muito comum nas iniciativas de formação voltado para a prática, ou seja, o formando é instigado a pensar sobre sua prática e criar soluções para os problemas que estão no campo da realidade. Os formandos são provocados a se ajudarem criando no coletivo soluções para os impasses que surgirem.
- 4) A forma escolar, onde estão organizados todos os cursos através de um poder legítimo. Os formadores não tomam consciências a respeito da organicidade escolar tão poucos são responsáveis por decisões administrativas. Os professores também não tomam conhecimento do planejamento do curso.

Para Demailly (1992) esses conceitos são os paradigmas da formação continuada. As características apresentadas em cada modelo os legitimam, ou seja, dependendo da abordagem utilizada, um curso de formação apresentará características dos modelos citados acima.

Santos (2010) elenca os modelos de formação que tem predominado atualmente no contexto educacional, que são: “O modelo estruturante e o Modelo Construtivista”. Santos (2010) aponta que o modelo estruturante é composto pelos paradigmas tradicional, comportamentalista e universitário escolar e torna propício o desenvolvimento e as práticas organizadas previamente, a partir da lógica da racionalidade técnica. A ênfase posta é na “reciclagem” dos professores, como predomínio de práticas homogêneas desconhecendo a trajetória profissional dos professores. A universidade é o lócus privilegiado da formação, haja vista seu papel tradicional na construção do conhecimento científico. Os professores das escolas posicionam-se como meros consumidores do saber erudito. Santos, apud Nóvoa, (1992, p. 57) pontua:

O modelo construtivista compreende os paradigmas personalista, investigativo, contratual e interactivo-reflexivo. As práticas formativas são

organizadas a partir de uma reflexão contextualizada com a prática. O profissional da educação deve desenvolver atividades de caráter social sendo compreendidos como sujeitos em constante transformação. “A formação não se constrói por acumulação de cursos, mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas”.

De acordo com esse modelo, os professores são visto como sujeitos em constante desenvolvimento. Ele estabelece um “continuum” dessa formação. Valoriza-se a reflexão sobre a prática pedagógica como elemento fundamental para repensar o trabalho docente, assim como para redimensioná-lo. Com isso, Santos (2010) destaca que é fundamental abordar os seguintes eixos estratégicos na formação continuada de docentes: a) desenvolvimento pessoal, que implica a valorização da pessoa do professor e de suas experiências; b) desenvolvimento profissional, que olha o professor e seus saberes profissionais; c) desenvolvimento organizacional, que investe na escola e nos seus projetos.

No primeiro eixo, o autor passa a ideia de reflexão sobre a identidade pessoal do docente. No segundo eixo, o autor aponta a necessidade de formação continuada bem como a valorização dos saberes produzidos pelo próprio professor dentro de sua prática pedagógica. O terceiro eixo coloca a necessidade de construção de projetos educativos que viabilizem mudanças nos contextos institucionais. É relevante pontuar que esses modelos nunca aparecem em seu estado puro. Santos (2010, p.35) ressalta esse aspecto:

“Os modelos postulados por Nóvoa, Demaily e Zeichner demonstram determinados avanços no conhecimento teórico da formação continuada do professor que, provavelmente, poderão contribuir para a compreensão de mudanças nas práticas formativas. Ou seja, elas explicitam algumas mudanças que vem se processando no campo teórico-prático da formação continuada. Vale lembrar que os autores são enfáticos ao afirmar que nenhum desses modelos teóricos aparece no seu “estado puro”.

É importante conhecermos estes modelos e também entendermos que eles se materializam na formação docente de uma maneira mista e criam novas formas e representações dentro da prática. Para Santos (2010), atualmente é muito comum cursos de formação se basear apenas na reflexão-ação, não levando em conta os diversos fatores inerentes a formação. No entanto isso pode ser perigoso, pois se corre o risco de não dar a devida importância ao conhecimento teórico.

A formação que faz sentido deve atrelar teoria e sua relação com a prática. Por meio da formação, o profissional que atua a distância poderá criar subsídios que os instigue a modificar sua realidade. Essa formação continuada deve ser considerada uma estratégia

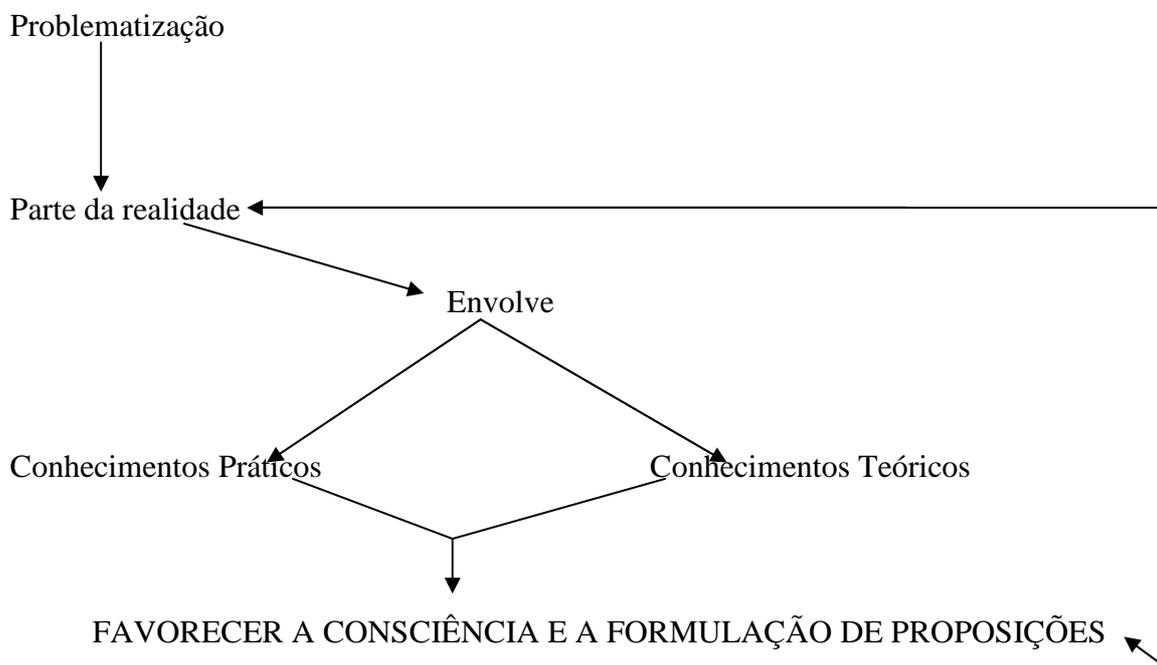
para o docente que deseja sempre aprofundar sua prática. Para Santos (2010, p.67), ela deverá apresentar:

Enfim, a formação continuada, compreendida como possibilidade de desenvolvimento pessoal e profissional, requer a superação de práticas formativas que apresentam características eminentemente prescritivas, normativas e pontuais, desprovidas de uma reflexão crítica sob o ato pedagógico em sua totalidade. Assim sendo, a perspectiva de formação continuada a que nos filiamos valoriza a prática pedagógica como ponto de partida, porém, não fica limitada aos problemas imediatos do ensino nem tampouco à própria prática, haja vista que a prática por si só não é auto-explicativa. Partir da prática é importante, mas a reflexão sobre ela só terá condições de propiciar caminhos para mudanças qualitativas na aprendizagem do professor e na prática educativa se vier acompanhada da apropriação de conhecimentos/teorias que o ajudem a interpretar a prática pedagógica e seus condicionantes, bem como projetar uma prática que ainda não existe, mas necessária a realidade educacional.

É relevante explicitarmos que dar apenas importância para a reflexão na ação, desconsiderando todos os fatores como os apontados por Santos (2010), leva a uma formação incompleta, que não faz sentido, tão pouco traz impactos. Para Freire (1992, p.72): “A ideia de que a prática de pensar a prática só tem sentido se vier acompanhada de um processo de teorização; caso contrário, ela poderá vir a converter-se num jogo estéril e enfadonho”.

Deve se levar em conta todos os fatores que poderão influenciar a realidade dessa formação. Levando em consideração essa realidade, Santos (2010) coloca que isso não se trata de construir uma supremacia da teoria, mas de torná-la como elemento imprescindível da formação do professor, para não incorrer numa supervalorização da prática, nem tampouco relegar o contexto sócio histórico num segundo plano.

Figura 1- Problematização e teorização da Prática



Fonte, Santos (2010)

Esse esquema proposto por Santos (2010) elenca os principais pontos acerca do processo de formação. Envolve conhecimentos práticos, atrelados gerando a consciência crítica, em uma concepção problematizadora de formação. Com isso a tomada de consciência por parte do educador é relevante, pois este deve partir da realidade. Logo pensar em um modelo construtivista de formação, que parte do profissional, valorizando o “lócus”, ou seja, o espaço do labor docente desencadeará processos e atitudes que fortaleceram a formação como um processo permanente na vida do docente.

3.2 A legislação Brasileira da Educação à Distância: Limites e Possibilidades para a Formação Continuada.

De acordo com o artigo 206, inciso II da Constituição Federal, no Brasil, é livre o direito de ensinar e aprender. Com isso fundamenta-se o princípio do ato de educar, seja ele em qualquer modalidade. A primeira legislação que trata da EAD é datada de 1961. Quando esta legislação sofreu reforma dez anos depois, foi colocado um capítulo sobre o ensino supletivo, afirmando que ele poderia ser usado em classes ou também por meio de

rádio, televisão, correspondência e outros meios. Com isso ficam marcadas as primeiras iniciativas de se lançar a EAD como uma modalidade educativa. Em 1996, no governo de Fernando Henrique Cardoso, é instituída uma nova LDB (Lei de Diretrizes e bases da educação), que trouxe um texto em seu conteúdo que tratava da questão da Educação a Distância. Este artigo trazia os seguintes pontos:

Art.80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino à distância, em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada.

§1º A educação à distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União. §2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registros para a realização de diploma relativo a cursos de educação à distância. §3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de Educação à Distância e a autorização para a sua implementação caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas. §4º A Educação à Distância gozará de tratamento diferenciado que incluirá: I. Custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens; II. Concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas; III. Reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Essa lei sofreu a primeira regulamentação pelo decreto nº 2494, de 10 de fevereiro de 1998, no entanto não deu conta de suprir um grande número de pedidos de credenciamento e autorização que as instituições de ensino superior da época requeriam. Segundo Gomes (2009, p.22), os principais dispositivos dessa primeira regulamentação foram:

- Estabelecimento de um conceito oficial de EAD (“forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem com a mediação de recursos didáticos, sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados e veiculados pelos diversos meios de comunicação”). A opção era legítima juridicamente, pois se pretendia clarificar o conceito do que estava sendo regulamentado, contudo entrou em um terreno altamente controverso e sujeito a rápida obsolescência;
- Essa “forma de ensino” passava a ter regime especial, relativamente flexível, e abrangia todos os níveis e modalidades de ensino exceto os programas de mestrado e doutorado, postergados pela regulamentação específica;
- O credenciamento e a autorização de cursos eram limitadas a cinco anos, renováveis após a avaliação;
- A matrícula no ensino fundamental para jovens e adultos, no ensino médio e na educação profissional era feita independente da escolarização anterior mediante a avaliação;
- Eram assegurados a transferência e o aproveitamento de estudos da educação presencial pela EAD e vice-versa, constituindo-se afinal uma via de mão dupla;
- Os certificados e diplomas emitidos por instituições brasileiras deveriam ser realizados na forma de lei;

- A avaliação do rendimento dos alunos se realizava no processo por meio de exames necessariamente presenciais;
- Ao ministro da educação era delegada a competência para os atos de credenciamento das instituições de educação profissional e de educação superior aos demais sistemas;
- As autoridades dos demais sistemas de ensino era delegada a competência para credenciar as instituições no âmbito de sua competência para credenciar as instituições no âmbito de suas atribuições, para ofertas de cursos dirigidos a educação de jovens e adultos e ao ensino médio;

A regulamentação 2.494 ainda não tinha sido suficiente para dar conta de explicar a questão do tratamento diferenciado da EAD e também da pós-graduação, no tocante ao mestrado e doutorado, pois estes deveriam ser explicados, por meio de regulamentação ou decreto específico, ou seja, a lei por si só não conseguia explicar se a EAD ofereceria mestrado e doutorado e como se daria isso. Gomes (2009, p.22) fala a respeito do grande problema dessa legislação:

O grande problema inerente a ele é a legislação e normas na sua qualificação: presencial ou à distância. Parece haver um pressuposto implícito, de longa data, que a primeira é mais propícia a lisura e a última se encontra mais permeável às irregularidades.

Havia muita confusão a respeito dessa legislação. Em meio tanto as entraves ainda na época da primeira LDB (1996), foi criada a Secretária de Educação a Distância, que foi instituída pelo Decreto nº 1.917, de 27 de maio de 1996. Entre as suas primeiras ações, nesse mesmo ano, estão a estreia do canal TV Escola e a apresentação do documento-base do “Programa Informática na Educação”, na III Reunião Extraordinária do Conselho Nacional de Educação (CONSED). Após uma série de encontros realizados pelo País para discutir suas diretrizes iniciais, foi lançado oficialmente, em 1997, o Proinfo – Programa Nacional de Informática na Educação – cujo objetivo é a instalação de laboratórios de computadores para as escolas públicas urbanas e rurais de ensino básico de todo o Brasil. Na época, o atual presidente Fernando Henrique Cardoso instituiu essa secretaria com o intuito de regulamentar e também de legislar por meio de uma secretária independente das outras instâncias educacionais, a educação à distância. Segundo dados do site, ela tinha o intuito de fomentar e incorporar tecnologias de comunicação e informação bem como viabilizar métodos didáticos pedagógicos que fizessem uso da tecnologia. Desenvolvia também diversos programas e ações que na época de sua criação e até aproximadamente uns dez anos atrás tinham pouca visibilidade, no entanto com os crescentes avanços

tecnológicos e com a inserção cada vez maior dessas tecnologias, esses projetos ganharam espaço, mas isso não garantiu o sucesso, tão pouca aceitação e apoio das camadas governamentais. Abaixo segue a lista de alguns projetos criados pela secretária de educação a distância:

- Domínio Público – biblioteca virtual
- DVD Escola
- E-ProInfo
- E-Tec Brasil
- Programa Banda Larga nas Escolas
- Proinfantil
- ProInfo
- ProInfo Integrado
- TV Escola
- Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)
- Banco Internacional de Objetos Educacionais
- Portal do Professor
- Programa um Computador por Aluno – Prouca
- Projetor Proinfo

Alguns projetos foram implementados e alcançaram sucesso; outros não conseguiram espaço necessário caindo no descaso. Um exemplo disso é o programa Prouca, que não conseguiu atingir os fins desejados e não temos um computador por aluno, tão pouco, os 25% por estado ou município previsto na resolução nº 17, de 10/6/2010, nem uma estimativa de quando isso acontecerá.

A Secretária de Educação à Distância foi extinta em março de 2011, ficando vinculados os programas e ações da secretária a outras administrações. Sua extinção se deu por meio do decreto nº 7 480, que traz em seu texto uma redivisão dos projetos dessa secretaria a outros órgãos. A antiga Secretaria se tornou agora uma Diretoria de Regulação e Supervisão da Educação à Distância, ficando remanejados os seus trabalhos a essa diretoria.

Essa diretoria apresenta um novo formato de trabalho. O atual governo extinguiu algumas secretarias a fim de otimizar os gastos públicos. O atual governo preza a

economia de escalas (extinção de secretarias e órgãos) e cortes orçamentais (deixar de investir em alguns setores como: Educação e Saúde) observamos isso com a extinção de secretarias sérias como a Secretária de Educação à Distância.

A antiga Secretária de Educação a Distância em 2003 lançou o primeiro Referencial de Qualidade para Educação Superior e à Distância. Sendo que esse referencial pontuaria os trabalhos de educação à distância. Os Decreto nº 5.622, de 20 de dezembro de 2005 e o Decreto nº 5.773 de junho de 2006 e as Portarias Normativas 1 e 2, de 11 de janeiro de 2007, colocam que esse referencial não tinha força de lei, com isso tratava-se de um referencial norteador para regular supervisionar e avaliar os atos legais da educação a distância. Esse mesmo documento sofreu alterações em 2007, apresentando-se em um formato de versão pré-liminar com o intuito de servir de consulta pública. Esse mesmo documento deveria servir para subsidiar atos legais do poder público no que se refere aos processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da modalidade do ensino a distância.

Os pontos principais tratados pelo documento são: Credenciamento dos cursos, dos materiais, da estrutura dos pólos, do corpo docente, do corpo técnico administrativo, da infra-estrutura, do apoio do pólo de apoio ao aluno e da gestão acadêmica – administrativa. O documento é muito bom, no entanto, a sua aplicabilidade fica prejudicada. Temos pólos sem recursos, tutores que não receberam formação adequada, cursos que carecem de docentes e diversas falhas com as tecnologias, pois não se tem a infra-estrutura adequada nos pólos presenciais e algumas vezes a plataforma Moodle, no caso de cursos oferecidos pela UAB, se mostra ineficiente por apresentar problemas e falhas.

Repensar a educação a distancia diante dos inúmeros desafios que se delineiam na prática é o grande desafio dos cursos de formação. Pensar na formação desses profissionais também não é uma tarefa simples. A educação a distância de hoje requer uma política de formação de professores, até por que sem essas políticas não conseguiremos avançar. A busca pela qualidade deve ser requerida. A formação de professores é uma temática muito importante e uma das mais relevantes dentro das políticas públicas da educação. A legislação que trata disso ainda se apresenta frágil em alguns aspectos. Segundo Scavazza e Sprenger (2009, p.263):

Os documentos oficiais produzidos no período- em especial a nova LDB apresentam orientação em dois sentidos: a) ações emergenciais para a instituição de um patamar mínimo de qualidade no serviço educacional oferecido e b) princípios e parâmetros para a melhoria da qualidade educacional.

Analisando os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância, vemos que ele também é incompleto no tocante a formação. Traz poucos referenciais, coloca que a própria instituição (responsável pelo curso a distância) deverá indicar uma política de capacitação e atualização permanente para esses profissionais. Os referenciais utilizam a terminologia “Capacitação” enquadrando-a em três grandes áreas das TICs: Capacitação no domínio específico do conteúdo; Capacitação em mídias de comunicação; Capacitação em fundamentos da EAD e no modelo de tutoria.

A prática aponta que não adianta apenas capacitar ou atualizar. Sem a devida reflexão, o profissional acaba se perdendo, não conseguindo atender o aluno que estuda a distância, que por vezes é muito diferente do aluno que estuda no presencial e também não consegue lidar com as dificuldades que surgem na prática da EAD. Não é fácil trabalhar com tecnologias, muitos profissionais se sentem intimidados pelo desafio de ter que utilizá-las na sua prática pedagógica. Romper com o tradicional não é uma tarefa simples. Tornar esses profissionais que lidam com o ensino a distância não só capazes, mas também sujeitos pensantes e críticos a respeito de sua realidade é um dos desafios dos cursos de formação.

3.3 Modelos Metodológicos de Formação para Profissionais que atuam a Distância

Atualmente os cursos de Formação Continuada para profissionais que atuam a distância apresentam diversos enfoques que o diferenciam na prática. Scavazza e Sprenger (2009, p.266) falam a respeito da tecnologia de formação continuada para profissionais do ensino a distância, no tocante a estrutura que um bom curso de formação deverá apresentar. Já levando em conta todos os recursos que as TIC apresentam no sentido de explorá-las ao máximo em favor de uma melhor qualidade, as autoras destacam aspectos relativos ao design organizacional, design instrucional e a gestão de processos. Sobre o design organizacional, as autoras Scavazza e Sprenger (2009, p. 267) elencam 5 recomendações:

- 1- No primeiro ela coloca que todos os profissionais do quadro devem ser integrados ao processo de formação incluindo os que não atuam diretamente com os alunos, como técnicos, gestores e as demais equipes;
- 2- A instituição acadêmica deverá desenhar sua proposta pedagógica pensar em trabalhar constantemente com as tecnologias, aproveitando todos os espaços físicos possíveis para a propagação dessa instituição;

- 3- Reconhecer a importância de passar para o aluno a relevância de se incentivar a responsabilidade no seu processo de formação, sendo necessário incentivá-las a terem responsabilidade e autonomia em seu processo de formação.
- 4- Investir na formação de formadores. Privilegiar um desenho pedagógico que inclua a formação de formadores do próprio sistema, criando uma formação em cadeia. Criar redes de formação que instigue esse processo é fundamental para que se crie uma cadeia de educadores que invistam na formação;
- 5- Instigar o constante manejo tecnológico: “Oferecer aos grupos de educadores ambientes e ferramentas de comunicação e cooperação de fácil acesso e manejo que permitam a continuidade do trabalho em rede”. “A construção colaborativa entre redes de ensino de uma mesma região, possibilitando a construção de saberes, ampliação das redes de formação e de trabalho coletivo”.

Svacazza e Sprenger (2009) coloca que esses 5 passos são essenciais, para contribuir com a formação em serviço de profissionais que atuam a distância. O primeiro passo coloca que todos os profissionais, sem exceção, devem participar do processo de formação. Criar uma formação em cadeia também é interessante, onde um profissional possa instigar o outro a participar e ser autônomo em seu processo de aprendizado. A respeito do ambiente onde essa formação será oferecida, cabem aqui duas considerações relevantes. É preciso que se tenha o cuidado de acolher virtualmente cada aluno em sua especificidade, desse modo, prevenindo a evasão e colaborando com o aprendizado colaborativo.

A respeito do ambiente virtual, onde essa formação é oferecida, Scavazza e Sprenger (2009, p. 269) expõem algumas ferramentas colaborativas que são essenciais no ambiente virtual de aprendizagem.

Quadro 3- Ferramentas colaborativas do ambiente virtual:

Recursos	Funcionalidades
Site de acesso ao Curso	Reúne as principais informações a respeito do curso, oferece chamadas rápidas a respeito de atividades especiais, disponibiliza arquivos para consulta e download, hospeda links para ferramenta e outros recursos;
Fale Conosco	Permite a comunicação dos alunos com as equipes envolvidas na organização do programa, mantendo o registro das solicitações e possibilitando o encaminhamento interno das demandas aos responsáveis;
Boletim eletrônico	Veiculam instruções, informações e recomendações a respeito de atividades especiais, ferramentas, regras de funcionamento do curso;
Ambiente de colaboração	Disponibiliza fóruns que podem ser mediados pelos formadores, permite a criação de comunidades de prática e de aprendizagem, assim como a troca de arquivos e atividades entre os alunos e destes com seus formadores;

Ferramenta de consulta	Tornam disponíveis para os alunos informações a respeito de seu desempenho acadêmico, realização e entrega de tarefas, participação nas atividades;
------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Scavazza e Sprenger (2009), p. 266.

Essas estratégias propostas pelas autoras ressaltam algumas características relevantes que os cursos de formação deverão oferecer. Essas redes quando incorporadas possibilitam trocas eficientes.

As autoras falam também que é relevante a criação de uma nova matriz metodológica aplicada a um sistema de formação em rede por EAD/TIC, um design organizacional de formação sistêmica no qual os agentes educacionais sejam responsáveis por sua aprendizagem e também pela formação de um novo grupo de agentes que também serão formadores.

Sobre o Design Instrucional do Curso, Scavazza e Sprenger elencam duas recomendações:

Recomendação 1- A formação deve propiciar e vivenciar a aprendizagem de diversas competências. Competências que ajudem o indivíduo a desenvolver da melhor maneira o seu processo de trabalho. Logo articular a formação ao desenvolvimento de competências e organizar o conteúdo da melhor forma para se trabalhar é fundamental.

Scavazza e Sprenger (2009, p.269) explicam que:

O desenho pedagógico de formação continuada em serviço para professores de EAD/ TIC precisa ser articulado em três dimensões: conteúdos, mídias e as disponibilidades e possibilidades didático- metodológicas e agentes educacionais envolvidos e seu papel na formação e no sistema de ensino. Quanto à seleção e organização dos conteúdos, é imprescindível favorecer o desenvolvimento de competências profissionais, conhecimentos e atitudes que respondam as exigências atuais do mundo do trabalho, que se concretizem no dia a dia do professor- aprendiz e promovam as transformações na sala de aula.

Essa sala de aula, no caso, refere-se a qualquer espaço onde se estabeleçam as trocas de aprendizagem, seja ela presencial ou à distância. No caso da EAD a plataforma⁷ é onde se viabilizam e ocorrem às trocas, logo o desenho pedagógico do curso deve propiciar

⁷ Plataformas e ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) que proporcionam a criação e hospedagem de aulas e participação em cursos on-line.

atitudes que favoreçam a qualidade da formação. Pensar em responder as demandas do mundo atual é o desafio da formação de hoje. Partir do diálogo suscita diversas ideias e respalda um trabalho sério e comprometido com a diversidade e é na fala dos atores envolvidos com a formação que se levantam questionamentos abrindo espaço para constantes reflexões;

Recomendação2- É preciso considerar a Web como verdadeiro espaço vital. Incentivar a criação de teias ou redes colaborativas de aprendizagem é relevante. Scavazza e Sprenger (2009, p. 267) ressaltam essa necessidade:

É preciso chamar a atenção para as possibilidades de interação e mediação na internet, para que se reconheça o quanto suas potencialidades já se desenvolveram. A Web é um ambiente hipertextual e multimidiático que possibilita o acesso a informação em diferentes formatos-reduzindo processos e custos de produção e distribuição- e a organização de situações/espços interativos de comunicação em rede, interligando lugares independentemente das distâncias geográficas e diferenças de horários. Esse diferencial permite a constituição de um novo espaço de formação, “uma verdadeira teia de conhecimento e informação e interação entre indivíduos e recursos, facilitando a construção de ambientes cooperativos e comunidades virtuais.

Explorar todas as potencialidades que a Web apresenta é importante para o fortalecimento de redes de aprendizagem.

Gerir cursos a distancia requer planejamento que leva a organização e compromisso. Não se aprende nem se ensina sem a devida gestão. Gerir tecnologias requer o uso corretos dessas ferramentas, bem como o pleno domínio delas. A boa gestão tecnológica torna o ambiente interativo. Utilizar e gerir as ferramentas tecnológicas ajuda a toda a equipe responsável pelo curso a se organizar e mapear todos os passos a serem seguidos, bem como as decisões que serão tomadas. É importante ressaltar que a gestão não é apenas para a equipe pedagógica e tecnológica envolvida com o curso. Todos devem se envolver com o processo de gestão. Scavazza e Sprenger (2009, p.268) pontuam que:

Instrumentos eletrônicos de acompanhamento dos processos de gestão da aprendizagem (para os alunos), de gestão do ensino (para os formadores) e de gestão logística (para as equipes de apoio) permitem o mapeamento e o acompanhamento do percurso dos vários atores e instâncias envolvidos nos programas de formação EAD/TICs.

Esses elementos quando funcionando em perfeita harmonia, oferecem indicadores que apontam se a gestão está sendo boa, se tem atingido os fins da qual se destina. A

gestão deve vir acompanhada de ferramentas que suscitem a aprendizagem. Pensar e repensar essa gestão é vital para o bom desenvolvimento de qualquer curso a distância.

Gerir requer constantes reflexões sobre o que e como fazer. Dentro do ensino a distância, por se tratar de uma modalidade “nova” em alguns aspectos, gerir requer domínio tecnológico aprofundado. A instituição deve pensar numa formação que ensine seus próprios profissionais para lidarem com as especificidades que a gestão de ambientes on-line suscita. Freeman (2003, p. 11) explica como se dá essa dinâmica:

“Gerir uma instituição de EAD requer uma diversidade de conhecimentos muito maior do que gerir uma escola, um liceu ou uma universidade, e, no seu todo, não será possível recrutar pessoal com estes conhecimentos. A instituição terá de desenvolver o seu próprio pessoal, até que ele atinja a diversidade e profundidade de conhecimentos necessários. Realisticamente, isto demora o seu tempo, e não será exagero dizer que uma nova instituição de EAD precisa de 2 a 5 anos até que o núcleo do seu pessoal atinja o pleno da sua capacidade operacional.”

Daí advém à importância da formação permanente dentro da educação à distância. Preparar profissionais para lidar com toda a diversidade que a EAD apresenta, desde o lidar com os alunos ao manejo tecnológico é um dos desafios da formação dos cursos à distância. Logo, analisar isso com a devida seriedade é importante e não se reduz em apenas capacitar ou atualizar conforme a legislação apresenta, ela vai muito além tem o intuito de tornar a formação um processo permanente por meio de uma sólida rede de troca de saberes.

Diante de todo o exposto a respeito de formação, pode-se dizer que o recurso EAD/TIC para a formação continuada de profissionais que atuam a distância, tem a possibilidade de manter em interação grupos de pessoas, facilitar a troca de informações e comunicação e estimular a criação de comunidades de prática e aprendizagem, favorecendo a criação de estratégias virtuais de interação (síncrona⁸ e assíncrona⁹) igualmente fundamentais como objetos de saber atendendo as necessidades da contemporaneidade, cada uma respondendo a objetivos distintos de aprendizado e favorecendo o desenvolvimento de diferentes competências profissionais.

⁸ Síncrono: é quando professor e aluno estão em aula ao mesmo tempo. Exemplos de recursos síncronos: Telefone, Chat, Vídeo Conferência, Web conferência. Através da Web conferência o professor ministrará a aula e os alunos.

⁹ Assíncrono: professor e alunos não estão em aula ao mesmo tempo. Exemplos de recursos assíncronos: e-mail e fórum.

3.4 Implicações da Formação Continuada no Ensino a Distância

“Exigir a qualidade da formação e do ensino é uma questão de ética e de responsabilidade social para evitar que se caia no charlatanismo, no charlatanismo, no treinamento culturalista e não inovador, na ostentação e na falácia. Temos que buscar a qualidade mais sabendo que sua riqueza encontra no caminho”. (IMBERNÓN, p. 67, 2010)

São inúmeros os conceitos que se tem de formação dentro na práxis docente. Alguns conceitos não traduzem o que é formação, apenas levam a equívocos, distorcendo ou não traduzindo o que venha ser de fato a formação. Leitão (2004, p.3) fala a respeito do que é esse conceito no imaginário popular.

A palavra formação, devido a algumas práticas que nela são desenvolvidas, nos remete à idéia de dar forma, moldar, como se os outros – educadores, professores –fossem uma massa amorfa que só saísse desse estado a partir das informações, conteúdos e teorias A que orientam as propostas formadoras. Esse entendimento da formação como algo externo ao sujeito e localizado somente no conhecimento ou aquele que o transmite, por mais que sejam inovadores e atuais, é limitado e simplista. Mera ilusão de um poder que não quer ver a capacidade do outro de se apropriar, fazer próprio, reapropriar-se, na busca de um sentido que, em vez de superpor saberes, favoreça que os saberes de cada um se alarguem a partir de outros entendimentos e apropriações.

Profissionais que trabalham com educação, seja ele de qualquer modalidade, têm algum conceito do que é a formação e quais são as influências para o desempenho de seu trabalho. No entanto quando essa definição não vem acompanhada de reflexão, teoria e compromisso com uma formação de qualidade, o profissional acaba se perdendo em terminologias simplistas que não definem o que é a formação continuada e suas influências para o trabalho docente.

Santos (2010) destaca dois períodos importantes, que influenciaram e influenciam a formação oferecida. O primeiro período foi caracterizado pela pedagogia crítica de influência marxista, que ressalta a necessidade de mudanças políticas e estruturais. O segundo já é mais complexo, vem envolto em torno de um discurso neoliberal¹⁰, e a educação nessa década era vista como investimento financeiro do país,

¹⁰ No discurso neoliberal a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança. Conforme Albert Hirschman, este discurso apoia-se na "tese da ameaça", isto

devido às fortes pressões do Banco Mundial, que enfatizava a necessidade de investimento em educação, principalmente na educação básica. Devido a essas mudanças existia pressa em reformular a formação de professores, pois as políticas públicas requeriam uma nova sociedade, no entanto, não se tinham escolas preparadas, tão pouco profissionais que dessem conta de obter resultados rápidos e ou favoráveis ao nível de produtividade educacional exigida.

Atualmente, a formação é vista como um processo contínuo para o profissional que deseja buscar qualidade em sua prática. No entanto existem práticas de formação que ainda são influenciadas por políticas neoliberais, impregnadas de um salvacionismo que não apresenta verdadeiramente correlações com as necessidades que se materializam na prática. Discutir essa formação para o profissional que trabalha com o ensino a distância que por vezes é o mesmo do ensino presencial suscita inúmeros desafios e exige qualidade e compromisso. No caso da educação a distância, não se trata de uma modalidade perfeita, pelo contrário, ela é tão problemática quanto o ensino presencial e requer constantes reflexões por partes dos profissionais que nela estão envolvidos. São diversos os perigos que essa modalidade apresenta. Diante disso, Demo (2006, p.102) apresenta algumas, dentre elas é importante destacar:

O primeiro o mais temido é a possibilidade mais aberta de fraudes, tendo em vista que o controle pode facilmente se perder-se. O segundo, e na verdade o maior de todos de longe, é o risco do instrucionismo, à medida que se inventa mais um palco prodigo para aulas reprodutivistas. O terceiro refere-se às expectativas generalizadas de acesso “facilitado” que são diplomas e certificações, empurrando para baixo os parâmetros da qualidade educativa. O quarto realça a possível contradição nos termos já que, em certo sentido, educar exige a presença por conta do contato pedagógico. O quinto teme ao isolacionismo sempre possível em alunos a distância (...). O sexto retrata a pretensão em extensiva do autodidatismo por parte dos alunos, a medida que esse aluno pode aprender sozinho dispensado a figura do professor.

O autor enumera algumas dificuldades e problemas que essa modalidade apresenta. É importante destacarmos isso, pois criticar e conhecer os problemas inerentes a prática do ensino a distância é o primeiro passo para a prática reflexiva do profissional. É preciso oferecer formação contínua para esse profissional. Vivemos em um mundo globalizante,

é, num artifício retórico da reação, que enfatiza o risco de estagnação que o Estado do Bem-Estar Social representa para a livre iniciativa: para a produção de bens de consumo, maquinário, para o mercado, para a nova ordem mundial". No Brasil, embora não haja Estado do Bem-Estar Social, a retórica neoliberal é basicamente a mesma. (MARRACH, 1996)

onde as tecnologias avançam numa imensa rapidez. Formar profissionais para lidar com essa contemporaneidade é relevante.

O profissional deve refletir na ação prevenindo e combatendo os entraves que podem surgir no caminho. A prática no ensino à distância é outro ponto delicado. Desse modo, considerando a sua complexidade, pois essa prática envolve diversos atores, demanda determinados conteúdos e exige conhecimentos aprofundados de tecnologias e uma didática própria requerida nos ambientes virtuais.

Um dos desafios do profissional que trabalha a distância está ligado à didática da qual ele fará uso para lidar em diversas situações que surgirem dentro da EAD. A diversidade de alunos que se tem dentro do ensino a distância é tão rica quanto à do ensino presencial. Esse profissional, além de incorporar as tecnologias em sua atuação, deve ter responsabilidade com os alunos e pleno domínio do conteúdo. Belloni (2008, p.14) fala da importância do profissional que trabalha a distância, desenvolver competências em três dimensões:

A dimensão *pedagogia* inclui o domínio de conhecimentos relativos ao campo específico da pedagogia, a *tecnológica* abrange as relações entre a tecnologia e a educação em todos os seus aspectos: a utilização dos meios técnicos disponíveis, que inclui a avaliação, a seleção de materiais e a elaboração de estratégias de uso, bem como a produção de materiais pedagógicos utilizando estes meios. E a dimensão *didática*, diz respeito à formação específica do professor em determinado campo científico e à necessidade constante de atualização quanto à evolução da disciplina, atualização esta que deve estar relacionada com a dimensão tecnológica, pois deve se referir-se também ao uso de materiais didáticos em suportes técnicos.

Essas competências quando estão imbuídas no profissional devem gerar diversas habilidades. Essas habilidades só encontram campo fértil para se difundirem se encontrarem espaço devido dentro da formação. É na formação que se abre o espaço para discussão e se estabelecem mecanismos de reajustes profissionais no ensino a distância. Mecanismos esses que possam incomodar o profissional instigando-o a crítica e a mudança na ação. Logo a formação deve aproximar-se da prática educativa dentro nas instituições educacionais da qual estes profissionais fazem parte.

O profissional que “forma e se reforma” reflete em sua ação e traz um diferencial consigo, seja por meio de uma prática diferenciada ou até mesmo por um discurso mais humanista, que leva em consideração a diversidade que a educação a distância apresenta. No entanto, como já fora apontado na história e também no discurso atual de muitos professores, a política de formação continuada no ensino à distância ainda está no começo.

Isso por que ainda são poucas as instituições federais que oferecem formação para este profissional específico, até por que estamos vivendo agora a explosão desenfreada de cursos à distância. Desenfreada por que alguns profissionais que estão envolvidos com essa modalidade “mercantilizam¹¹” a educação à distância por meio do fácil acesso a ela e da falta de estrutura e qualidade que alguns cursos, até mesmo conhecidos nacionalmente, oferecem. Vivemos essa realidade e as mídias em todos os veículos propagam uma EAD sem qualidade, em geral facilitadora e preocupada em apenas oferecer um ensino à distância sem sentido para o aluno, que mal o profissionaliza para o mercado de trabalho, tornando a educação cada vez mais deficitária.

Não é só a formação desse profissional que precisa passar por mudança, mas toda a estrutura que o insere nessa realidade. Pede-se uma mudança também a nível de legislação. Como foi exposta no primeiro capítulo, nossa própria legislação compromete essa formação. Atrai-se apenas à reflexão, expondo discursos simplistas e esquecem-se do principal que é a reflexão atrelada à formação afetando a ação. Essa reflexão não deve tornar o profissional individualista. Pimenta (2002, p. 22) trata dessa reflexão descontextualizada:

Sem dúvida ao colocar em destaque o protagonismo do sujeito professor processos de mudanças e inovações, essa perspectiva pode gerar a supervalorização do profissional como indivíduo. Nesse sentido diversos atores têm apresentado preocupações quanto ao desenvolvimento de um possível “praticismo” daí decorrente, para o qual bastaria à prática para a construção do saber docente; de um possível “individualismo”, fruto de uma reflexão em torno de si próprio, de uma possível hegemonia autoritária, se considera que a perspectiva da reflexão é a suficiente para resolução dos problemas da prática; além de um possível modismo, com uma apropriação indiscriminada e sem críticas sem compreensão das origens dos contextos que a gerou, o que pode levar a uma banalização da perspectiva da reflexão.

Santos (2010) fala que algumas literaturas que tratam acerca da formação trazem apenas a reflexão e não dão o devido valor a formação teórica e a busca incessante pelo aprender, deixando de lado questões culturais e sociais que interferem no tipo de formação que é oferecido atualmente. Analisando o macro da formação vigente, cabe aqui

¹¹ A privatização, implementadas pelas políticas neoliberais hegemônicas, sobretudo na América Latina, vêm atingindo as “instituições” universitárias públicas de tal modo que significa o desmantelamento do Ensino Superior público e sua conseqüente mercantilização. Nesse sentido, a política de restrição ao crescimento das universidades públicas e sua reestruturação voltada para a produtividade e competitividade, tem favorecido a propagação das universidades privadas por intermédio da idéia do livre mercado. SCREMIM e MARTINS, (2001 apud TRINDADE 2005, p. 30)

destacarmos alguns aspectos importantes conforme apontam os referenciais para a Formação de Professores de acordo com Brasil (2009, p. 32): “Os professores estão desatualizados em relação à discussão sobre a educação, à profissão e seu papel social, escreverem e lerem pouco, terem uma enorme dependência do livro didático e uma visão bastante utilitária¹² do aperfeiçoamento profissional”.

Gatti, Espósito e Silva (1997, p.18) realizaram estudos com professores nos estados do Maranhão, Minas Gerais e São Paulo, tendo obtido os seguintes resultados:

[...] embora 66% dos professores tenham declarado desenvolver leituras especializadas em educação, não conseguiam citar o nome completo da revista e tinham dificuldades de lembrar autores e artigos; 14% afirmaram não ter lido nada nos últimos três anos e somente 18% afirmaram não ter regularidade com livros.

É relevante utilizarmos exemplos do ensino presencial, pois a maioria dos profissionais que trabalham com o ensino a distância também exercem atividades no ensino presencial. Ou seja, trata-se do mesmo profissional com as mesmas deficiências. Isso é um fator interessante de se analisar, pois esse profissional muitas vezes vê no ensino a distância uma maneira de complementar seu salário.

Pensar em uma reflexão, acompanhada da devida teorização na ação para esse profissional é o desafio da formação na EAD. Candau (1997) ressalta a necessidade de formação continuada para o docente, da constância em aprender e procurar na teoria meios de solucionar suas deficiências. Salienta também a valorização do saber docente, aquele que o professor produz no exercício de sua profissão e isso valida a sua prática.

O lidar com a tecnologia é outro grande desafio do ensino a distância, pois, ele requer um constante aprendizado no sentido de dar conta de sua contemporaneidade. Essa contemporaneidade se materializa com os avanços das ferramentas tecnológicas que constantemente se modificam para atender com qualidade as grandes demandas educacionais. Logo dominar ferramentas tecnológicas é de fundamental importância. Gonzalez (2005) expõe que se não houver o domínio dessas ferramentas por parte dos profissionais que trabalham a distância, a aprendizagem ficará impossibilitada.

O aluno que estuda a distância tem um diferencial, pois ele aceitou o desafio de estudar a distância. Logo formar profissionais que saibam lidar com esse tipo de aluno e com os constantes avanços no que diz respeito às transformações tecnológicas, sociais e

¹² É uma visão, compactada, que vê a formação apenas como uma reciclagem, despreendida da realidade que se configura na prática. Tem ligação com a educação bancária.

culturais é um dos alvos dos cursos de formação para profissionais que trabalham com o ensino a distância. Belloni (1999) aponta essa necessidade, onde segundo a autora, há uma carência de recursos humanos cada vez mais qualificados. Com isso Belloni (1999, p. 42) explica que:

A formação contínua que há apenas duas décadas era considerada do ponto de vista do direito do indivíduo de aprender, mesmo adulto, passa agora ser um dever da sociedade e do estado: prover oportunidades de formação continuada tanto para atender as necessidades do sistema econômico quanto para oferecer ao indivíduo oportunidades de desenvolver suas competências como trabalhador o cidadão, capaz de viver na sociedade de incertezas do século XXI. As características essenciais das sociedades contemporâneas- complexidade, mudança acelerada e globalização- colocam demandas crescentes com relação à educação necessária para o indivíduo enfrentar sua vida em sociedade.

Belloni (1999) explica muito bem essa necessidade. Temos um mundo em constante transformação, devido a esses fatores que a autora apontou e também a outros que surgem na prática do profissional que atua a distância. Imbernóm (2010) também explica essa contemporaneidade da educação, onde ele expõe que os profissionais devem ser formados para lidar com as mudanças e constantes incertezas que o mundo apresenta. Com isso Imbernóm (2010, p.8) coloca que o espaço de formação deve:

Deixar de ser um lugar exclusivo de que se aprende apenas o básico (...). E se reproduz o conhecimento dominante, para assumir que precisa ser também uma manifestação de vida em toda a sua complexidade, em toda a sua rede de relações e dispositivos com uma comunidade, para revelar um modo instrucional de conhecer e, portanto de ensinar o mundo e todas as suas manifestações.

Preparar e formar profissionais para a realidade complexa que se configura atualmente requer constantes reflexões do tipo de educação a distância que se deseja e do profissional que se quer formar. Como a finalidade desse tipo de educação não requer uma padronização moldada e sufocada, o que se deseja não é um profissional amarrado em teorizações instrucionistas nem uma educação pronta e moldada em paradigmas tradicionais. O que se quer é uma educação a distância libertadora e um profissional, crítico, ético e compromissado com sua formação e também em propagar uma educação a distância de qualidade. Diante disso, Imbernóm (2010, p. 22) explica que a formação dentro de instituições educativas deverá se tornar: “O motor da inovação e da profissionalização docente”.

Dado o dinamismo da EAD, inovar é uma obrigação para profissionais que atuam a distância. Aíres (2004, p. 3) explica isso:

Profissionais que atuam a distância necessitam ser instigados a buscar soluções a partir de suas reflexões teóricas, daí a necessidade de valorizar a constante busca por aprender. Com a educação on-line os papéis dos profissionais que trabalham a distância se complementam, diferenciam e multiplicam, exigindo uma grande capacidade de adaptação e criatividade diante de novas situações, propostas e atividades.

O profissional que trabalha a distância deve construir práticas transformadoras que lhes dêem subsídios teóricos práticos para exercerem o papel de “intelectual crítico transformador.” Giroux (1997). Diante dessa realidade e do tipo de educação a distância que temos hoje, é importante destacarmos algumas contribuições de Freire (1992) para a formação. Para Freire, a formação tem que ter claramente um compromisso ético político e social, para que se tenha uma prática transformadora. Ele entende a educação como um ato político e o professor como sujeito em constante transformação. A educação à distância é altamente democratizadora, pois chega aos pontos mais remotos do país, atingindo um grande número de expectadores.

É sim um tipo de educação libertadora, apresenta falhas e defeitos que estão aí para serem superados e vencidos por partes dos profissionais que tem compromisso social que querem uma formação comprometida com a mudança. Muitos alunos de EAD pertencem a classes populares e veem no ensino a distância uma oportunidade para ter acesso à educação.

Diante dessa realidade é necessário que haja constantes reflexões a respeito das políticas de formação que temos hoje. Algumas políticas de formação ainda são imediatistas. Santos (2010, p.87) traz os dois principais modelos de formação que temos hoje:

O modelo estruturante clássico de formação continuada ainda se faz presente no meio educacional brasileiro por que seria ainda o mais viável, no que se refere ao atendimento de orientações prescivas e normativas que adaptam o ensino às necessidades do mundo produtivo e garantem a adaptabilidade do professor. O modelo construtivista que torna o professor como protagonista dos projetos educativos que buscam a reinvencão da escola e de suas práticas e de seu processo de formação, pode contribuir para explicitar as contradições de uma realidade socialmente construída, que, por um lado, denota discursos em torno da melhoria do ensino e da formação docente, mas, por outro, comprime cada vez mais as condições necessárias à valorização do profissional do magistério e da educação.

Observamos que o primeiro modelo, como a própria autora colocou, ainda se faz presente no cenário educacional brasileiro e esta realidade está presente dentro da educação a distância brasileira. Temos uma “formação adaptada”, para o profissional que vai

trabalhar na EAD. Adaptada por que ela se apresenta minimamente para ele, forçando-o a aprender na prática, utilizando de teorias e recursos que não o ajudam a formular, tão pouco atuar de maneira inteligível, no ambiente on-line.

Ao mesmo tempo em que se diz que as políticas públicas da educação investem na “profissionalização” dos docentes para melhorar a qualidade da educação, o que se evidencia é um conjunto de práticas que contribuem para precarizar o trabalho desse profissional. Essa precarização do trabalho pode estar sendo gestada nos cursos de formação, sobretudo naqueles que se organizam na modalidade à distância.

Algumas vezes encontramos textos que tratam da educação à distância influenciados por psicologias, sobretudo daquelas que se intitulam cognitivistas. Traz a educação a distância, com um enfoque altamente behaviorista¹³, e algumas atividades para a formação dos profissionais que atuam a distancia, ora vem com um enfoque behaviorista ora no modelo cognitivista.¹⁴

A qualidade da formação pressupõe investimento na formação de professores e melhorias nas condições do trabalho. Entretanto nossas políticas governamentais, oriundas de um estado altamente “regulador”, estabelecem formação continuada para profissionais que estão atuando a distância “apenas em serviço.

Com isso, observamos que há uma diminuição da formação inicial e uma prolongação da formação continuada, ou seja, da formação em serviço. Isso desvaloriza o ensino, pois o profissional bem preparado já deve estar aprendendo desde o início, não que a formação em serviço seja negativa, pelo contrário, ela é tão útil quanto à inicial, mas o profissional que se dispõe a trabalhar a distância deve ter claro que o preparo deve vir antes, ou seja, o docente deve interagir bem com as tecnologias e dominar os conteúdos, bem como as técnicas e a didática utilizada desde sua licenciatura; durante, se este profissional realmente quiser trabalhar com o ensino a distância, não deve se esgotar de fazer cursos ter curiosidade em aprender para poder dar conta da contemporaneidade da

¹³ John Broadus Watson (1878-1958) foi considerado o pai do behaviorismo, ao publicar, em 1913, o artigo "Psicologia vista por um Behaviorista", que declarava a psicologia como um ramo puramente objetivo e experimental das ciências naturais, e que tinha como finalidade prever e controlar o comportamento de todo e qualquer indivíduo.

¹⁴ " A psicologia cognitivista preocupa-se com o processo da compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição, e tem como objetivo identificar padrões estruturados dessa transformação. Cognição é o processo através do qual o mundo de significações, isto é, atribue significados à realidade em que se encontra. Esses significados são pontos de partidas para atribuição de outros, originando, então, à estrutura cognitiva". (MOREIRA e MASINI 1982, p.3).

educação à distância; e depois, se ele for trabalhar com o ensino a distancia, não deve cansar de buscar formação continuada ou em serviço, que traga qualidade e beneficie sua prática.

CAPÍTULO 4 - A PESQUISA

4.0 Metodologia da pesquisa: A pesquisa Qualitativa

Tendo como fundamento teórico metodológico a pesquisa qualitativa, foi realizada uma pesquisa sobre V Curso de Especialização em educação continuada e a distância oferecida pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. FE- UnB.

A pesquisa qualitativa de cunho social visa investigar determinados fenômenos a partir do enfoque dos participantes a despeito de suas concepções e perspectivas. Esse tipo de pesquisa, segundo Godoy (1995, p.58), explicita algumas características:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não definitivo a análise dos dados é realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos e por fim tem como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuições de resultados.

A pesquisa qualitativa parte da realidade e para isso utiliza-se atitudes, crenças, e comportamentos. A pesquisa por considerar o ambiente e suas ingerências traz um enfoque que se difere em alguns pontos do quantitativo, no entanto Gonsalves (2007) traz que a natureza dos dados deve ser cuidadosamente analisada, logo superar a ideia de que pesquisa qualitativa não envolve dados quantitativos traz um retorno positivo para o investigador.

Gonsalves (2007) coloca que a análise qualitativa se preocupa com uma realidade social, não quantificável, pois trabalha aspirações, crenças, valores, sentimentos e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem se reduzir a operacionalização de variáveis. Daí advém seu caráter altamente social que envolve o pesquisador e sujeito que são instigados a falarem sobre o assunto, livres de práticas como medição e controle. Para a realização dessa

pesquisa foi realizado um grupo focal na faculdade de educação da Universidade de Brasília.

4-1 Metodologia do Grupo Focal

Segundo Gatti (2005, p.7 apud, POWEL e SINGLE, 1999, p. 449), o grupo focal é “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal.”

A pesquisa, utilizando-se da metodologia do grupo focal, investigou a formação continuada oferecida no âmbito do V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância, e quais as influências que essa formação traz para o desempenho do trabalho do tutor.

Realizar um grupo focal com os cinco tutores do curso facilitou a pesquisa, pois se trata de um grupo homogêneo. Gatti (2005, p. 19) trata dessa homogeneidade: “Lembremos que a homogeneidade do grupo segundo algumas características está relacionada aos propósitos da análise; por outro lado, ela propicia a facilitação para o desenvolvimento da comunicação intra-grupo.”

Gatti (2005, p.20 apud TAKANA e MELO 2001) argumentam que é importante selecionar os grupos nas quais se presume que as pessoas tenham diferentes opiniões em relação às questões que serão abordadas. Os sujeitos apresentaram pontos de vistas e concepções diferentes sobre o mesmo assunto, pois, são cinco olhares distintos discutindo sobre um mesmo enfoque. E nessas trocas ¹⁵que fluirão com clareza as percepções, conceitos, ideias, motivações, enfim é no calor da discussão que a riqueza da pesquisa fica depositada.

A principal característica da técnica de Grupos Focais reside no fato de ela trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes, permitindo que eles apresentem o que pensam simultaneamente.

Nesses grupos, a interação entre os participantes é muito importante, ultrapassando o limite da descrição, com o intuito de obter uma interpretação mais aprofundada sobre os significados trazidos por meio dessas interações. Esse objetivo é a

¹⁵ O grupo focal não se caracteriza como entrevista coletiva, mas, sim, como proposta de troca efetiva entre os participantes. (GATTI, 2005)

vertente mais defendida na Sociologia, Psicologia Social e na Educação. Ela traz que o grupo focal, na condição de técnica de pesquisa, deve propiciar a interação e a troca de experiências, embora esteja focado em um tema. A partir dessa vertente que será organizado o desenvolvimento do grupo focal realizado nessa pesquisa.

4-2 Organização e Desenvolvimento do Grupo Focal

O número de participantes do grupo deve levar em conta alguns fatores. É recomendado para o bom desenvolvimento do grupo focal, que ele não seja muito grande. O requerido desta metodologia é de cinco a nove participantes, no caso dessa pesquisa, o grupo foi composto por seis participantes, que está na média dos grupos focais, sendo esta quantidade propícia para o bom desenvolvimento do grupo.

O grupo escolhido é de natureza homogênea, pois todos são tutores do mesmo curso. A escolha desses tutores deve ao fato desses profissionais trabalharem em um Curso de Formação Continuada no Ensino a Distância. Esses profissionais estão ligados a discussão de formação. Gatti (2005, p.7) traz que: ... “Para a realização do grupo focal, os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas.”

Sendo o problema de pesquisa a formação oferecida pelo V Curso, as variáveis utilizadas pelo projeto de pesquisa deverão ser contempladas. Gatti (2005, p. 18) intera que:

A escolha das variáveis a serem consideradas na composição do grupo depende então do problema, da pesquisa do escopo teórico, em que ele se situa e para que ele realize o trabalho. Então o objetivo do estudo é o primeiro referencial para a decisão de quais pessoas serão convidadas a participar. Ligado aos objetivos, é preciso considerar o que se sabe e sobre o conjunto social, visando, uma vez que algum traço comum entre os participantes deverá existir, estando isso na base do trabalho com o grupo focal.

As variáveis trarão significado à pesquisa e roteiro utilizado pelo moderador (que será tratado no próximo tópico) deverão retratar essas variáveis que são comuns ao sujeito da pesquisa, ou seja, é parte da realidade desses sujeitos. A escolha desse grupo não foi ao acaso, pretende-se a partir dele elencar e identificar diversos conceitos e percepções do que é a formação para o tutor, bem como as influências da formação oferecida pelo V Curso para o Sistema UAB.

4-3 Papel do Mediador e Roteiro do Grupo Focal

O moderador, para Malhotra (2001), tem papel relevante, pois ele deverá conduzir a discussão de maneira que ela não se afaste do foco da qual foi proposto. O moderador deve mediar todas as ações, introduzir as temáticas que deverão ser discutidas de maneira que os entrevistados tenham plena liberdade em responde-las dentro daquilo que foi proposto. O moderador é um animador, deve estar atento em todos os momentos críticos da discussão de modo que oriente a discussão da qual ele propôs.

De acordo com a metodologia do grupo focal, o moderador deverá intervir o mínimo possível, e com isso os tutores deverão se sentir a vontade para discutir o tema proposto. No caso da referida pesquisa, o próprio pesquisador foi o moderador do grupo. Pede-se leveza e trato com os sujeitos, Gatti (2005, p.35) propõe que o moderador deve ter uma condução menos diretiva:

A atuação menos diretiva do moderador com o grupo demanda maior cuidado com suas formas de intervenção, maior habilidade e sensibilidade de sua parte do que quando a atuação é programada como roteiro fechado, e em que se vai conduzir todo o processo grupal na forma delineada, cumprindo todos os tópicos previamente fixados. Entretanto a condução do grupo, com intervenção, moderada menos diretiva, não implica que se deixe o grupo perder o foco da pesquisa, nem que os aspectos importantes não sejam traduzidos pelo moderador, caso o grupo não aborde. Algumas “chamadas podem ser feitas, de modo adequado ao longo do trabalho conjunto e o moderador, desde o início, deve deixar clara a responsabilidade do próprio grupo em gerenciar a discussão.

No entanto o moderador deverá estar atentado a todos os momentos críticos do grupo, não deixando o assunto se desviar da temática prevista. Os grupos têm capacidade de autogestão, no entanto o moderador deve estar atento a todos os momentos, não deixando o assunto se desviar do foco do trabalho.

A interação, que acontecerá naturalmente no desenvolvimento do grupo é muito importante. Para Gatti (2005, p. 19 apud, KITZINGER, 1994), trata da relevância dessa interação: “A autora defende a ideia que é essa interação que dá o diferencial aos grupos focais e que merece ser explorada no processo investigativo, por que o interesse não é somente “no que as pessoas pensam, mas em como pensam e por que pensam assim”.

As reflexões ressaltadas no grupo são vitais e trarão elementos que provocarão os participantes a indagarem e serem ativos no processo de construção da discussão. Para que isso aconteça de maneira organizada e também para que os participantes se sintam

assistidos, o moderador fará uso de um roteiro que servirá de guia para a pesquisa. É importante ressaltar também que esse roteiro deverá estar atrelado aos objetivos da pesquisa. Logo o moderador deve introduzir as temáticas que serão discutidas e o grupo sozinho sem intervenção teórica do moderador deverá desenvolver a discussão. O roteiro é útil, pois auxiliará na gestão do tempo e também guiará as falas do mediador, pois ele provocará o assunto de acordo com a sequência proposta, logo a utilização deste é muito diferente de uma entrevista, pois dividirá a discussão em blocos, e não se apresentará no formato perguntas e respostas e sim se tratará de uma sequência lógica do desenvolvimento do grupo.

4-4 Procedimento e Análises das Informações

O grupo focal com os tutores teve duração de 80 minutos. Foi gravado e transcrito literalmente, o que permitiu a análise das falas na íntegra em caráter interpretativo. Com isso as principais características bem como os pontos relevantes serão cuidadosamente analisadas e tabuladas a luz da fundamentação teórica metodológica utilizada nesse trabalho.

CAPÍTULO 5- RESULTADO E DISCUSSÃO

Dialogando com os Dados da Pesquisa

Nesta etapa o intuito é destacar e discutir os dados que foram levantados na pesquisa, sendo estes dados a riqueza do trabalho, pois expõem os conceitos, as ideias, os valores e as vivências dos sujeitos em questão. Para obtenção desses resultados, como foi falado no tópico anterior, foi utilizada a metodologia do grupo focal. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar. (GATTI, 2005)

Diante dessa realidade o grupo focal foi campo propício para a manifestação das ideias dos sujeitos em questão. O roteiro seguido pelo moderador auxiliou no desenvolvimento dos blocos do grupo. A fim de organizarmos os resultados, a discussão dos dados apresentará a mesma ordem de divisão dos blocos de discussão do grupo focal.

5-1 Concepções de Formação Continuada

Nesse tópico as tutoras falaram acerca do conceito de formação que elas possuem e também da relevância que elas dão para a formação no âmbito da educação a distância.

No começo da discussão foi pedido para que as tutoras elencassem conceitos a respeito do que seria para elas formação. Foi indagado também, se esses profissionais receberam formação apropriada ao ingressarem como profissionais da UAB e também quando ingressaram para trabalhar no V Curso de Especialização.

Abaixo seguem as concepções que elas dispuseram a respeito desse conceito:

Tutora 1- Formação para mim é a aquisição de novas habilidades, uma vez que a formação deve suscitar isso.

Tutora 2- É interessante o que a tutora 1 falou. Acredito que atualização é a palavra que define formação e creio que as colegas concordam com isso, pois a gente oferece sim uma atualização para os nossos alunos.

Tutora 3- O Conceito de formação que eu tenho é aquele ainda ligado a formação inicial que eu recebi aquela pro ensino presencial. Até por que não tive assim nenhuma formação bem específica para lidar com o ensino a distância.

Tutora 4- Acredito que a palavra que defina melhor é atualização.... Há tem também o fato de ser uma formação e serviço né...Não sei se é bem uma reciclagem é meio complicado a gente falar que é reciclagem, por que a palavra reciclar dá uma idéia ruim...Bom o que define melhor o V Curso é atualização e formação em serviço, acho que só isso mesmo...

Tutora 5: Para mim, formação permanente é um conceito em construção. Até por que os próprios teóricos da formação não têm assim uma definição do que seja esse conceito é um conceito em construção ainda. A formação permanente na EAD é um desafio também. São terminologias novas, no entanto todas elas levam para um caminho, o caminho da formação ao longo da vida. Acredito que isso traduz qualquer nomenclatura ou termo do que é especificamente a formação continuada.

Infelizmente quando falamos de formação, alguns educadores a ligam a termos desvinculados de uma prática crítica, como: atualização e reciclagem. Para Sheibe (2007, p.57): [...] “o desafio é estabelecer uma formação teórica sólida com base no conhecimento científico e na pesquisa consolidada, e não ceder à incorporação da racionalidade técnica ou do praticismo pedagógico predominantemente na epistemologia da reforma educacional oficial na qual se vincula o conhecimento formativo a uma prática imediatista”.

As tutoras 3 e 2 colocaram um aspecto importante para ser analisado. Elas falaram que não receberam formação inicial para lidar com o ensino a distância. Isso é um ponto delicado dentro do sistema educacional brasileiro. A falta de preparo do docente para atuar no ensino a distância. Isso por que ainda nossa formação inicial está ligada aos modelos estruturantes clássicos e construtivistas apontados por Santos (2010) conforme apresentado no capítulo 2 desse trabalho. Esses modelos (que inspiram nossos currículos) veem permeados de um praticismo pedagógico o que significa um “aprender na prática”, sem a devida teorização.

O profissional que recebe uma formação de qualidade oferecerá também uma educação de qualidade para os seus discentes. Atualmente muito se discute a respeito de qualidade na formação. Para Santos (2010, p.108): “Uma educação de qualidade requer uma perspectiva democrática na construção de uma política educacional de caráter global que seja capaz de favorecer os instrumentos fundamentais para o exercício da cidadania”.

Sendo que a formação que faz sentido vai muito além disso. Isso implica em dizer que não somente os conteúdos da formação que necessitam ser modificados. É necessária a valorização do trabalho docente e melhorias nas condições de trabalho e nos salários, propiciando também a existência de relações interpessoais e institucionais favoráveis ao compartilhamento das experiências e garantias de espaço-tempo para o exercício da formação.

É também muito interessante o que a tutora 5 colocou a respeito das nomenclaturas de formação. Para Collares e Moyses (1995, p. 101), são termos desafiantes:

O campo de discussões sobre formação continuada, ou em serviço, é relativamente recente e, portanto ainda um pouco nebuloso, não totalmente delimitado. O próprio conceito de formação continuada ainda esta em construção, e por si, só já representa um desafio.

São termos em construção, que representam desafios na formação. Diversos teóricos como Nóvoa (1992), Imbernóm (2010), Freire (1992), Santos (2010), colocam que o importante é que essa formação acontece ao longo da vida, como uma formação sempre permanente na vida do profissional que deseja aprimorar cada vez mais sua prática.

Tutora 1- O curso é uma atualização, né, para esses profissionais que trabalham na UAB. Eu acredito que ele beneficia muito desses profissionais, uma vez que eles não receberam formação inicial antes.

Tutora 3- Tenho relato de muitos alunos meus que estão modificando sua prática agora, sob influência das reflexões do V Curso. Os que já são tutores, conseguem olhar para os alunos de outra forma (....) Um bom curso de formação dá ideia para esses profissionais trabalharem dentro do ambiente on-line. Não só a ideia ele dá subsídios, pois a gente discute desde a gestão dos ambientes on-line até a mediação desse profissional com o aluno. É uma discussão bem profunda e isso os levam a refletirem eles acabam desconstruindo velhos vícios e práticas que são erradas e que passam despercebidos por nós que somos educadores. Um profissional que atua na educação a distância sem formação adequada compromete toda a sua prática e desqualifica a educação.

A reflexão da tutora foi extremamente importante. Ela percebeu o quanto essa formação é importante no contexto do ensino a distância. A educação a distância exige tutores com formação continuada e pleno domínio dos recursos tecnológicos, utilizando de maneira correta as ferramentas do espaço virtual. O tutor tem grande responsabilidade

dentro da educação a distância, não podendo ficar estagnado, mas buscando conhecimentos necessários, ressignificando sempre seus saberes desse modo ele poderá desenvolver diversas estratégias e estas o auxiliarão em sua prática.

Tutora 5- Todo o profissional que vai lidar com o ensino a distância tinha que fazer um curso desse tipo. Estou na EAD há mais de 10 anos, e na UAB há algum tempo, se eu tivesse participado desse curso bem lá no comecinho da minha carreira, antes de iniciar meus trabalhos com EAD, tinha evitado muitos equívocos que cometi na prática. O problema é que eu insistia numa prática errada, e nem estruturava maneiras de melhorar. Não se tinha essa preocupação de como, “educar a distância”. Era tudo muito na tentativa, se aprendia na marra, não tínhamos dentro da Universidade de Brasília um curso de qualidade como esse.

Tutora 2- Se tinha a gente nem procurava muito... O pior é que ainda tem muitos profissionais que lidam com o ensino a distância, que são resistentes né. Para eles, a formação inicial basta, e a gente que tem mais suporte teórico, logo se vê que essas pessoas, não se dão conta, do perigo que isso representa.

A prática da tutora 5, se tivesse sido bem respaldada num compromisso ético e social de formação permanente, não teria sido prejudicada por equívocos, que diminuem a qualidade da educação oferecida. Imbernóm (2010, p.69) explicita essa necessidade:

É necessário estabelecer uma formação inicial que proporcione um conhecimento válido e gere uma atitude interativa e dialética que conduza à valorização a necessidade de uma atualização permanente em função das mudanças que se produzem; a criar estratégias e métodos de intervenção, cooperação, análise, reflexão; a construir um estilo rigoroso e investigativo.

Quando Imbernóm (2010) fala a respeito da necessidade de atualização profissional, ele não trata isso em um sentido reducionista da palavra, e sim na capacidade de estar sempre buscando aprender se munindo de subsídios e suportes teóricos metodológicos que o levem a uma melhor atuação docente. Imbernóm (2010) vê essa constante atualização, como uma formação permanente, que tem como função questionar ou legitimar o conhecimento profissional posto em prática. A formação permanente tem o papel de investigar a prática para ordená-la, fundamentá-la, revisá-la e combatê-la se for preciso.

5.2 A Estrutura oferecida pelo V Curso

Nesse tópico as tutoras falaram sobre a infra-estrutura tecnológica, processo de interação pedagógica, conteúdo e metodologia.

Tutora 5: O V Curso ajuda o profissional a refletir sua prática. É claro que alguns conseguem, outros não, aí é mais complicado, o tutor tem que estar atento o tempo todo para mediar isso, fazer eles refletirem e serem autônomos e críticos. Acredito que o V curso beneficia a formação acadêmica e atinge o sistema UAB de maneira positiva.

Tutora 4: O grande problema aqui meninas é por que a gente oferece formação para esse profissional dentro da UAB, e aí quando ele sai do curso especialista, bem capacitado, ele resolve não trabalhar mais no sistema UAB, por que tem a questão do salário.

Tutora 2- Já ouvi comentários de que esses profissionais depois de especialistas saem do sistema UAB e vão trabalhar em outros lugares. Outro dia a gente tava comentando isso lá (...) A gente forma mais o profissional sai, a gente beneficia, oferece uma formação mais sólida e o profissional não fica trabalhando na UAB. Então será que o sistema é beneficiado mesmo de verdade? Será que tem influenciado mesmo positivamente tutora 5, a gente tinha que saber exatamente da porcentagem dos formandos, quantos formandos ficam entende. Pra saber se beneficia ou não, se vai ser eficiente ou não. Mais o fato é que ele precisa continuar independente disso, por que, os profissionais da UAB precisam dessa reflexão.

Tutora 1- Com certeza alguns ficam. Se parar de oferecer aí é que piora mesmo. Por que um curso desse gabarito deve e tem que permanecer, se não a coisa não flui. Esses profissionais devem e têm que fazer essa reflexão, eles precisam estudar. Todo mundo que trabalha na educação, ainda mais na educação a distância tem que estudar (... Vocês não tem ideia, meus alunos relatam que agora, com as reflexões do curso, muita coisa das práticas deles tá mudando. Acredito que aí está o nosso grande legado, e se muitos alunos saem paciência se depender de mim o curso vai continuar aí formando mais pessoas, dando qualidade pro ensino.

Tutora 3- A UAB deveria impor, acredito que esta seja a palavra, espaços de formação para esses profissionais. O conteúdo é provocador. Temos sim boa capacitação, mais lembrando que, só representamos uma pequeníssima parte da EAD brasileira. Sabemos que muitos são educados a distância e muitos educam a distância. E qual seria a qualidade dessa troca? Até que ponto a prática desse profissional responde as demandas

do sistema educacional brasileiro. Muitas pessoas procuram no V Curso uma maneira de elevar sua titulação acadêmica, em busca de melhores condições de trabalho. O que não é errado. Mais se o curso não der conta de fazer com que esses profissionais reflitam sua prática, todo, no esforço de nada valerá.

Tutora 3- Quanto a isso vocês podem ficar tranqüilas por que o curso faz sim com que os alunos reflitam sua prática. É claro que só muda quem quer. Só se capacita quem quer, só aprende quem quer. A gente mostra o caminho, agora só anda por ele quem tem compromisso com uma educação de qualidade.

A formação deve levar o profissional a refletir e repensar sua prática. O profissional que estava atuando já algum tempo na UAB, e que antes do curso, apresentava muitas vezes uma prática equivocada, sob influências do curso, seu desempenho estava melhorando. Deprendemos da fala das tutoras o desejo de querer uma UAB melhor e isso transcendia os limites das dificuldades como baixos salários e a evasão desses profissionais. Assim as tutoras são enfáticas em afirmar o quanto a formação ajuda esses profissionais a se apropriarem e ampliarem de conhecimentos que o ajudam a desenvolver um trabalho melhor dentro da UAB. Evidencia-se também que o V Curso favorece o desenvolvimento de experiências coletivas que ajudam a sedimentar o trabalho destes profissionais. Com isso podemos dizer que estas tutoras sentem que a formação continuada tem um valor profissional.

A despeito da evasão, que segundo as tutoras, tem sido comum dentro da UAB, o profissional depois de especialista, sai da UAB para trabalhar em outro local, é um fator negativo dentro desse sistema, no entanto devido à “precarização do trabalho docente”¹⁶ infelizmente, isso tem sido uma prática comum.

Outro aspecto a ser salientado, diz respeito ao fato de que a formação continuada não depende apenas dos programas propostos pelo governo. Cabe a UAB buscar caminhos que estimulem o debate, a discussão, estudos e encontros que possam progressivamente, constituírem-se espaços de formação continuada, além do V Curso já oferecido. É importante destacarmos também que esta pesquisa demonstrou que a formação implica uma medida mais incisiva da UAB, sendo dada a garantia do horário da formação como parte constituinte da atuação do profissional que trabalha a distância.

¹⁶SANTOS (2010) coloca que essa precarização do trabalho docente implica dizer a respeito dos baixos salários e das condições ruins de trabalho que o professor passa.

Tutora 4- Ai também ele vai depender da adesão desses profissionais né. Por que não adianta a gente só ficar criticando o sistema, tem que haver mudança entende. Nós que somos tutoras desse curso e que temos sim uma capacitação melhor, por que eu tenho mestrado, tutora 1 é doutora, entende a gente tá a frente, desses profissionais que muitas vezes só tem a graduação e estão atuando por aí;

Tutora 2- O que eu sei é que a UAB, que a Universidade de Brasília cuida tutora 4, não aceita tutor sem pelo menos o mínimo de formação.

Tutora 4- Não eu quis dizer a nível de Brasil entende.

Tutora 2- Acho que você deve pesquisar sobre isso tutora 4.

Tutora 3- A qualidade dele muitas vezes pode até não ser boa, entende? Não devido à formação, até por que, quem cuida disso são as instituições federais e isso também é regido por edital. O que desqualifica também é o sucateamento das instituições públicas. Eu tenho conhecimento de pólos que estão caindo aos pedaços, falta livro pros alunos, faltam locais para encontros presenciais, falta material didático, falta professor e falta até tutor. Disso eu sei conheço o pólo X, da cidade W, que tem problemas assim, sabe desse tipo. Às vezes temos profissionais ótimos, mais não contamos com estrutura boa entende? A estrutura desqualifica o processo educacional. A estrutura e fugindo um pouco do tema do nosso grupo aqui, no ensino presencial a coisa é bem pior. Por que olha como, a UAB é um consórcio de Federais então bem ou mal, temos um controle melhor. E a educação básica presencial que fica na mão do governo. (.....) Por que lá o professor num tem formação mesmo, e atua na cara e na coragem. Como é o caso do Nordeste Brasileiro. A gente pode até ter profissionais sem qualificação necessária. Por exemplo, eu conheço um tutor presencial, que trabalha na UAB do X, que atua no curso de Letras e não tem formação nessa área. Ai é complicado, qual a vivência que o cara tem nessa área. Se ele não tem a formação básica para isso. Cadê o rigor do edital? Esse caso não é no DF graças a Deus, mais é no Brasil gente, a coisa deve ser analisada como um todo, por que se não nos posicionarmos agora isso vira uma bola de neve.

Tutora 5- A EAD no Brasil, tem se movimentado bastante nos temos a ANPED que é bem atuante, a ABED que fomenta a formação de nós educadores que trabalhamos a distância, a gente procura se organizar da melhor maneira possível. O profissional a distância que quer mudança se mobiliza. O problema é que tem que partir dele, do profissional. Por exemplo, o profissional refletir, poxa se eu atuo dessa maneira se eu fizesse de outra

maneira, será que meu aluno não teria um desempenho melhor. E para ele conseguir isso só no espaço da formação. E é nessa tecla que eu bato constantemente com os meus alunos.

Conforme as tutoras apontaram, o Curso é ainda um pouco do que devemos fazer para colaborar com uma melhor formação, mas ainda é o começo. Esse curso fomentou a reflexão sobre a prática do docente que atua a distância. Isso requer construção e reconstrução de saberes, para uma melhor atuação. Gatti (2008) coloca a necessidade de formação continuada faz-se cada vez mais presente, não como uma educação compensatória, mas sim como meio de expansão cultural do professor. Daí a necessidade de políticas de formação docentes mais sérias, no trato da formação desses profissionais e mais rigor no que cerne a cobrança de órgãos que são responsáveis pela educação.

Nesse sentido Santos (2010) apud Candau (1997), Junqueira (2000) e Nóvoa (1992) salientam a emergência da superação de modelos tradicionais de formação continuada pautada na “acumulação de cursos, palestras, seminários de conhecimentos e técnicas por um trabalho de reflexividade em pareceria com os pares” como é o caso do V Curso. No que concerne a infraestrutura oferecida para o desenvolvimento dessa educação à distância, o governo deixa a desejar em alguns aspectos, conforme aferimos na fala da tutora. No entanto vemos um movimento hoje de valorização da educação, com isso estamos engatinhando para um futuro melhor. O governo Lula (2003 a 2010) tinha pressa em educar. Percebíamos isso com algumas medidas tomadas, o Brasil estava perdendo em qualidade, tínhamos e temos um PIB¹⁷ alto, políticas de valorização de alguns setores que elevam o país, mais não contávamos com pessoas capacitadas para lidarem com isso. A UAB surgiu então com o intuito de ajudar a viabilizar essa educação.

Não podemos ser utópicos e falar que esse quadro se resolverá como passe de mágica. Isso demandará tempo, políticas de valorização docente, e o principal, a abertura de espaço dentro das próprias instituições para a formação. Pois o V Curso é pouco segundo a fala das tutoras, com isso devem-se implementar mais espaços que irão contribuir para uma melhor formação desses profissionais.

As questões levantadas pelas tutoras colocam dificuldades individuais e coletivas que vão além das questões imediatas do ensino, assim como a dicotomia entre os aspectos

¹⁷ PIB: O produto interno bruto representa a soma (em valores monetários) de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região (quer seja, países, estados, cidades), durante um período determinado (mês, trimestre, ano, etc).

teóricos e os problemas da prática. Isso implica dizer que esse quadro evidencia o cotidiano da educação a distância brasileira, constituindo uma totalidade que compreende os aspectos gerais e singulares de grupos e instituições que se inserem em determinados contextos sociais diferentes.

Como é o caso da UAB do DF, e da UAB de outros estados citados pela tutora. Fica claro que a formação desses profissionais não é a “formula mágica” para resolver todos os males da educação à distância. A melhoria do ensino não depende só da formação, mas sim de condições dignas de trabalho.

5.3 O V Curso em Educação Continuada e a Distância propõe uma Formação baseada na Reflexão da prática pedagógica específica do ensino a distância?

Esse bloco teve o intuito de fazer com que as tutoras falassem mais especificamente do conteúdo oferecido no âmbito do V Curso. Se ele realmente tinha seus pressupostos fundamentados na relevância na reflexão da prática do profissional que atua a distância. Pois isso implica dizer que esse profissional necessita de uma formação específica para lidar com essa modalidade.

Tutora 5- Falar de prática pedagógica, a prática pedagógica específica dos ambientes on-line é bem interessante. Por que se pararmos pra pensar aqui, a prática docente desse profissional é diferente do profissional do ensino presencial. O V Curso ajuda o profissional a refletir sua prática sim! Por que ele cria mecanismos de ajuste a própria metodologia do Curso ajuda o aluno refletir sobre sua prática. Na EAD, não existe improvisação o trabalho é ali, aluno-tutor o tempo todo. É mais individual, requer uma demanda de atenção maior desse profissional, o aluno é assistido, em todos os passos, e o tutor tem o compromisso ético, essa é a palavra de fomentar uma educação de qualidade. Refletir e teorizar na educação a distância é primordial. E isso tem que ser feito o tempo todo não só na formação. Se não ele não der conta de atender o aluno. E quem é esse aluno que estuda a distância? Fugindo aqui um pouco do V Curso, vamos pegar aqui o exemplo do curso de pedagogia oferecido na Bahia. Esse aluno é um profissional que trabalha o dia inteiro dá aulas é casado, tem filhos, problema financeiro, contas para pagar enfim é uma pessoa que necessita dessa formação e precisa estar ali aprendendo. Se não tivermos um profissional que lida no ensino a distância sensível a essa realidade, com

uma prática voltada a ajudar, esse sujeito dentro de suas dificuldades o, trabalho não avança.

Tutora 1- Temos que pensar e repensar isso constantemente e levar em conta que a prática pedagógica está intrinsecamente envolvida com as condições de trabalho desse profissional. Fui trabalhar com o ensino a distância motivada por muitos fatores. Posso trabalhar em casa fazendo o que eu gosto. E isso também me ajuda financeiramente, pois o professor parece clichê, mais ganha mal e olha que eu tenho mestrado.

Tutora 2- Esse é o lado sórdido da educação a distancia. A gente usa ela para complementar o nosso salário. E não adianta falar que não, por que no fundo isso motiva sim a gente. E é claro que isso vai interferir na nossa prática. Por que estamos cansados de uma jornada pesada e vamos lidar com o ensino a distância. Isso acaba interferindo na nossa prática. A gente identifica isso, por que o próprio curso faz a gente refletir sobre isso.

Pela fala das tutoras, vemos o quanto é complicado formar essas pessoas para trilharem rumos novos. O ponto positivo colocado por elas com certeza são os avanços que o V Curso traz para a educação à distância. Como foi muito bem enfatizado na pesquisa, o V Curso é altamente benéfico e necessário dentro desse sistema. Ele extrapola os limites da necessidade de formação e proliferação de titulação acadêmica. Claro que as pessoas procuram cursos para aprimorarem sua prática. No entanto, para as tutoras, esses alunos com o conteúdo do curso criam “mecanismos” para melhorarem essa prática.

No entanto elas são enfáticas quando discutem os problemas nas condições de trabalho docente. O tempo todo elas levantam a questão da precarização desse trabalho docente. A tutora apontou que está cansada, ganha mal na docência e vê a EAD como uma “carga” a mais dentro de suas atividades. Isso tem refletido na educação, pois teremos um profissional desgastado, que muitas vezes não dá o seu melhor devido ao estado físico de cansaço que ele se encontra.

O ambiente virtual de aprendizagem deverá tornar-se lócus propício para a reflexão. Isso deve ficar claro para os profissionais que lidam com o ensino a distância. Não deve ser visto como um espaço qualquer, tão pouco comparado com uma sala de aula presencial. É um espaço único como a sala presencial, o fato de ser único o torna diferente com uma pessoa, que não deixa de ser “pessoa”, como qualquer outra, mas é única em suas particularidades.

Há a necessidade dessa constante formação, até por que o profissional, como a própria pesquisa apresentou, não recebeu formação iniciada quando iniciou seus trabalhos na EAD, fica prejudicado também pelo fato dessa primeira formação não ser suficiente, ou não estabelecer os paralelos necessários com a prática. Muitos currículos dos cursos de graduação-licenciatura, não apresentam disciplinas condizentes com a prática do docente e isso se agrava mais ainda quando analisamos o caso específico do docente que se forma apenas para lidar com o ensino presencial, o que não reflete sobre outras modalidades de ensino e não tem vivência ou aporte teórico para lidar com a realidade da educação à distância.

Dada essa realidade, no tocante a carência curricular de nossos cursos de licenciatura, Tardif (2010, p. 242) explica o que tem ocorrido:

A formação para o ensino ainda é erroneamente organizada em torno das lógicas disciplinares. Ela funciona por especialização e fragmentação, oferecendo por alunos disciplinas de 40 a 50 horas. Essas disciplinas (psicologia, filosofia, didática, etc) não tem relação entre elas, mas se constituem unidades autônomas fechadas sobre si mesmas e de curta duração e, portanto, de pouco impacto sobre os alunos. Essa formação também é concebida segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam um certo número de anos “assistindo aulas” baseadas em disciplinas de natureza declarativa; depois ou durante essas aulas vão estagiar para “aplicar” esses conhecimentos; finalmente, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos disciplinares estão mal enraizados na ação cotidiana.

Esse aprender na prática tem permeado a prática do ensino a distância de hoje. O profissional da educação, quando passa por essa formação, muitas vezes tão distante de uma prática verdadeira se embaraça por não ter subsídios para lidar com a diversidade do ensino a distância. As tutoras citam exemplos de vários estados do Brasil, falam da formação de outros locais e da problemática que envolve essa realidade, cujo se faz necessário elevar a formação desses profissionais.

Para Tardif (2010) estamos passando por uma crise profissional na área da educação. A autora chama de “crise do profissionalismo, que se configura na crise da perícia profissional”. Ela fala que a perícia profissional atualmente tem perdido espaço dentro da docência. Essa crise tem representado, segundo Tardif (2004, p.251):

A perícia profissional perdeu progressivamente sua aura de ciência aplicada para aproximar-se de um saber muito mais ambíguo, de um saber socialmente situado e localmente construído. Assimilada durante muito tempo ao exercício de uma racionalidade instrumental diretamente baseada no modelo de ciências aplicadas, uma racionalidade capaz de calcular e combinar eficazmente

meios e fins a perícia profissional está sendo cada vez mais percebida hoje em dia de acordo com o modelo de uma racionalidade limitada, de uma racionalidade improvisada, na qual o processo reflexivo, a improvisação, a indeterminação, a criatividade, a intuição, o senso comum desempenham um grande papel, apoiando-se ao mesmo tempo, em rotinas próprias a cada tradição profissional.

Essa citação expõe o que tem ocorrido atualmente, como o espaço para formação tem sido pouco, há uma valorização do senso comum e da improvisação tão recorrentes dentro da educação. Tardif (2010) coloca que há uma crise de ética profissional, que avança e se torna uma crise de valores. Tardif (2010) expõe que esses conflitos de valores parecem ainda mais graves cujos objetos de trabalhos são os seres humanos, como é o caso do magistério. A ética na docência é o ponto central dessa crise e deve ser analisado. A falta de ética e de cuidado com a prática pedagógica desvaloriza e desqualifica o ensino.

5.4 Se o v Curso a partir do olhar das tutoras conseguiu influenciar positivamente o sistema UAB.

Tutora 3: Vejo hoje o V Curso como a única porta viável dentro da UAB do Distrito Federal que oferece formação Continuada para esses profissionais de qualidade.

Tutora 5: É porque sai de dentro da Faculdade de Educação [...] aqui temos ótimos professores, olha quem tá por trás, gente, tem professores de excelente qualidade aqui, e isso abrilhanta o curso.

Tutora 5 [...] nesse curso a gente só discute EAD. [...] é prática direto, é só os alunos fazerem ligações da teoria com a prática! Meninas e nós estamos lá para isso, nossa finalidade não é fazê-los refletir a respeito das interferências do conteúdo com a prática? Poxa se não é isso é melhor a gente pedir pra sair do curso. [...]

Até porque nossos alunos já estão na prática, então tudo lá foi aplicável, tudo a gente podia ligar, o conteúdo do curso foi excelente nossa como eu aprendi! Aprendi muito com esse curso. Se eu aprendi imagine os alunos que foram provocados o tempo todo.

Pelas falas das tutoras, vemos que o V Curso conseguiu atingir alguns objetivos a qual se destinava que é fomentar a formação de qualidade para os profissionais que atuam a distância e impactar positivamente o sistema UAB. A tutora 3 coloca um aspecto bem interessante que é o fato do curso ser “provocador”. A boa formação provoca e questiona o

conhecimento do profissional. A experiência da formação leva ao conhecimento. Para Imbernóm (2010, p. 119):

Esse conhecimento é criado pouco a pouco e comporta assumir estereótipos e esquemas ou imagens determinadas na docência. Por isso a formação do professor deve adotar uma metodologia que fomente os processos reflexivos sobre a educação e a realidade social através das diferentes experiências. Além disso, deveria ocorrer no interior das instituições educacionais para obter a mudança individual e institucional.

A experiência do V Curso, no âmbito da UAB, levou a mudanças de atitudes e práticas conforme apontado na fala delas: “Meus alunos estão mudando suas práticas agora sob influências do V Curso”. Nessas falas denota-se a relevância de um conhecimento mais amplo sob a formação.

Analisando o espaço onde essa formação é oferecida no caso da Universidade Aberta do Brasil, ela não é neutra. É um lugar de confronto de saberes, perspectivas e concepções sobre o trabalho do profissional que atua a distância. Desse emaranhado de relações emerge um conjunto de aprendizagens, crenças, teorias e práticas que são potencialmente, importantes objetos de reflexão dos processos de formação continuada.

Esse conjunto de aprendizagens tem espaço propício na formação. É importante salientarmos também que a formação não se restringe apenas a discussão de conteúdos e/ou metodologias de ensino, mas também a condição efetiva do exercício profissional. Imbernóm (2010) coloca a necessidade de uma formação voltada para a prática, cuja própria necessidade obriga o profissional a elaborar e construir o sentido da formação. Daí advém à necessidade de uma formação que se aproxime das instituições educacionais.

O tutor é um docente que atua a distância. No caso do V Curso, ele atendeu tutores e demais profissionais da UAB. Todos esses profissionais influenciam e mediam a aprendizagem à distância. Educar a distância exige a participação de todos esses atores. Esses profissionais contribuem e juntos formam uma ponte para os saberes dos alunos que estudam a distância. Logo esses profissionais têm um compromisso ético e moral e isso deve ser encarado com muita seriedade.

Como a própria pesquisa apontou a formação inicial oferecida para esses profissionais não foi suficiente e isso tem sido um grande problema, pois temos um profissional que não consegue elaborar uma prática eficiente no ambiente on-line. Imbernóm (2010, p. 43) explica como isso ocorre:

O tipo de formação inicial que os professores costumam receber não oferece preparo suficiente para aplicar uma nova metodologia, nem para aplicar métodos desenvolvidos teoricamente na prática. Além disso, não se tem a menor informação sobre como se desenvolver, implantar e avaliar processos de mudança. E essa formação inicial é muito importante já que é o início da profissionalização, um período em que virtudes, os vícios e as rotinas etc. são assumidos como processos usuais da profissão.

Essa situação se torna mais complexa ainda quando tratamos da educação a distância que apresenta novas metodologias de ensino bem peculiares do ambiente virtual. A pesquisa apontou que é necessária uma revisão paradigmática acerca da formação inicial oferecida para os docentes de maneira geral e também para os docentes que irão educar especificamente à distância.

A legislação traz que os cursos de licenciatura devem preparar o profissional que irá atuar na educação, capacitando-o a atuar em qualquer modalidade educativa. No entanto como já foi mostrado no capítulos 1 e 2, os currículos dos cursos ainda se mostram fracos e incompletos, não tratando com a devida seriedade a questão do educar a distância, são poucas as disciplinas oferecidas nas licenciaturas, que tratam de educação a distância ou tecnologia.

No caso do docente que já está atuando, o caminho é a formação permanente desses profissionais. O V Curso é um bom exemplo, pois, ajuda o profissional que está na prática a refletir sobre suas ações. Diante dessa realidade, é interessante o que Imbernóm (2010, p. 118) fala a respeito da formação permanente:

[...] “a formação permanente consistia em algo mais, que não se limite à atualização profissional realizada por alguns “especialistas” (que iluminem os professores e seus conhecimentos pedagógicos para que sejam reproduzidos), mas que, ao contrário, passe pela criação de espaços de reflexão e participação nos quais o profissional da educação faça surgir a teoria subjacente a sua prática com o sentido de recompô-la, justificá-la ou destruí-la. Esse processo de ancoragem do conhecimento teórico que apóia a prática educativa é o que pode favorecer uma melhor interpretação do ensino e da aprendizagem, e a aquisição de maior autonomia profissional”.

É no espaço da formação permanente que este profissional encontrará vez e espaço para construir e reconstruir seus conhecimentos. Cursos de formação permanente que fomentem isso, conforme a pesquisa apontou, são altamente benéficos para o profissional

que deseja sempre aprimorar sua prática, pois é na teoria que ele encontra a “ancoragem teórica”¹⁸ necessária para sua atuação.

¹⁸ Ancoragem Teórica: O profissional se nutrir de conhecimentos necessários para apoiar sua prática em todos os momentos. (IMBERNÓN, 2010)

6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi trazido pela pesquisa a respeito de formação e também do que à formação implica para os profissionais que atuam a distância, foram identificados fatores que dizem respeito à influência da formação continuada e ou permanente para esses profissionais.

Os dados da pesquisa apontaram que esses profissionais não receberam formação apropriada quando ingressaram para serem profissionais da UAB. A amostra da pesquisa trouxe que os sujeitos analisados não fazem a diferenciação correta entre a formação oferecida para profissionais que atuam a distância e presencialmente. Para eles essa formação não é diferente e sim a mesma. Isso é um grande equívoco, pois educar a distância exige uma prática diferenciada, demanda conhecimentos e atitudes específicas do ambiente virtual. O ideal é que o profissional da educação vivencie a experiência de atuar a distância por meio de estágios e que também curse disciplinas na área de educação à distância e tecnologias. No entanto, como foram apontados no referencial teórico, nossos cursos de licenciatura ainda deixam a desejar nesse quesito. Essa realidade pede uma revisão paradigmática do tipo de formação inicial que tem sido oferecida.

Logo a formação continuada se faz necessária dentro dessa realidade. A educação a distância apresenta especificações e particularidades. A pesquisa evidencia que o V Curso tem sido um excelente espaço de reflexão e também de formação para profissionais que atuam a distância.

Segundo os tutores, o V Curso oferece, um referencial teórico bastante aprofundado sobre a modalidade do ensino a distância. Com isso, conclui-se que cursos de formação para profissionais que atuam a distância são vitais e contribuem positivamente para a qualidade do ensino.

A formação não tem uma característica de apenas complementar algo que não foi suficiente na formação inicial. Tem sim o intuito de instigar o profissional a criar mecanismos de ajustes para melhorar sua prática.

As informações destacadas na pesquisa demonstram que há uma preocupação por parte desses profissionais para que se estabeleça uma continuidade das ações de formação dentro da Universidade Aberta do Brasil. Existem sim muitas dificuldades, mais iniciativas de formação permanente possibilitam avanços no trabalho desses profissionais.

Como fora apontado nos capítulos iniciais deste trabalho, faz-se necessário também que a UAB, impulse bem como abra espaços para a formação permanente. É preciso que essa formação se enraíze dentro da UAB. Embora no discurso de muitos educadores e também na legislação se observem avanços em relação à formação de profissionais que atuam a distância, ainda não foi possível estabelecer uma política de formação continuada mais séria no que cerne a criação de condições de espaços para a formação.

Com certeza essa pesquisa não acaba por aqui, a amplitude da formação continuada e suas influências no sistema UAB traz inúmeras indagações que não se esgotam apenas no olhar do tutor. Trata-se de um sistema complexo, de diversos atores e muitos mecanismos que interferem no desempenho do profissional de quem atua a distância. Diante dessa realidade, cabe sempre refletirmos sobre a formação e também sobre os caminhos que ela percorrerá até influenciar todo um sistema como no caso da UAB no Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

AIRES, Carmenísia Jacobina. **Planejamento e Gestão Escolar**. PEDEaD, módulo VI, Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

ALVES, Aglaé Cecília Toledo Porto et AL. **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. José Armando Valente, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (organizadores). São Paulo: Avercamp, 2007.

ALVES, João. R. M. **A história da EAD no Brasil**. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. M. M. (Org). Educação a Distância o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. Cap. 2. p, 9-14.

BARBOSA, M. F. S. O. ; REZENDE, F. **A prática dos tutores em um programa de formação pedagógica a distância: avanços e desafios**. Interface, Botucatu, SP, v. 10, n. 20, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso: setembro, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL.**Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006**. Dispõe sobre o sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB. Disponível em <http://www.mec.gov.br>. Acesso em julho de 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Parecer CNE/CP 009/2001**. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior. 2001. Disponível em: www.mec.gov.br Acesso em: julho de 2011.

Belloni, Maria L. **Educação a distância**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

CANDAU, Vera Maria F. **Formação Continuada de Professores: tendências atuais**. In: REALI, Aline M. M. Rodrigues; MIZUKAMI, Maria da Graça N. (Orgs.) Formação de Professores: tendências atuais. 1ª reimpressão. São Carlos: EdUFSCar, 2003.

CANDAU, Vera Maria. **Formação Continuada de Professores: tendências atuais**. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Magistério: construção cotidiana. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

COSTA, Nadja. **A formação contínua de professores: novas tendências e novos caminhos**. Holos, Ano 20, dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.cefetrn.br/dpeq/holos/anterior/200412/pdfs/pp63-75.pdf>> Acesso em outubro de 2011.

COLLARES, Cecília e MOYSÉS, Maria Aparecida. **Construindo o sucesso na escola uma experiência de formação continuada com professores da rede pública.** In: Cadernos Cedes 36. Educação continuada. Campinas: SP:1995, (p. 95-110)

DEMAILY, Lise Chantraine. **Modelos de Formação Contínua e Estratégias de Mudança.** In: NÓVOA, António (org.). Os Professores e a sua Formação. 2ª ed. Portugal, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

DEMO, Pedro. **Formação Permanente e Tecnologias Educacionais.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

DIAS, Rosilânia Aparecida; LEITE, Lígia Silva. **Educação à distância: da legislação ao pedagógico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33ª Ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, (2006)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não, Cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo. Ed. Olhos d' água, SP 2007.

FREEMAN, Richard. **Planejamento de sistemas de educação à distância: Um manual para decisores.** The Commonwealth of Learning – COL. Vancouver, Canadá, 2003. Disponível em: < <http://www.col.org/> > Acesso em: outubro de 2011

GATTI, Bernadete, ESPOSITO, Yara L., SILVA, Rose Neubauer da. **Características de professores(as) de 1º grau no Brasil : perfil e expectativas .** Educação & Sociedade, v. 15, ago. 1997. Disponível em: WWW. Unemate-net.br. Acesso em: Junho de 2011.

GARCIA ARETIO, L. **La educación a distancia: de la teoría a la práctica.** Barcelona: Ariel Educación, 2001. Disponível em: <http://gredos.usal.es/jspui/handle/10366/72710>. Acesso: setembro, 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília, Liber, Livro, 2005.

GIROUX, Henry A. **Os Professores como intelectuais transformadores: rumo a uma nova pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas.

GODOY, Arilda. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995

GOMES, Candido Alberto da Costa. **A legislação que trata da EAD.** In: LITTO, F. M; FORMIGA, M. M. M. (Org.) **Educação a Distância o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. Cap 4, p. 21-27.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. 4ª Ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos da tutoria em educação a distância**. São Paulo: Avercamp, 2005.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza**. 3.ed. São Paulo: Cortez, (2010).

LEITE, Ivonaldo. **Novas tecnologias, trabalho e educação: desorganizando o consenso**. Lisboa: Dinossauro, (2002)

LEITÃO, Cleide Figueiredo; PERROTTA, Carmen; LEAL, Maria Leonor de Macedo Soares; FARAH NETO, Miguel. **A formação dos tutores do curso de formação pedagógica em educação profissional na área de saúde: enfermagem**. Disponível em: acesso em URL: <http://www.abed.org.br/congresso2004/>. Acesso em setembro de 2011.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996

MAGGIO, Mariana. **O Tutor na Educação a Distância**. In: LITWIN, Edith. **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MALHOTRA, Naresh.. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARRACH, Sônia – **Neoliberalismo e educação**. In GUIRALDELLI JR, Paulo – **Infância educação e neoliberalismo**. São Paulo: editora Cortez, 1996.

MARTINS, Luiz Roberto Rodrigues. **Educação a Distância na Universidade de Brasília: uma trajetória de janeiro de 1979 a junho de 2006**. Dissertação [Mestrado]. Universidade de Brasília, 2006.

MOREIRA, Marco. Antônio. **Aprendizagem significativa: A Teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

MOREIRA, Antônio. F. B.; KRAMER, Sônia. **Contemporaneidade, educação e tecnologia**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: setembro de 2011.

MOTA, R.; FILHO, H. Universidade Aberta e perspectivas para a educação a distância no Brasil. In: BRANDÃO, Bárbara Lúcia Silva. **O Curso de Formação de Professores da UAB/UnB: Elementos para uma possível Renovação Metodológica nos Processos Formativos da Graduação a Distância na Universidade de Brasília**. [Monografia] Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2008)

Nóvoa, Antônio (org.) **Formação de Professores e profissão docente**. In: NÓVOA, Antônio. Os Professores e sua Formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PRADA, Luis Eduardo. **Formação participativa de docentes em serviço**. Taubaté. Cabral, Editora Universitária, 1997.

PERRENOUD, Philpe. **Formação contínua e obrigatoriedade de competências na profissão de professor. Sistema de avaliação educacional**. São Paulo FDE, 1998.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição. Tendências e desafios**. (L.F de S. Mendes, Trad.). São Leopoldo: Editora Unisinos (2004)

PIMENTA, Selma. G. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

SÁ, Iranita M. A. **Educação a Distância: Processo Contínuo de Inclusão Social**. Fortaleza, C.E.C,1998.

SANTOS, Edilamar Oliveira. **A Formação Continuada na Rede Municipal de Ensino do Recife: Concepções e Práticas de uma Política em Construção**. Tese [Doutorado]. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

SCAVAZZA, Beatriz Leonel; SPRENGER, Angela. A história da EAD no mundo. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Org.) **Educação a Distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. Cap 37, p. 263-269.

SHEIBE, Leda. Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia: trajetória longa e inconclusa. **Cadernos de Pesquisa**. V. 37, nº 130, p. 43-62, jan/abr, 2007. Acesso em julho de 2011.

SCREMIN, Lucinéia; MARTINS, P. P. – **O processo de mercantilização da Educação Superior**. Revista da UFG, Vol. 7, No. 2, dezembro, 2005. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/45anos/D-mercantilizacao.html. Acesso: Julho de 2011.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. TAYLOR, James. Fifth generation distance education- Higher education series. Report, (2001)

VYGOTSKY, L.S.-**A Formação Social da Mente**- 6ª Ed.São Paulo: Martins Pontes, 1998.

ZEICHNER, Keneth. **A Formação Reflexiva de Professores: ideias. e práticas.** Lisboa, Portugal: Educa, 1993

III PERSPECTIVAS FUTURAS

Primeiramente gostaria de dizer que estou muito feliz por estar formando em uma das melhores Universidades do Brasil. Tenho muito orgulho de ter estudado na UnB e acredito que o meu futuro será muito bom, pois trabalhei quatro anos em prol de minha formação. Como acredito na formação continuada para qualquer profissional seja ele docente ou não, tenho um compromisso ético e social em continuar estudando e me dedicando, para poder desempenhar minhas funções de educadora cada vez melhor.

Meu maior sonho hoje é ser servidora pública. Quero muito passar num concurso, de preferência na área educacional. Atualmente trabalho em uma escola privada, mas não quero ficar ali, dado a instabilidade empregatícia que essa escola apresenta.

Tenho como maior meta fazer um mestrado na área de EAD, no próximo ano.

Sei que tenho inúmeros desafios pela frente, mas já me sinto vencedora por ter chegado até aqui. Tenho fé e creio que Deus estará comigo nessa próxima fase da minha vida. Olho sempre para trás e lembro-me de onde eu vim, e aonde eu consegui chegar. Às vezes fico me perguntando como eu consegui chegar até a UnB, mesmo em meio a tantas dificuldades. Fico muito feliz por que eu consegui. As dificuldades não foram maiores do que eu, graças a Deus! Diante disso tudo tenho certeza que o meu futuro será tão bom quanto o presente tem sido.

APÊNDICES



UnB- Universidade de Brasília

FE-Faculdade de Educação

Professora/Orientadora: Doutora Carmenisía Jacobina

Aluna: Beatriz Helena Pinho Silva/0940151

Roteiro: Grupo focal

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão por terem aceitado o convite de participar da pesquisa. Meu nome é Beatriz Helena, sou graduanda de pedagogia da Universidade de Brasília e a pesquisa da qual estou realizando trata da Formação Continuada oferecida pelo V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância com o foco na experiência da tutoria de vocês.

Nos últimos tempos a modalidade de ensino a distância tem evoluído muito e crescido substancialmente. Diante dessa realidade, iniciativas como as da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em oferecer um curso de Especialização em Educação continuada são relevantes e devem ser analisadas.

O ensino a distância é uma modalidade distinta, o profissional que deseja trabalhar com esse tipo de educação deve estar sempre revendo suas ações e refletindo sobre sua prática. Com o decorrer dos anos, a tutoria precisou adaptar-se e também “amadurecer”, para dar conta da grande demanda que se configurou com os avanços da modernidade e da crescente tecnologia. Diante dessa realidade, o objetivo do meu trabalho é identificar o que é a formação continuada no âmbito do V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância, e quais as influências que essa formação traz para o desempenho do trabalho do tutor.

Nessa reunião, falem livremente sobre o tema, abordando aspectos que considerem importantes e peço a colaboração de todos os presentes para que, durante quarenta minutos, possamos falar sobre esse assunto que faz parte do cotidiano de vocês, motivo pelo qual foram reunidos aqui.

Gostaria de acrescentar que a finalidade dessa reunião é identificar as valiosas contribuições que o grupo tem para oferecer, de modo que todas as opiniões aqui apresentadas serão de grande importância. Por fim, peço a permissão de gravar o nosso encontro, pois dessa forma terei melhores condições de registrar as informações que vocês estiverem falando.

Feitos os esclarecimentos, começamos a nossa discussão acerca da visão que vocês possuem sobre Formação Continuada e também gostaria que vocês falassem um pouco sobre o V Curso do qual vocês são tutores.

Quem gostaria de começar?

Definição de mediador

O moderador para Malhotra (2004) tem papel relevante, pois ele deverá conduzir a discussão de maneira que ela não se afaste do foco da qual foi proposto. O moderador deve mediar todas as ações, introduzir as temáticas que deverão ser discutidas de maneira que os entrevistados tenham plena liberdade em responde-las dentro daquilo que foi proposto. O moderador é um animador, deve estar atento em todos os momentos críticos da discussão de modo que oriente a discussão da qual ele propôs.

De acordo com a metodologia do grupo focal, o mediador deverá intervir o mínimo possível e com isso os tutores deverão se sentir a vontade para discutir o tema proposto. No entanto o mediador deverá estar atentado a todos os momentos críticos do grupo, não deixando o assunto se desviar da temática prevista.

Para isso, o mediador fará uso de um roteiro que servirá de guia para a pesquisa. O uso do roteiro auxiliará na gestão do tempo e também guiará as falas do mediador, pois ele provocará o assunto de acordo com a seqüência proposta, logo a utilização desse roteiro é diferente de uma entrevista, pois dividirá a discussão em blocos.

O primeiro bloco do grupo focal foi destinado para situar os participantes no contexto da Formação Continuada no âmbito do V Curso da qual eles exercem a tutoria

1º bloco: Comentário geral sobre a Formação:

- a) Leitura do texto motivador pelo moderador.
- b) Conceito de Formação Continuada que os tutores possuem?
- c) Como eles entendem a formação continuada oferecida pelo V Curso?

O segundo bloco do grupo focal abordará as influências da formação continuada oferecida pelo V Curso para o desempenho do tutor dentro da UAB.

2º bloco: Sobre a Formação oferecida pelo V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância para o sistema UAB e também as influências da formação no desempenho do trabalho do tutor.

- a) Relevância que os tutores dão para a formação Continuada dentro do Ensino a Distância?

- b) Influências que a formação traz para o sistema UAB no que diz respeito ao profissional-aluno.*

Por fim, o último bloco do grupo focal terá como considerações

3º bloco: Considerações finais

- a) Se o V Curso em Educação Continuada e a Distância leva em consideração os aspectos da prática docente e as necessidades do sistema UAB?
-

Introdução

Nos últimos tempos a educação a distância tem crescido muito e atendido boa parte da demanda educacional. A figura do tutor dentro desse ensino é de grande valia para o desenvolvimento do aluno, pois esse profissional realiza a mediatização entre o aluno e o conhecimento auxiliando-o em todos os momentos do curso.

Esses profissionais que também são docentes e exercem sua prática pedagógica nessa modalidade devem ter sua prática voltada para o uso das tecnologias dominando todos os recursos que as tecnologias de informação e comunicação oferecem. É importante também, que esse profissional desenvolva um bom relacionamento com os alunos, utilizando metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem dos discentes. Diante de todas as particularidades que a docência a distancia apresenta, o tutor como profissional deve refletir constantemente sobre sua prática procurando rever suas ações em prol da melhoria de seu desempenho.

Mediante essa realidade será tratada na pesquisa como os tutores percebem a formação continuada dentro do V curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância, e, por conseguinte, as influências que a formação trazem para a mediação pedagógica dentro do Ambiente Virtual de Aprendizagem para a Universidade Aberta do Brasil.

Objeto de Estudo

Realizando um estágio na Universidade Aberta do Brasil, observei que os tutores precisam buscar se adequar e entender as constantes mudanças que a Tecnologias de Comunicação e informação passam. Diante dessa realidade, a pesquisa tratará acerca da formação continuada a partir da percepção dos tutores no âmbito do V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância.

Gonzalez (2004) traz a questão da importância de formação continuada para os tutores, pois a EAD traz ferramentas novas, terminologias diferentes. O tutor, deve se envolver com todos os fatores inerentes ao aluno e a problemática que o emerge nessa realidade, sendo esse profissional sujeito ativo de seu processo de ensino, conhecedor e reconhecedor crítico de sua realidade.

O tutor como qualquer outro profissional enfrenta diversas dificuldades. Sejam elas de ordem prática no que diz respeito ao manejo com as tecnologias e softwares de educação, ou de ordem dialógica no que cerne a parte ligada ao desafio de ser docente à distância, já que o tutor também é um especialista na temática da qual exerce a tutoria.

Problema

Qual a percepção que os tutores do V Curso em Especialização em Educação Continuada e a Distância tem em relação à formação oferecida pelo referido curso, bem como as influências dessa formação para o sistema Universidade Aberta do Brasil?

Objetivo Geral

Identificar e analisar o que é a formação continuada no âmbito do V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância para os tutores.

Objetivos Específicos

- 1- Identificar a concepção que o tutor possui de formação continuada;
- 2- Analisar como os tutores compreendem a formação oferecida pelo V Curso;
- 3- Compreender como os tutores analisam a relevância da formação, bem como a infra-estrutura tecnológica, processo de interação pedagógica, conteúdo e metodologia.
- 4- Identificar a partir da percepção do tutor se o V Curso em educação Continuada e a Distância propõe uma formação baseada na reflexão da prática pedagógica específica do ensino a distância.
- 5- Verificar se o V Curso, a partir da visão das tutoras, conseguiu influenciar positivamente o sistema UAB.

Metodologia da pesquisa

Pesquisa Qualitativa

Tendo como fundamento teórico metodológico a pesquisa qualitativa, será realizada uma pesquisa sobre V Curso de Especialização em educação continuada e a distância oferecida pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. FE- UnB.

A pesquisa qualitativa de cunho social visa investigar determinados fenômenos a partir do enfoque dos participantes, a despeito de suas concepções e perspectivas. Esse tipo de pesquisa segundo Godoy (1995, p.58) explicita algumas características:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não definitivo a análise dos dados é realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos e por fim tem como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuições de resultados.

A pesquisa qualitativa parte da realidade e para isso utiliza-se atitudes, crenças, e comportamentos. A pesquisa por considerar o ambiente e suas ingerências traz um enfoque que se difere em alguns pontos do quantitativo, no entanto Gonsalves (2007) traz que a natureza dos dados deve ser cuidadosamente analisada, logo superar a idéia de que

pesquisa qualitativa não envolve dados quantitativos traz um retorno positivo para o investigador.

Lócus da pesquisa

A pesquisa será realizada com os tutores do V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância. O curso tem como principal objetivo formar profissionais para a atuação em cursos oferecidos pelo sistema UAB. Possui uma oferta regular a cada ano com carga horária de 420 horas, divididas entre os dez módulos que constituem o curso.

Sujeitos da Pesquisa

O universo da pesquisa será constituído de seis tutores que trabalham no curso. Trata-se de uma amostra de tutores intencional, pois eles trabalham num Curso de Formação em Educação Continuada e Distância, sendo este Curso o foco da pesquisa.

Esses tutores são profissionais da Universidade Aberta do Brasil, que participaram de versões anteriores do Curso e também foram aprovados em processo seletivo para serem tutores do referido curso, realizado pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Grupo Focal

Conceito

Segundo Powell e Single (apud GATTI, 2005, p.7) o grupo focal é “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal.”

A pesquisa visa investigar, utilizando-se da metodologia do grupo focal, a formação continuada oferecida no âmbito do V Curso de Especialização em Educação

Continuada e a Distância, e quais as influências que essa formação traz para o desempenho do trabalho do tutor.

Realizar um grupo focal com os seis tutores do curso facilitará a pesquisa, pois se tratá de um grupo homogêneo, no entanto ponto de vistas e concepções se diferem, pois são seis olhares distintos sobre um mesmo enfoque. A principal característica da técnica de Grupos Focais reside no fato de ela trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes, permitindo que eles apresentem o que pensam simultaneamente.

Nesses grupos, a interação entre os participantes é muito importante. Pois a partir dessas interações surgirão trocas e é nessas trocas que muitos aspectos serão analisados e diversos pontos de vistas surgirão enriquecendo a pesquisa. O objetivo da referida pesquisa é ultrapassar o limite da descrição, com o intuito de obter uma interpretação mais aprofundada sobre os significados trazidos por meio dessas interações. E esse objetivo é a vertente mais defendida na Sociologia, Psicologia Social e na Educação. Ela traz que o grupo focal, na condição de técnica de pesquisa, deve propiciar a interação e a troca de experiências, embora esteja focado em um tema. A partir dessa vertente que será organizado o desenvolvimento do grupo focal realizado nessa pesquisa.

Organização e Desenvolvimento do Grupo Focal

O número de participantes do grupo deve levar em conta alguns fatores. É recomendado para o bom desenvolvimento do grupo focal, que ele não seja muito grande. O requerido desta metodologia é de cinco a nove participantes, no caso dessa pesquisa, o grupo será composto por seis participantes que está na média dos grupos focais, sendo esta quantidade propícia para o bom desenvolvimento do grupo.

O grupo escolhido é de natureza homogênea. Pois todos são tutores do mesmo curso. A escolha desses tutores deve-se ao diferencial destes profissionais trabalharem em um Curso de Formação Continuada dentro do Ensino a Distância. Esses profissionais estão ligados a discussão de formação. GATTI (2005, p.7), traz que: ... “Para a realização do grupo focal “os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas.”

A escolha desse grupo não foi ao acaso pretende-se a partir dele elencar e identificar diversos conceitos e percepções do que é a formação para o tutor bem como as influências da formação oferecida pelo V Curso para o Sistema UAB.

Papel do mediador e o roteiro do grupo focal

Definição de mediador

O moderador para Malhotra (2004) tem papel relevante, pois ele deverá conduzir a discussão de maneira que ela não se afaste do foco da qual foi proposto. O moderador deve mediar todas as ações, introduzir as temáticas que deverão ser discutidas de maneira que os entrevistados tenham plena liberdade em responde-las dentro daquilo que foi proposto. O moderador é um animador, deve estar atento em todos os momentos críticos da discussão de modo que oriente a discussão da qual ele propôs.

De acordo com a metodologia do grupo focal, o mediador deverá intervir o mínimo possível e com isso os tutores deverão se sentir a vontade para discutir o tema proposto. No entanto o mediador deverá estar atentado a todos os momentos críticos do grupo, não deixando o assunto se desviar da temática prevista.

Para isso, o mediador fará uso de um roteiro que servirá de guia para a pesquisa. O uso do roteiro auxiliará na gestão do tempo e também guiará as falas do mediador, pois ele provocará o assunto de acordo com a seqüência proposta, logo a utilização desse roteiro é diferente de uma entrevista, pois dividirá a discussão em blocos.

O primeiro bloco do grupo focal foi destinado para situar os participantes no contexto da Formação Continuada no âmbito do V Curso da qual eles exercem a tutoria

1º bloco: Comentário geral sobre a Formação:

-
- a) Leitura do texto motivador pelo moderador.
 - b) Conceito de Formação Continuada que os tutores possuem?
 - c) Como eles entendem a formação continuada oferecida pelo V Curso?

O segundo bloco do grupo focal abordará as influências da formação continuada oferecida pelo V Curso para o desempenho do tutor dentro da UAB.

2º bloco: Sobre a Formação oferecida pelo V Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância para o sistema UAB e também as influências da formação no desempenho do trabalho do tutor.

- a) Relevância que os tutores dão para a formação Continuada dentro do Ensino a Distância?
- b) *Influências que a formação traz para o sistema UAB no que diz respeito ao profissional-aluno.*

Por fim, o último bloco do grupo focal terá como considerações

3º bloco: Considerações finais

- a) Se o V Curso em Educação Continuada e a Distância leva em consideração os aspectos da prática docente e as necessidades do sistema UAB?